

Rafaella Prata Rabello

**A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental
da cidade na *fanpage* “Maria do Resguardo”**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora
2015

Rafaella Prata Rabello

**A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental
da cidade na *fanpage* “Maria do Resguardo”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora
2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rabello, Rafaella Prata.

A Juiz de Fora que habita na memória : uma cartografia sentimental da cidade na fanpage "Maria do Resguardo" / Rafaella Prata Rabello. -- 2015.

126 f. : il.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

1. Comunicação. 2. Fanpage. 3. Cidade. 4. Memória. 5. Facebook. I. Musse, Christina Ferraz, orient. II. Título.

A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental da cidade na *fanpage* “Maria do Resguardo”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Christina Ferraz Musse.

Dissertação aprovada em 26/ 02/2015.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Orientadora

Prof. Dra. Gabriela Borges Martins Caravela (UFJF) – Convidada

Prof. Dra. Leticia Cantarela Matheus (UERJ) – Convidada

Aos meus pais Cristina e José pelo amor e dedicação de sempre. Ao querido tio Wilmar, que deixou comigo a incumbência de estudar sobre a nossa cidade. Ao meu avô Luiz Prata, eternamente nas minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai de misericórdia, que me acolhe e protege em todos os momentos, permitindo que a luz se faça presente nos caminhos desta vida.

Agradeço aos meus pais, Cristina e José, pelo amor, pelas palavras diárias de ânimo e pela fé depositada em mim. Foram muitos anos de estudo graças ao apoio de vocês! À minha mãe, responsável por me fazer entender desde pequena o bem precioso dos estudos. Agradeço à minha irmã Isabella por me ensinar que através da coragem vencemos qualquer desafio. Agradeço à minha avó Therezinha pelo cuidado que sempre teve comigo. À minha avó Hilda por todas as orações. Aos meus familiares, participantes da torcida pelo sucesso na conclusão de cada etapa. Ao Atenir Júnior por ser prestativo e atencioso.

Agradeço à professora Christina Ferraz Musse pela orientação na graduação e no mestrado. A amizade que nasceu de uma simples conversa na Secretaria de Comunicação da Universidade (UFJF) e cresceu com encontros nas salas de reunião do grupo “Comunicação, Cidade, Memória e Cultura” no escritório e no MAMM, nas aulas da FACOM, em momentos familiares, nas viagens para congressos, trocas com lágrimas e sorrisos, ensinamentos, que me proporcionaram um imenso progresso pessoal e profissional.

Agradeço à madrinha e pesquisadora Rosali Henriques, que eu tanto admiro e peça chave desta pesquisa, desde a concepção do projeto até a escrita da dissertação. Todos os conselhos ficarão na memória. Agradeço aos professores Gabriela Borges e Wedencley Alves pelas importantes contribuições dadas durante a minha banca de qualificação. À Leticia Matheus pela participação como convidada da banca e por todas as contribuições enriquecedoras desde o primeiro artigo da pesquisa. Marcelo Lemos, que pelo amor devotado à cidade me proporcionou um objeto tão rico de pesquisa. Agradeço à família Bracher pelo desprendimento com a doação das imagens de Juiz de Fora. Aos mestres dos cursos de Jornalismo no CES/JF e de Letras na UFJF.

À Dilhenny Dilly, que pelos laços da amizade se mantém perto independente de qualquer distância geográfica. À amiga fiel e acolhedora Haydêe Arantes. À Daniella Lisieux pela parceria nos artigos. À Flávia Cadinelli, Michelle Pires Guimarães, Paloma Destro, Fernanda Sanglard e Gihana Fava pelas risadas nos passeios e por diálogos enriquecedores. Aos colegas divertidos Jordane Trindade e Vitor Resende.

Aos queridos Pablo Casso e Mônica Rocha, essenciais para o meu equilíbrio emocional. Ao professor de inglês J3sus Medeiros, que me acompanhou na prepara33o para a prova de sele33o e foi sol33cito com as tradu33o33es de resumos.

Aos professores do PPGCOM pelo conhecimento compartilhado. Aos colegas da s33tima turma pela companhia nas aulas e nos momentos de descontra33o. 33 secret33ria do PPGCOM, Ana Cristina, pela generosidade para nos ajudar. 33 Gabriella Ribeiro pela aten33o dispensada.

RESUMO

Analizamos a concepção da memória espacial e sentimental de postagens na *fanpage* do *Facebook* “Maria do Resguardo”, criada em 2009. Procuramos desvelar as múltiplas representações da cidade de Juiz de Fora, MG, expostas nas fotografias “postadas”, baseadas na memória, como referências fundamentais para a habitação desta “cidade imaginária” reconstruída na rede social, através de fotografias que ficam expostas na virtualidade. Propomos uma linha teórica sobre os eixos de discussão que o assunto suscita: os lugares de memória; o espaço urbano e sua configuração; o *Facebook* como espaço de trocas e avivamento da memória. Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo (AC) das trinta publicações da *fanpage* com maior alcance na amostra dos meses de maio, julho e setembro de 2014.

Palavras-chave: Comunicação; *fanpage*; Cidade; Memória; *Facebook*.

ABSTRACT

This thesis analyses the conception of spatial and sentimental memories of postings in the Facebook fanpage, “Maria do Resguardo”, created in 2009. Through thorough analysis, it unveils the multiple representations of the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, Southeast of Brazil, exposed in the photos posted, based on memory, as fundamental references for the dwelling of this “imagined city” rebuilt in the social network. Using concepts of identity and memory of Cultural Studies, a discussion is established in the urban space and its configuration; the Facebook as a place of memory. It was employed as a methodology the Content Analyses (CA) of thirty publications in its fanpage with the farthest reach in the samples of May, July and September of 2014. With the creation of categories of content of photos and comments posted, it was drawn the sentimental cartography of the city, built in the social network.

Keywords: Communication, *fanpage*, City, Memory, *Facebook*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE.....	13
2.1 Os conceitos de memória e a relação com a identidade.....	13
2.2 Representações da memória e do esquecimento.....	16
2.3 Memória do lugar = lugar de memória.....	21
3 A CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DA CIDADE.....	22
3.1 Os sentidos da cidade.....	22
3.2 A Juiz de Fora que habita na memória.....	28
4 A INTERNET COMO ESPAÇO CONVERGENTE DE MEMÓRIAS.....	32
4.1 Breve histórico da internet.....	32
4.2 A evolução das redes sociais.....	34
4.3 <i>Facebook</i> e o compartilhamento de memórias no coletivo digital.....	35
4.4 A fotografia enquanto suporte de memória no <i>Facebook</i>	37
5 FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”: O “LUGAR DA MEMÓRIA” DE JUIZ DE FORA.....	40
5.1 O surgimento e as características do <i>blog</i> e da <i>fanpage</i> “Maria do Resguardo”.....	40
5.2 O estudo da <i>fanpage</i> “Maria do Resguardo”.....	47
5.3 Análise de conteúdo: metodologia de pesquisa das postagens.....	55
5.4 Memórias de Juiz de Fora nas imagens postadas na <i>fanpage</i> “Maria do Resguardo”.....	58
5.4.1 Postagens de maio/2014.....	59
5.4.2 Postagens de julho/2014.....	76
5.4.3 Postagens de setembro/2014.....	97
5.5 Classificação e interpretação das imagens por categorias.....	110
Tabela 1 – Categorias de análises das imagens.....	111
5.6 Classificação e interpretação dos comentários por categorias.....	113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	118

1. INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, o desejo de memória se revela de diversas maneiras: na construção de museus e memoriais, nos projetos de memória de instituições, no aumento dos romances autobiográficos, no *backup* de arquivos em mídias como HD externo, *pen drive* ou na computação em nuvens, na moda dos *selfies*, autorretratos tirados pelo próprio usuário usando a câmera de um celular, em que os conteúdos armazenados podem ser acessados de qualquer lugar do mundo através da internet. E, a própria internet e, principalmente as redes sociais, enquanto espaço de apresentação de registros memoriais é uma poderosa ferramenta de preservação e divulgação da memória social. Mas, ao mesmo tempo em que se proliferam espaços e situações de memória, esse excesso de memória pode relegar ao esquecimento das postagens compartilhadas no ambiente virtual.

Os estudos sobre a memória são observados em múltiplos campos disciplinares e despertam para a necessidade de recuperação do passado como forma de interpretação do presente. O retorno às memórias demonstra uma tentativa do sujeito de busca por uma referência, em que possa se balizar diante da fugacidade do tempo-presente. O sujeito busca as próprias origens, o pertencimento e formas de compreensão da história de vida, já que a memória apresenta-se como parte da identidade. Entendemos que a memória é um fenômeno construído individual e socialmente, através da relação que estabelecemos com os outros. Nossas memórias não são representações exatas do nosso passado, mas sim são lembranças moldadas às características, circunstâncias e percepções do presente. Destacamos ainda que a memória tem como elemento constitutivo o esquecimento, essencial para sua sobrevivência.

A escolha do objeto de pesquisa se justifica pela tradição visual de Juiz de Fora¹, Zona da Mata mineira, que desde o Brasil Império tem na fotografia uma das formas mais expressivas de registro do seu cotidiano. Tanto que, o acervo da coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio é referência para todo o país. Além disso, por ter sido uma cidade com grande expressão na imprensa, existem fotos muito relevantes de todo o século XX, inclusive do golpe militar de 1964, que foi deflagrado em Juiz de Fora.

¹ Juiz de Fora é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais. Localiza-se a sudeste da capital do estado (Belo Horizonte), distando de 283 km. Sua população foi contada, no ano de 2010, em 516 247 habitantes, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sendo então o quarto mais populoso de Minas Gerais e o 36º do Brasil.

A veia memorialística da cidade também pode ser levada em conta: Pedro Nava, maior expoente do memorialismo no Brasil, nasceu na cidade e dedicou boa parte de sua obra a remontar os fragmentos de um lugar do seu tempo. Em sua obra ele retrata o cotidiano e a vida do início do século XX, de uma Juiz de Fora imaginada, através de lugares. A escritora Rachel Jardim, também nascida na cidade, relata no livro “Os anos 40” as lembranças da juventude e posteriormente escreve “Cheiros e ruídos”, mostrando as camadas da memória que estão presentes nesta ressignificação imaginária.

No campo do audiovisual, devemos citar João Gonçalves Carriço (1886 — 1959), que foi um dos pioneiros do cinema brasileiro: fundou em 1934 a Carriço Film, passando a produzir cinejornais e documentários, os quais retratavam a vida social e política da cidade, como por exemplo, as visitas do presidente Getúlio Vargas, festas populares e religiosas, eventos esportivos, além das primeiras experiências de transmissão de televisão em Juiz de Fora.

Atualmente, algumas experiências memorialísticas da cidade estão concentradas na *web*, com *blogs* e grupos de amigos, que compartilham fotografias antigas da cidade. Neste trabalho, estudamos a *fanpage* “Maria do Resguardo” com 5.493 curtidas, que derivou dos trabalhos do *blog* homônimo, criado em 2009, na cidade de Juiz de Fora. O *blog* disponibiliza imagens com postagens diárias, tem 297 membros e possui mais de 930 mil acessos. De acordo com o gestor, Marcelo Lemos, já foram postadas 15 mil imagens e o trabalho deve se perpetuar pelos próximos dez anos. Optamos por estudar a *fanpage*, visto que o *Facebook* é a maior rede social do mundo: possui 1,32 bilhão de membros. Além da grande popularidade entre os brasileiros, que acessam e publicam diariamente em seus perfis, comentam publicações de *fanpages* e compartilham diversos conteúdos.

Ao se decidir pesquisar os registros de memória em uma *fanpage* do Facebook algumas questões vieram à tona. Quais são os registros de memória compartilhados na rede social? Como é interação do público com esses registros de memória compartilhados nas redes sociais? Como é essa cidade imaginada, essa Juiz de Fora que habita no passado e que vive na imaginação das pessoas? Sobre os objetivos gerais, buscamos detectar a representação da cidade que habita na memória do juiz-forano, a partir da postagem de fotografias na *fanpage* “Maria do Resguardo”, além de verificar as memórias coletivas dos espaços através das imagens e os discursos que emergem sobre elas, visando à elaboração de uma cartografia sentimental de Juiz de Fora.

Já em relação aos objetivos específicos, nos propusemos a compreender o interesse preferencial das pessoas pela rememoração monumental de Juiz de Fora, em detrimento de imagens de fatos comuns do dia-a-dia. Observar e analisar essa espécie de reciclagem e/ou reapropriação de imagens públicas que é feita nas redes sociais. Identificar as imagens de locais demolidos do espaço público real que são ressuscitados no espaço público virtual. Reconhecer as fotos mais postadas, com maior número de comentários, compartilhamentos, curtidas e alcance no *Facebook*. Avaliar as coincidências (ou não) entre o material postado (por exemplo: mais fotos de prédios públicos, de escolas, de ruas, etc.). Descobrir se as fotos são manipuladas em programas editores de imagem.

Dados fornecidos pelo *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foram utilizados para fazer a contextualização de Juiz de Fora. Realizamos entrevistas com alguns autores das fotografias. O corpus da pesquisa se concentrou nos meses de maio, julho e setembro de 2014. Vale ressaltar que a escolha deste intervalo de tempo não foi aleatória: maio é o mês do aniversário da cidade; julho e setembro estão no segundo semestre do ano, evitando assim que as amostras ficassem viciadas, caso fossem condicionadas a uma análise curta e sequenciada.

Em relação ao aporte teórico, o primeiro capítulo dedica-se a explicar os conceitos-chave de identidade e memória que perpassam todo o nosso trabalho. A pesquisa teve como base a corrente teórica dos Estudos Culturais que percebe a identidade como um fenômeno construído socialmente. Já em relação ao conceito de memória, contamos com as contribuições de Michael Pollak, Maurice Halbwachs, Andreas Huyssen, Éclea Bosi, entre outros.

Fizemos uma reflexão sobre os sentidos da cidade no segundo capítulo, buscando interpretações para esta questão, através dos estudos de Renato Cordeiro Gomes relacionados às escritas de Italo Calvino, Raquel Rolnik, Janice Caiafa e Rosane Araujo. Traçamos uma cartografia de Juiz de Fora com elementos de um passado recente e distante, através de uma descrição histórica, incluindo a discussão acerca do patrimônio.

O terceiro capítulo trata da *internet* como um espaço agregador de memórias, graças às especificidades das redes sociais que se popularizam no ambiente virtual e que são bastante utilizadas pelos brasileiros. O afeto no *Facebook* é explicado por Lucia Santaella. Já as reflexões sobre o coletivo digital que fica disponível na rede são trazidas

pelo pesquisador Armando Silva. Para esmiuçar o papel da fotografia, utilizamos Mirian Moreira Leite, Roland Barthes e Paula Sibilia.

No capítulo 4 discutimos a metodologia adotada da análise de conteúdo, e nos detemos, majoritariamente, no estudo empírico das postagens encontradas na *fanpage* “Maria do Resguardo”. Registramos a trajetória do trabalho desenvolvido pelo gestor Marcelo Lemos ao criar o *blog* de fotos antigas e, posteriormente, a *fanpage* no *Facebook* com o intuito de compartilhar as memórias da cidade. Nesta parte da pesquisa, nos esforçamos para expor os aspectos mais representativos de nossa análise: as informações sobre cada postagem com dados qualitativos e quantitativos, as categorias dos comentários e das fotografias, com o intuito de tornar mais inteligível o estudo efetivado.

A partir da criação das categorias de análise, buscamos definir qual o tipo de memória que emerge na *fanpage* “Maria do Resguardo” e o que esta narrativa construída na rede social nos revela sobre a cidade. Esta pesquisa teve início na época da iniciação científica e se estendeu nos dois anos do mestrado, fazendo com que pudéssemos reunir diversos elementos do nosso objeto. Esperamos que através da leitura seja possível entender o nosso percurso de investigação para esclarecer a perspectiva que encontramos da cidade no *Facebook*.

2. MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Recordar ou esquecer é um trabalho de jardineiro, selecionar, desbastar. As recordações são como as plantas: há algumas que é preciso eliminar rapidamente para ajudar as outras a desabrochar, a transformar-se, a florescer (AUGÉ, 2001, p.23).

Nesta pesquisa, a memória é considerada em sua interface comunicação-cidade e, deste lugar, pensamos a reprodução da memória através de postagens de fotografias antigas que são compartilhadas no ambiente virtual. Explicitaremos neste capítulo algumas reflexões sobre o conceito de memória e também discutiremos o seu papel na nossa sociedade. A contemporaneidade instiga o pensamento de uma memória que possa durar em seus frágeis contornos, e, em fluxos, apagamentos, em imagens que deixam somente pistas.

Memória e seu par inseparável, o esquecimento. Memória não só como arquivo, mas como prospecção. O acionamento da memória demonstra uma tentativa do sujeito de busca por um suporte temporal, em possa se balizar diante da fragmentação do tempo presente. Além disso, a memória colabora com a constituição da identidade.

2.1 Os conceitos de memória e a relação com a identidade

A memória social é um conceito preconizado por Halbwachs (2003) e abrange a memória coletiva e a individual. A memória individual é o que cada pessoa carrega dentro de si: as vivências e impressões, acompanhadas de aprendizagens. Mas, ninguém guarda tudo, pois a memória é sempre seletiva. Vale ressaltar que os critérios do que é significativo ou não resultam do espaço e do tempo em que se vive. Paul Connerton (1993) refere-se a três tipos de memória: a pessoal – as descrições que fazemos de nós próprios; a cognitiva – o objeto que a pessoa que o recorda tenha encontrado, sentido ou ouvido falar dele no passado; e ligada ao hábito – na capacidade de reproduzir uma ação. O autor avança nas considerações e cria um parâmetro para identificar de que modo as memórias são produzidas:

Situamos o comportamento dos agentes por referência ao seu lugar nas suas histórias de vida e situamos também esse comportamento pela referência ao seu lugar na história dos contextos sociais a que pertencem. A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade (CONNERTON, 1993, p.26).

Os elementos que podem emergir nas lembranças revelam a história de cada um e contém a história de um tempo, dos grupos à que pertence e das pessoas com quem se relaciona. Na perspectiva de Halbwachs (2003) toda memória é “coletiva”, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais ocorrem as lembranças. Segundo o autor, recorremos a testemunhos para reforçar ou esquecer ou para completar o que sabemos de um evento – o passado interfere na percepção do presente. A memória coletiva é o conjunto de registros eleitos pelo grupo como significativos, que estabelece a identidade, o jeito de ser e viver o mundo e decorre dos parâmetros históricos e culturais dos sujeitos. A possibilidade de compartilhar essa memória é que dá a cada um o senso de pertencimento.

Trata-se de uma relação criativa e dinâmica entre o indivíduo e o grupo. “Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (BOSI, 1994, p.408). É fundamental na construção da identidade dos sujeitos por promover o sentimento de nação, o caráter religioso, a consciência de classe, étnica ou de minorias.

A ligação entre memória e identidade é um dos temas de estudo do sociólogo francês Michael Pollak (1992). A memória é construída socialmente e faz parte do sentimento de identidade individual ou coletiva, já que é um fator “de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p.5). Nas disputas existentes intergrupais ocorre o “trabalho de enquadramento da memória” e o “trabalho da própria memória em si” de continuidade, organização, unidade, manutenção e coerência.

O trabalho enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p.8).

O enquadramento serve como um referencial do passado e realça a disputa em torno da memória, sendo um modo de manter a coesão dos grupos sociais. Pensando na constituição de identidades no contexto contemporâneo, com migrações, mobilidades de redes e fluxos, de instantaneidade e fluidez, precisamos levar em conta que a memória faz parte do sistema globalizante.

Ela serve para uma demanda de respostas da atualidade: “a memória dos grupos, portanto, parte de uma forma concreta de um fato antigo e submete-o a constantes recriações que atendem às necessidades espirituais do presente dos seus integrantes” (MARCONDES, 1996, p.313). A memória se reconfigura com os rastros do passado que lembramos no presente.

Nos testemunhos a memória interfere nos relatos do que realmente existiu e na autenticidade dos fatos narrados, já que: “narrativas são sempre o fruto da memória e do esquecimento, de um trabalho de composição e recomposição que traduz a tensão exercida sobre a interpretação do passado pela expectativa do futuro” (AUGÉ, 2001, p.49). Existe uma seletividade de memória e também um processo de “negociação” entre as memórias coletivas e individuais: “a narrativa está implicada coletivamente, [...] a presença do outro ou de outros é tão evidente ao nível da narrativa mais íntima quanto a do indivíduo singular ao nível mais abrangente da narrativa plural ou coletiva” (AUGÉ, 2001, p.53). Até o recente momento, apenas os grupos hegemônicos, aqueles que mantêm um poder simbólico, dominavam os discursos do que deveria ser lembrado, portanto, era mais fácil só convivermos com a “memória oficial”. Esse fenômeno hoje é submetido a transformações constantes.

As intensas práticas de memória na contemporaneidade reforçam os direitos humanos, as questões de minoria e gênero na reinterpretação dos passados nacionais, buscando escrever a história de um modo novo, garantindo uma memória no futuro. Temos exemplos em países da América Latina como a Argentina² e o Chile³, que de alguma forma procuram criar esferas públicas de memória contra as políticas do esquecimento, promovidas pelos regimes pós-ditatoriais. No caso do Brasil, em novembro de 2011 a Presidência da República sancionou a Lei nº 12.528 que criou a Comissão Nacional da Verdade⁴, com o objetivo de examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos praticadas durante o Governo Militar no país (1964-1985), a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a “reconciliação nacional”. A execução dos trabalhos desta comissão teve início em 16 de maio de 2012. Graças a estas iniciativas, as ações do presente ressignificam as representações do passado, modificando alguns traços da memória coletiva.

² Disponível em:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/34512/ha+dez+anos+argentina+transformava+em+memorial+maior+centro+clandestino+de+tortura+da+ditadura.shtml>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

³ Disponível em: <http://www.metalica.com.br/museu-da-memoria-e-dos-direitos-humanos-do-chile>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

⁴ Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

Através da rememoração de fragmentos do passado, cada memória social transmite ao presente uma das múltiplas representações do passado que ela quer testemunhar. Entre diversos outros fatores, ela se constrói sob influência dos códigos e das preocupações do presente, por vezes mesmo em função dos fins do presente (LABORIE, 2009, p.80).

Encontramos os fragmentos do passado através da memória material com fotos, documentos e arquivos ou pela memória imaterial com as narrativas. O depoimento ganhou uma supervalorização, porque, em especial no caso das memórias traumáticas, como são os casos do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, os documentos oficiais não dão conta de relatar o passado. A mídia também possui papel relevante na construção de sentidos através de informações que procuram revelar “verdades” ou descobertas. O exercício de memória tem por finalidade criar um horizonte histórico que possibilite diálogos entre gerações e a leitura/interpretação de tradições.

Em relação à duração: “a memória não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro. (...) a acumulação do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente” (BERGSON, 2006, p. 47). Este passado criado, reinventado ou tido como tradição funciona como uma base que não é fixa, já que, assim como a identidade, o passado está sujeito a reconstruções. Nesse sentido é que a memória intervém nas representações dominantes do passado. A memória marca testemunhos de outras épocas e funciona como âncora, arquivo, vínculo. A opinião dos depoentes apresenta papel relevante na validação social e na legitimação da memória.

O retorno do passado como uma captura do presente, através de “visões do passado”, de acordo com Beatriz Sarlo (2007), evidenciam um *continuum* significativo e interpretável do tempo. Sarlo defende uma guinada subjetiva desde meados do século XX revelando a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade, abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre as pesquisas do passado e os estudos culturais do presente.

2.2 Representações da memória e do esquecimento

Neste trabalho encaramos o esquecimento como componente da própria memória e algo necessário à sociedade e ao indivíduo. Interessa-nos entender como são efetuados os registros de memória e como os processos de esquecimento e lembrança

enriquecem a dinâmica da memória. Marc Augé defende que o esquecimento do passado recente é necessário para o encontro com o passado antigo: “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” (AUGÉ, 2001, p.29). Um exemplo clássico para os estudiosos dessa dicotomia é o caso do escritor argentino Jorge Luís Borges no conto “Funes, o memorioso”⁵, pertencente ao livro *Ficções*, de 1944, que mostra do que seríamos privados caso o esquecimento se tornasse uma tarefa impossível.

Ao refletir sobre a relação entre a implicação da memória e do esquecimento no pensamento, a psicanalista Jô Gondar explica que a identidade e a permanência de alguma coisa exigem o esquecimento de inumeráveis diferenças, já que não podemos ter uma memória plena – onde não houvesse distinção entre consciência e memória, ou entre o percebido e o lembrado.

E se nossos interesses práticos, aqueles que as necessidades da vida nos impõem, nos levam a crer em categorias como identidade, permanência e constância, devemos ter claro o quanto essas categorias implicam o esquecimento. Uma memória plena, como a de Funes, seria impossível (GONDAR, 2000, p.36).

Só lembramos, porque esquecemos. Para que uma memória se configure, temos o problema da escolha entre tantos estímulos diferenciados que nos chegam do mundo. A memória é definida por Gondar como um instrumento de poder – não há poder político sem controle da memória e do arquivo; e o esquecimento também é político.

Orgulho... Se é este o motor do esquecimento, no plano do Estado, da sociedade ou do “eu”, o que está em jogo é a manutenção de uma imagem ou representação de si mesmo – vamos chamá-la por seu nome: identidade – e a segregação ou exclusão do que a ameaça: a diferença (GONDAR, 2000, p.37).

Esta concepção traz consequências no plano da memória social. O primeiro desdobramento, de acordo com a classificação da autora, será admitir que a “identidade” é ficcional – o quanto ela implicou uma escolha política – “orgulhosa” – o quanto ela se deve aos nossos interesses práticos. Outra questão apontada é de que a memória impõe operações de segregação, e que a manutenção e o exercício dessa memória exige que se mantenha a exclusão – sob a forma de recalçamento, dissimulação, interdição, repressão

⁵ O conto do escritor argentino nos transporta até uma pequena cidade uruguaia onde reside um estranho personagem, Ireneo Funes, cuja memória é tão poderosa que se sobrepõe a todas as outras faculdades do mesmo. Prisioneiro de sua capacidade, o homem acaba por se tornar incapaz de raciocinar sobre o que vive, preso que está aos detalhes da memória.

ou censura – daquilo que põe em xeque a imagem ou representação de si mesmo que se tenta preservar. Para Gondar, a sociedade não esquece apenas os elementos segregados, mas o próprio fato de que houve uma segregação, e as maneiras pelas quais segregamos.

Isso leva a concepção de memória como herança acabada, capaz de perpetuar no tempo nossa pretensa de identidade. Silenciamos para promover uma naturalização do fazer social, em que o tempo passa a ser visto como um caminho na direção do homogêneo, do idêntico, da mesmidade. É o modelo entrópico do tempo que preside a naturalização do esquecimento. As lembranças tenderiam a se rarefazer com o tempo. Neste caso, haveria a suposição de que, por meio da evocação de uma lembrança ou do resgate de um documento, se ressuscitaria de maneira viva, neutra, inocente, a originalidade de um acontecimento (GONDAR, 2000, p.38).

A autora considera o esquecimento como um enigma maior do que o lembrar-se e discute o recalçamento e a resistência. Jô Gondar faz referência a Freud ao tratar do funcionamento do aparelho psíquico e explica que a memória pré-consciente guarda as representações facilmente rememoráveis enquanto a memória inconsciente contém traços cujo acesso à consciência estaria barrado pela censura e pelas forças de resistência. Segundo ela, alguns “traços mnêmicos” possuem representações ditas “inconciliáveis” por estarem em desacordo com o eu, e, como Freud preconizava, esquecemos por narcisismo. Ou seja, desejamos lembrar aquilo que pensamos que somos quando estamos diante de um espelho. O inconsciente revelaria a alteridade de um sujeito consigo mesmo. A fim de manter uma identidade, o sujeito esqueceria as lembranças, documentos e também o próprio inconsciente. Mas, a carga afetiva desses traços é bastante forte, por isso instaura-se a “formação de compromisso” – os traços retornam de maneira deformada, a fim de não se tornarem claramente perceptíveis pelo eu. Por isso, não é possível resgatar de modo cristalino o esquecimento: os traços já são em si mesmo uma construção e o inconsciente seria fundamentalmente dinâmico. Ainda que não seja de forma plena, as sociedades têm produzido um excesso de memória pela valorização do passado para preencher lacunas existências, já que o passado não é inocente e ingênuo, e sim, elaborado.

A sensibilidade memorial desde a década de 1980, como observa Huyssen (2000), tem levado setores ligados à cultura a uma verdadeira obsessão pelo passado. O ato de rememorar é influenciado pelo presente, já que as memórias são afetadas pela subjetividade do momento atual: “a nossa vontade presente tem um impacto inevitável sobre o quê e como rememoramos” (HUYSSSEN, 2004, p.69). Isso se dá porque a velocidade tem destruído o espaço, apagando a distância temporal. “Quanto mais

memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, pronto para ser acessado na tela” (HUYSSSEN, 2000, p.74). Este excesso de informação a que somos submetidos é causado pelo sentimento do medo de esquecimento, o qual tentamos combater com estratégias de rememoração pública e privada. Mas, se pensarmos na construção do passado pelas estratégias de rememoração propostas por Gondar (2000), esta reconstituição é na direção de uma via única, de uma identidade que eliminaria de qualquer forma outros relatos.

2.3 Memória do lugar = lugar de memória

A memória navega no tempo por meio de signos: índices, ícones, símbolos. Um aroma, um ritmo, uma imagem, um toque, uma alegria, uma dor, um sentimento, uma emoção. A memória é tanto o lugar da lembrança quanto o da esperança, no sentido de um projeto futuro, onde estes signos todos estão, organizados, suturados, estruturados em álbuns e relicários com seus diferentes códigos e regras. Temos como exemplo o escritor francês Marcel Proust, que atribuiu ao paladar e ao olfato a função de “convocar o passado”. Foram as *madeleines*, bolinhos em formato de concha, e uma xícara de chá que ativaram as reminiscências de um escritor frustrado. Segundo Proust, depois de saborear esse singelo lanche surgiu o romance “Em busca do tempo perdido”. Editado em sete volumes, é considerado um dos principais clássicos da história da literatura. O sabor faz o narrador-protagonista reviver a infância: muito do que ficara escondido pela memória já na fase adulta foi reencontrado e ressignificado. É como se o chá fosse e os bolinhos fossem a chave para reencontrar a cidade e os personagens que fizeram parte de sua infância.

O estabelecimento de um “lugar de memória” serve para a tentativa de preservação da história. Segundo o historiador Pierre Nora (1998), esta sacralização existe porque a memória não existe mais. Ele acredita que se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Os lugares da memória resultam dessa tensão entre o vivido, o narrado, o registrado e o esquecido da maneira como a sociedade os reorganiza. A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história: “O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1998, p. 7). Existe o uso político do “lugar de

memória”: aquele que é mais social, como no caso o museu, e o uso pessoal, por exemplo, o álbum de família.

Vivemos um período de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. Nora (1998) classifica esses locais como “restos”, marcos testemunhos de outra época, através de uma sacralização de imagens, que fazem parte de um culto à memória através da ancoragem, do arquivo e do vínculo de uma memória que é institucionalizada na História. Buscando a preservação da memória ocorre a criação do “lugar de memória” pelo desejo das minorias do resgate histórico de “uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria” (NORA, 1998, p.13).

Esses lampejos de narrativas podem ser desencadeados na medida em que desaparece a memória tradicional, pois assim: “nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, [...]” (NORA, 1998, p. 15). As novas significações dependem do que habita nos imaginários⁶ dos sujeitos com novas lembranças ou apagamentos, em que ficam tensionadas a subjetividade individual e os discursos hegemônicos, estes últimos seletivamente, nos indicam o quê lembrar, criando os “lugares de memória”, em que as mídias têm um papel especial. Já não seria mais a experiência individual, como Proust com as *madeleines*.

Existe uma materialização da memória, dilatada e democratizada: “a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo” (NORA, 1998, p. 17). Daí o surgimento do *boom* de memórias individuais, através de “homens-memória”, que possuem uma narrativa de informação e preservação e que pode ser de resistência, ao ultrapassar as barreiras do discurso dominante, a fim de apresentar às gerações seguintes outras perspectivas históricas, oferecendo a oportunidade de reconstruírem suas identidades. Posteriormente, a historiografia, segundo o autor, coloca fim na era deste homem-memória, passando a criar os “lugares

⁶ O imaginário pode ser definido como a produção de imagens, ideias, concepções, visões de um indivíduo ou de um grupo para expressar sua relação de alteridade com o mundo.

de memória”, que são: materiais, simbólicos, funcionais, híbridos, mutantes, além de dinâmicos e ramificados.

Os “lugares de memória podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p.3). O imaginário se encontra disperso em meio a essas novas manifestações da memória na recuperação da identidade. “Os lugares da memória, então podem ser considerados esteios da identidade social, monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme em um processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro” (NEVES, 2000, p.112). Daí a relevância de classificação dos locais que despertam lembranças e configuram novas projeções de significados ao presente.

De acordo com Huyssen, existe uma variação na escolha dos “lugares de memória”, que depende dos valores sociais de cada região, visto que: “o lugar de memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e psicológicos” (HUYSSSEN, 2000, p. 69), porque a capacidade de rememorar é um dado da antropologia, sendo assim, as culturas valorizam a memória em níveis diversos.

De forma geral, as cidades são marcadas por características históricas determinantes na formação da memória. As trocas afetivas, melancólicas vão revelando memórias subterrâneas ou até desconhecidas da cidade, através de camadas que são expostas em imagens e comentários que tecem uma rede de informações tradutoras de épocas e costumes. Destacamos que a memória é um elemento de construção da identidade tanto coletiva quanto individual de grupos, fundamental na preservação dos aspectos urbanísticos, arquitetônicos, sociais: “assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas” (HALBWACHS, 2003, p.29). O desejo de conservação para a proteção de um patrimônio depende do valor simbólico que a comunidade atribui à cidade, através da memória coletiva, que desvenda significados históricos, estabelecendo relações entre o passado e o presente.

3. A CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DA CIDADE

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Sua descrição como é atualmente deveria conter todo o passado. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades da janela... Marco Polo (CALVINO, 1990, p.14).

Neste capítulo tratamos da cidade, que é constituída por ruas, espaços de convivência, monumentos, ruídos, e também por trocas simbólicas, afetos entre pessoas e lugares de memória, sentidos atribuídos por indivíduos ou grupos para cada pedaço do grande quebra-cabeça de casas, apartamentos, shoppings, lojas, hospitais, supermercados que constituem a identidade de cada local.

Uma cidade caracteriza-se por um estilo de vida particular dos seus habitantes, pela urbanização, infraestrutura, serviços de transporte e pela concentração de atividades econômicas dos setores. Existem vários modelos de cidade, por exemplo, histórica, universitária, com grandes diferenças entre eles, e por esse motivo é difícil chegar a uma definição concreta. No nosso trabalho discutimos as cidades invisíveis como nos aponta Calvino (1990), a cidade virtual relatada por Araújo (2011), a função subjetiva das cidades discutida por Caiafa (2007) e as representações da cidade debatidas por Jeudy (2005).

3.1 Os sentidos da cidade

No âmbito da psicologia, afetividade⁷ é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. Para Suely Rolnik (2011) a cartografia sentimental está ligada à cartografia do afetar e do ser afetado dos corpos vibráteis de uma geração, o devir desses corpos. Trata-se de um mergulho nas intensidades do passado para ressignificá-las no presente: “o estilo é narrativo. Trata-se de um roteiro, inventado ao mesmo tempo que os territórios, as pontes e as paisagens que foram sendo percorridos; ao mesmo tempo que as personagens fictícias e mais do que reais; ao mesmo tempo” (ROLNIK, 2011, p.231). A autora explica a função do cartógrafo: “obedecendo aos procedimentos e aos princípios

⁷ Definição de afeto na psicologia. Disponível em: <http://www.significados.com.br/afetividade/>. Acesso em: 23 de fev de 2014.

básicos do cartografar, o estilo procura realizar a vontade de expandir os afetos, de navegar com o movimento e de devorar os estrangeiros para, através das misturas, compor as cartografias que se fazem necessárias” (ROLNIK, 2001, p.232), compondo territórios existenciais, através da percepção do pesquisador ao elaborar mapas, estudos que permitam desenhar o cenário da cidade através, por exemplo, das memórias dos seus habitantes.

Ao tratarmos das relações simbólicas com a cidade, constatamos que, na contemporaneidade, a fragmentação do tempo e espaço tem levado a transformações constantes de identidade ou até mesmo, como afirmam certos autores, à perda da identidade fixa e constante. Para Marc Augé (1998, p. 83), o termo não-lugar antropológico designa “(...) duas realidades complementares, mas distintas. Espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer), e a relação que os indivíduos estabelecem com esses espaços.” A cidade hoje convive com uma série de “riscos”: de uniformidade (semelhança entre espaços), extensão (generalização do urbano) e de implosão (guetização dos bairros).

O seu crescimento, associado ao aumento de circulação, da comunicação e do consumo, implica cada vez mais a construção de “não-lugares” na sociedade globalizada: auto estradas, grandes supermercados, centros comerciais, aeroportos, entre outros. Estes espaços, que nos facilitam a circulação, o consumo e a comunicação são opostos aos “lugares antropológicos” que privilegiam as dimensões identitárias, históricas e relacionais. O não-lugar favorece uma circulação considerável de pessoas, objetos e imagens no mesmo espaço, transformando a nossa interação com mundo no qual mantemos relações a partir de mensagens e de sons que nos informam sobre como “devemos” agir.

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a vida contemporânea tem alterado a forma como as pessoas lidam com essas referências. Baseando-se em Marc Augé (1998), Bauman (2001) afirma que

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas, para que qualquer mapa "faça sentido", algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado (BAUMAN, 2001, p. 121).

O autor reforça que cada habitante tem a sua cidade, aquela que ele “reconhece” e que lhe é familiar. Baseando-se nesta ideia, entendemos que, para alguém de classe média da Zona Sul carioca, a favela da Maré não tem sentido, ou acredita no significado dado pela mídia: do lugar de perigo, que deve ser evitado. Talvez a nostalgia manifestada na virtualidade pelas páginas da *web* que resgatam a história da cidade e lançam debates sobre a antiga e a nova Juiz de Fora se justifica pelo desejo de que a memória coletiva estabeleça um parâmetro com elementos comuns que marcam determinado estilo do local.

As cidades são códigos que pressupõem uma leitura (decodificação) de suas representações. As instituições são alguns dos signos que podem ser reconhecidos nas cidades, porque existem espaços de cultura com orientações e reconhecimentos, territórios de identidade e pertencimento e os não-lugares, criados pela mídia. Para Calvino, “confirma-se a hipótese de que cada pessoa tenha em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1990, p.34). Cabe à nossa pesquisa entender esta cidade, que assim como a memória, é dinâmica e fragmentada e sobrevive nas lembranças individuais, que, graças a alguns elos, se tornam coletivas, construindo uma significação que é de alguns, para o passado da cidade.

Essa cartografia imaginária que busca engendrar uma possível legibilidade das cidades é exposta por Renato Cordeiro Gomes (2008). A percepção urbana para o autor é de que a cidade é uma linguagem dobrada em busca de ordenação. Ele considera que “a memória condiciona a leitura da cidade na busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (GOMES, 2008. p.46). E complementa explicando que: “a relação homóloga entre a cidade e a memória faz-se pela redundância, pelo repetível, marca da Experiência, onde há repetição do que mais profundamente se esquece. Vivemos entre a impossibilidade de repetir o passado e a compulsão à repetição” (GOMES, 2008. p.47), fazendo com que ocorra uma semelhança entre reviver o passado e reencontrar o futuro.

A cidade, na qual homens se exigem uns aos outros sem trégua, em que compromissos e telefonemas, reuniões e visitas, flertes e lutas não concedem ao indivíduo nenhum momento de contemplação – a cidade se vinga na memória. E o véu latente que ela teceu da nossa vida mostra não tanto as imagens das pessoas, mas sobretudo os lugares, os planos onde nos encontramos com os outros ou conosco. (BENJAMIN *apud* GOMES, 2008, p.70).

Podemos considerar, então, que um exercício memorialístico é pertinente em gerações que se acostumaram a viver da superficialidade, da fragilidade, do imediatismo e das rápidas transformações trazidas com as tecnologias de comunicação utilizadas na internet, conforme nos alerta Bauman? Esse olhar sobre o passado pode produzir novos significados atribuídos a Juiz de Fora, esclarecendo de que modo as lembranças afetam a representação que vive no imaginário e ao mesmo tempo estabelecendo outras perspectivas da cidade concreta.

Os fragmentos das memórias formam uma espécie de catálogo com as descrições de imagens da cidade. A memória é uma resistência ao estilo de vida contemporâneo que por ser fragmentado e instável não costuma deixar traços. Janice Caiafa (2007) retoma a reflexão do filósofo francês Félix Guatarri a respeito da função subjetiva das cidades, que possuem “engrenagens urbanas” que interpelam, ativam afetos e modelizam focos subjetivos.

As cidades se definem em grande parte pelos processos subjetivos que deflagram. (...) Subjetividade deve ser entendida aqui como uma interioridade individual, mas como tendo sua gênese no social, mesmo que vivida isoladamente. A subjetividade é constantemente produzida pelos fluxos sociais e materiais no campo social. Tem um caráter processual, sempre em adjacência a esses fluxos. A relação com o espaço urbano, a forma de ocupá-lo e mover-se na cidade não cessam de produzir subjetividade, ou seja, a experiência urbana tem um poder modelizador de afetos, perceptos, souvenirs (CAIAFA, 2007, p.39).

Para a autora, as marcas da cidade são sempre redistribuídas e os códigos transformados porque existem muitos fluxos que atravessam o espaço físico e social. A percepção da cidade para Caiafa (2007) é a do homem que percorre a cidade “real” a pé, de ônibus, de carro e cria as impressões dos lugares.

Quem compartilha esta visão de uma cidade sempre em mutação é Araujo (2011), que apresenta um conceito ampliado: a cidade virtualmente está em qualquer lugar, portanto “a cidade sou eu”. Ela oferece reflexões sobre um espaço urbano com condições híbridas e transitórias cada vez mais propiciadas pelas tecnologias e trata o urbanismo como um dos artefatos do mundo de aspecto articulatório: do espaço dos fluxos, dos mercados eletrônicos e dos “centros” transterritoriais constituídos via a comunicação à distância de um ou mais conjunto de serviços informáticos fornecidos através de uma rede de telecomunicações. E o espaço como movente, indiferenciante, multifuncional, polimórfico e reversível.

Se considerarmos, também, a utilização plena do espaço virtual que é, ao mesmo tempo, público e privado, local e global, atópico e de outra geometria, podemos dizer que a cidade – como o local de troca, de comunicação, de interação, de moradia, de trabalho – está potencialmente em qualquer lugar. Os espaços e suas funcionalidades estão disseminados por toda parte (ARAÚJO, 2011, p.27).

O espaço da cidade é construído de diferentes formas no imaginário e na imaginação⁸ de cada cidadão. O vínculo sentimental imposto pela cidade não é objetivo e depende da experiência cotidiana. Jeudy (2005) defende que a cidade excede a representação que as pessoas fazem, visto que ocorre uma proliferação de signos e a assimilação deles é o que cria o enigma que cada uma possui, de forma fugidia ou durável. Sendo assim, os signos que não conseguem ser apreendidos na representação da cidade no imaginário atraem imagens subjetivas: “quanto mais a cidade escapa à representação, mais ela provoca uma apropriação imaginária do espaço” (JEUDY, 2005, p.83). Essas representações podem ser baseadas em estereótipos que reforçam aspectos discriminatórios ou que enaltecem características do lugar, como por exemplo: o Rio de Janeiro pode ser lembrado como “cidade maravilhosa” ou como “cidade violenta”. À medida que as pessoas têm contatos com diferentes ambientes da cidade, tendem a opinar e defender justificativas para um dos estereótipos existentes. No caso do Rio de Janeiro, a cidade já é excessivamente representada, como Nova York, Londres ou Paris.

Possivelmente a situação de Juiz de Fora é contrária: a apropriação imaginária do espaço depende de trabalhos de recuperação de imagens antigas, através do *blog* e da *fanpage* “Maria do Resguardo”, como forma de apropriação pela necessidade de explicações sobre a cidade. Seria a necessidade inevitável de apropriação de um sentido que escapa, para nomeá-la, representa-la, prende-la, enfim.

Ocorre uma superposição e uma condensação de imagens mnemônicas das cidades e: “a proliferação de imagens de cidades permanece inesgotável por nunca se sujeitar a uma ordem semântica que lhe seria imposta por um sentido prévio” (JEUDY, 2005, p.84). Mesmo que, de forma difusa, a memória pode contar com a principal marca deixada por uma cidade: a arquitetura, que é muito mais do que a simples construção de prédios. Ela permite que a memória do lugar se torne visível, palpável e admirável.

Para complementar esta discussão, contamos com a contribuição de Raquel Rolnik (2004), que trata da arquitetura enquanto registro da vida social. Como

⁸ Entendemos como imaginação a capacidade mental que permite a representação de objetos que são dadas à mente através dos sentidos.

consequência, os próprios espaços contam a sua história. Ela observa a respeito das representações da cidade

Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel (ROLNIK, 2004, p.16).

Por isso ocorre essa demanda de memórias coletivas através da preservação de bens arquitetônicos. “Trata-se de impedir que esses textos sejam apagados, mesmo que, muitas vezes, acabem por servir apenas à contemplação, morrendo assim para a cidade que pulsa, ao redor” (ROLNIK, 2004, p.18). A manutenção da memória da cidade provém do trabalho dos cidadãos de valorização e preservação de lugares, arquivos e histórias do passado. São os cidadãos, ou seus representantes, que sinalizam o que deve ser preservado e o que deve ser apagado na tentativa de definir o sentido daquele espaço.

3.2 A Juiz de Fora que habita na memória

O povoamento de Juiz de Fora⁹ data do período da expansão da mineração no Brasil. Em 1709, com a construção do “Caminho Novo”, que ligava o Rio de Janeiro à região aurífera houve um grande afluxo de pessoas e o início do desenvolvimento. A parte central da cidade de Juiz de Fora começou a ser povoada após a construção da Estrada da Paraibuna, em 1836, pelo engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld. A cidade foi elevada à condição de Vila em 31 de maio de 1850. Em 2 de maio de 1856 foi elevada à categoria de cidade e em 1865 teve seu nome modificado: de Vila de Santo Antônio do Paraibuna e, posteriormente, cidade do Paraibuna, passou a se chamar Juiz de Fora (OLIVEIRA, 1966).

A imprensa¹⁰ de Juiz de Fora era muito ativa. O primeiro impresso, com o nome "O Imparcial", data de 1870. O mais importante do período, "O Pharol", foi publicado entre 1872 e 1939. Este acompanhou diversos momentos históricos e sempre contribuiu para a formação da opinião pública, retratando a atividade cultural da cidade. O

⁹ Juiz de Fora é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais. Localiza-se a sudeste da capital do estado (Belo Horizonte), distando de 283 km. Sua população foi contada, no ano de 2010, em 516 247 habitantes, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sendo então o quarto mais populoso de Minas Gerais e o 36º do Brasil. Possui a área da unidade territorial de 1.435,664 km² e a densidade demográfica de 359,59 hab/km².

¹⁰ Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

dinamismo da imprensa juiz-forana era tão intenso que, no século XIX, contou com 55 jornais.

A cidade obteve crescimento a partir da inauguração da Estrada União e Indústria, em 1861. Esta estrada foi construída com objetivos de encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas, destinando-se ao transporte do café. Neste momento, Juiz de Fora recebeu a primeira leva de imigrantes alemães. A produção de café na Zona da Mata cresceu muito e Minas Gerais se tornou uma grande província cafeeira. Em 1875, a cidade de Juiz de Fora era a mais próspera entre outras localidades, possuindo a maior quantidade de escravos, sendo seguida por Leopoldina, Mar de Espanha e São Paulo do Muriaé.

A implantação do transporte ferroviário também foi relevante para a cidade. A chegada das Estradas de Ferro Dom Pedro II (1875) e Leopoldina Railway (1884) possibilitou o aumento do comércio, pois estas ligavam a Zona da Mata mineira ao Rio de Janeiro. Através destas ferrovias, o café escoava das fazendas para o porto, no litoral, contribuindo para a riqueza da região. Com a construção da Estrada União e Indústria e com a chegada dessas ferrovias, Juiz de Fora se transformou no centro catalizador da Zona da Mata, pois, aqui, se concentrava a comercialização de toda a produção cafeeira da região, que vinha de outras cidades para ser embarcada na rodovia ou nas ferrovias (GIROLETTI, 1980). A cidade funcionava como um mercado consumidor local e regional.

As décadas de 1880 e de 1890 foram para Juiz de Fora um período de crescimento urbano acelerado, tendo o café um papel de destaque, pois continuava no auge de produção. Sônia Miranda (1990), através dos recenseamentos entre os anos de 1872 e 1900, indica que a população de Juiz de Fora cresceu 400% nesse período. Este crescimento devia-se ao acúmulo de capitais da produção cafeeira que acabou por atrair para a cidade: comerciantes, negociantes e principalmente empreendedores. Esse progresso irá transformar Juiz de Fora na cidade mais populosa de Minas Gerais. E não só em termos populacionais Juiz de Fora se destacava, mas sua influência também era conhecida nos meios políticos, uma vez que a política nacional na Primeira República era a do Café com Leite, privilegiando os políticos ligados à produção cafeeira. Em 1889, com a inauguração da Usina de Marmelos Zero, a primeira hidrelétrica de grande porte da América Latina, a cidade ficou conhecida como o “Farol de Minas”¹¹.

¹¹ Disponível em: <http://www.ufjf.br/portal/universidade/a-cidade/historia-de-juiz-de-fora>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

Juiz de Fora chegou a ser a cidade mais importante do estado, devido ao forte desenvolvimento do setor industrial. Christina Musse (2008) caracteriza Juiz de Fora como um caso particular de cidade mineira, principalmente por seu processo de povoação. Para a autora, a cidade não “viveu” com intensidade o ciclo do ouro. O desenvolvimento se fundamenta no mito (ainda sem consenso) dos imigrantes empreendedores e na realidade de sua efetiva identidade industrial, moderna e fabril no início do século XX, que rendeu ao município a designação de Manchester mineira, em comparação com a cidade inglesa:

[...] diferenças concretas que marcaram a ocupação da região, diferenciando-a do restante do estado de Minas Gerais e, em especial, revelando como a cidade, por não ter compartilhado o sentimento barroco característico do período colonial mineiro, desta forma, se afastou daquilo que se convencionou chamar de discurso da “mineiridade”, que forja a sua narrativa nos setecentos e oitocentos (MUSSE, 2008, p.46).

Mais cosmopolita que colonial, Juiz de Fora, em estreita vinculação com o dinamismo do Rio de Janeiro, não participou da cultura barroca mineira. Seu desenvolvimento industrial, pautado pela modernização capitalista, trouxe para a cidade, além de apitos das fábricas e da luz elétrica, o desejo de civilizar-se nos moldes dos centros europeus. Seus teatros, cinemas e intensa atividade literária refletiam a vontade de criar uma nova imagem para a cidade, fugindo à tradição escravista.

Na segunda década do século XX, a cafeicultura estava desgastada no estado. A partir de 1930, o café já não tinha mais expressão na região, porque São Paulo passou a ser o centro produtor mais importante, a indústria têxtil estava em crise, acompanhando a crise estrutural sofrida pelo Brasil, sobretudo após a Primeira Guerra. Além disso, São Paulo e Belo Horizonte passaram a concentrar a implantação de novas indústrias, gerando uma estagnação econômica em Juiz de Fora. Apenas algumas décadas depois, com o surgimento da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1960 houve o desenvolvimento do mercado imobiliário, o comércio, a rede de hospitais e a criação de pequenas indústrias que abasteceram o mercado local e exportavam também para outros centros, fazendo a economia circular¹².

O antigo conservadorismo católico, que desde meados da década de 1920, dominava a cidade, se desfez. Maior circulação de ideias, possibilitando, inclusive, a

¹² Ver: RAINHO, Luiz Flávio. Urbanização e industrialização de Juiz de Fora: pontos preliminares para a elaboração de um projeto de estudo. In: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira (org.). **Juiz de Fora: história e pesquisa**. Juiz de Fora: UFJF, 1990. p. 85, 86. Acesso em: 24 de mar de 2014.

resistência cultural por parte do movimento estudantil na década de 1970. Nesse momento vários grupos de teatro surgiram, música e poemas multiplicaram-se nos mimeógrafos. O Centro de Estudos Cinematográficos e a Galeria de Arte Celina permitiram aos jovens o conhecimento de uma arte que falava mais diretamente da liberdade e do "caos" da vida urbana.

Com o aumento da população em meados do século passado, a especulação imobiliária, que sempre esteve presente no crescimento da cidade, motivou uma arquitetura "descuidada". Em nome do baixo custo de construção, edificaram-se verdadeiros "caixotes". Os prédios de importância histórica foram em grande parte destruídos em nome de um progresso questionável, uma vez que a maioria da população dele não participa. A arquitetura da cidade chamava atenção nesta época, graças ao estilo eclético das construções, que permitia a integração de várias manifestações arquitetônicas do passado, responsáveis por encontrarmos, na cidade, construções que remetiam a castelos medievais, igrejas que imitavam o gótico europeu ou a fachada de um templo grego.

Nesse cenário, Juiz de Fora passou a fazer parte, na década de 1970, do Programa Nacional de Cidades de Porte Médio¹³. O governo federal visava incentivar a interiorização e dinamização de áreas estagnadas, criando novos centros de desenvolvimento no território e com isso frear a migração rumo às metrópoles. A cidade recebeu verbas e ajuda técnica para atuar em três metas principais: investimento em infraestrutura e serviços urbanos, geração de empregos e renda e melhoria na administração pública. Até o fim do projeto, em 1984, a cidade promoveu uma reurbanização de sua área central (quando foram demolidos inúmeros casarões históricos).

Em contrapartida, outra ação marcante foi a criação dentro da estrutura da Prefeitura, da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA), através do decreto n. 2176, de 14 de dezembro de 1978, que além de ser a primeira fundação municipal no setor cultural em Minas Gerais, surgiu para resgatar o patrimônio da cidade e revitalizar o "pioneirismo de Juiz de Fora como centro cultural"¹⁴.

¹³Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1339&Itemid=68. Acesso em: 13 de out de 2014.

¹⁴Disponível em: http://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/index.php. Acesso em: 13 de out de 2014.

Apesar da destruição de um patrimônio significativo, observamos que Juiz de Fora está impregnada de “narrativas preservacionistas”¹⁵. Na década de 1980, a cidade foi marcada por grandes movimentos a favor da memória da cidade sem ajuda do poder público. As mobilizações para a preservação da antiga fábrica de tecidos Bernardo Mascarenhas¹⁶ e o Cine-Theatro Central¹⁷ ajudaram a cidade a manter dois importantes exemplares de sua história edificada. Mas algumas manifestações foram em vão: o Palácio Episcopal (ou Casa do Bispo) e a Capela Galeria de Arte (ou Capela do antigo colégio Stella Matutina)¹⁸ não resistiram à especulação imobiliária e foram demolidos. Destacamos que, após esses movimentos, o assunto “patrimônio” passou a ficar mais presente no cotidiano da população de Juiz de Fora, mudando a forma dos habitantes de pensarem e perceberem a história da cidade. Em 13 de janeiro de 1982, Juiz de Fora ganhou sua primeira legislação de proteção ao patrimônio histórico através da lei n. 6108 que teve como base as legislações estadual e federal.

Nos últimos anos, observamos uma preocupação maior com o patrimônio histórico de Juiz de Fora. Vários prédios importantes foram tombados graças ao envolvimento afetivo da população em defesa do seu passado. Este apreço pela memória não está restrito às obras arquitetônicas: é revelado na preservação de outros vestígios do passado, como os documentos escritos, as fotografias e diversos objetos.

¹⁵ Ver: ALMEIDA, Fabiana. Narrativas preservacionistas na cidade: a trajetória da defesa do patrimônio histórico de Juiz de Fora através de manifestações populares na década de 1980. Dissertação. UFJF, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2012/04/Fabiana-Aparecida-de-Almeida.pdf>. Acesso em 13 de out de 2014.

¹⁶ Inaugurada em 7 de janeiro de 1888, a companhia têxtil impulsionou a província e deu a Juiz de Fora o título de Manchester Mineira. Apresentava não só tecnologia, com máquinas de tear inglesas e americanas e música ambiente, mas também era guiada por um pensamento empreendedor à frente de seu tempo. No entanto, após o apogeu industrial veio a estagnação econômica da região e em 14 de janeiro de 1984 a fábrica encerrou suas atividades. Como forma de pagamento de dívidas com o governo, o prédio virou patrimônio do Estado de Minas Gerais e da União. Em 1987, o movimento, “Mascarenhas, meu amor”, liderado por artistas, jornalistas e intelectuais mobilizou Juiz de Fora em prol da restauração do prédio e da cessão do espaço para atividades artísticas. Acesso em: 24 de mar de 2014.

¹⁷ Tombado pelo patrimônio cultural do município em 1983 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1994.

¹⁸ O espaço urbano ocupado pelo Stella Matutina em Juiz de Fora, correspondia a uma área que hoje equivale a um quarteirão inteiro. O complexo abrigava um prédio principal, com salas de aula e quartos do internato feminino, e uma capela, utilizada como templo de consagração de ordem religiosa. Uma das mais antigas instituições de ensino de Juiz de Fora ainda em atividade (hoje com endereço na Avenida Itamar Franco), a escola constituía um marco arquitetônico na cidade. A Capela reproduzia o aspecto gótico medieval e foi erguida em 1926. Em 1976, o empresário Sidivan Ribeiro comprou a capela, transformando-a em galeria de arte e ponto de encontro da juventude universitária. O espaço funcionou até 1986, quando foi demolido.

4 A INTERNET COMO ESPAÇO CONVERGENTE DE MEMÓRIAS

A natureza comunicacional do ciberespaço articula a informação, a tecnologia e a memória. Interessa-nos compreender, sua condição de propiciar meios de memória social. Neste capítulo apresentamos dados sobre o uso da internet e algumas características deste ambiente com base em Alex Primo (2007) e Janet Murray (2003). Mencionamos as redes sociais mais utilizadas desde 2000 e explicamos as ferramentas.

A última parte do capítulo concentra-se em apresentar o *Facebook* enquanto espaço de compartilhamento de memórias através de um coletivo digital. Os autores Roland Barthes (1984), Le Goff (1990), Mirian Leite (2000), Lucia Santaella (2003), além de Mirian Leite (2000), Paula Sibilía (2008) e o pesquisador Armando Silva (2008) utilizados como referência teórica.

4.1 Breve histórico da internet

A internet é definida por ser uma “rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum”, de acordo com o dicionário Houaiss. Surgiu no final dos anos 1960¹⁹, no momento da Guerra Fria, por iniciativa do Departamento de Defesa americano, com o objetivo de desenvolver um conjunto de comunicação militar entre diferentes centros. Mas, a chamada "bolha da internet" teve seu ápice em 2000²⁰. O número de computadores pessoais em todo o mundo chegou a 500 milhões.

Dados da agência UTI (União Internacional de Telecomunicações), que é ligada à Organização das Nações Unidas (ONU) e referenciada no mundo por esse tipo de pesquisa, avaliam que o mundo terá 3 bilhões de usuários de internet²¹ em 2015, cerca de 42% da população mundial (de mais de 7 bilhões), de acordo com o último levantamento da organização. Após o desenvolvimento de redes de banda larga com fio (ADSL e fibra óptica) e sem fio (*wifi*, *Bluetooth* e 3G), e da internet móvel (*WAP*), tivemos acesso a outras tecnologias e produtos da chamada “web 2.0”²². Essa segunda

¹⁹ Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html Acesso em: 01 de out de 2014.

²⁰ Disponível em: <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-h200.htm>. Acesso em: 09 de dez. de 2014.

²¹ Usuários da internet no mundo. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2014/05/mundo-tera-23-bilhoes-de-usuarios-de-banda-larga-movel-ate-o-fim-de-2014> Acesso em: 01 de out de 2014.

²² O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da “World Wide Web” - tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo.

geração se caracteriza por aplicações interativas (*blogs*, *wikis*²³, sites de compartilhamento de fotos e vídeos ou redes sociais), que renovaram a relação entre os usuários e os serviços de internet, criando o princípio de uma cultura compartilhada em rede: “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (PRIMO, 2007, p.1).

Também observamos na internet, características estudadas por Murray (2003), de que os ambientes digitais são: procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. Estes meios são procedimentais porque funcionam como um motor, no qual os procedimentos colaboram com as estruturas das narrativas, já que as redes sociais fomentam os registros da memória cotidiana, apresentando ferramentas e formas de elaboração de narrativas de memória, levando a participações interativas. Devido à imersão dos ambientes digitais, a autora afirma que eles favorecem a espacialidade e o enciclopedismo. Segundo ela, a internet permite a criação de narrativas em forma de mosaicos, criando justaposições, tal como acontecem nas narrativas do cinema, possibilitando uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços. Nesse sentido,

(...) o computador oferece-nos maneiras de dominar a fragmentação. (...) Ele nos proporciona um caleidoscópio multidimensional, com o qual podemos reagrupar os fragmentos tantas vezes quantas quisermos, e permite que transitemos entre padrões alternados de organização em mosaicos. (MURRAY, 2003, p. 155).

Esta memória social possui grande representatividade porque mais da metade dos brasileiros estão conectados na internet. Segundo dados divulgados²⁴ em setembro de 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de internautas no país passou de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população. As informações fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) referente a 2013. De acordo com o IBGE, o Brasil ganhou 2,5 milhões de internautas (2,9%) entre 2012 e 2013, totalizando aproximadamente 86,7 milhões de usuários de internet. Em 2013, a região Sudeste (57,7%) teve proporção de internautas superior à média nacional de 50,1%.

²³ Páginas comunitárias na internet que podem ser alteradas por todos os usuários que têm direitos de acesso. Usadas na internet pública, essas páginas comunitárias geraram fenômenos como a Wikipedia, que é uma enciclopédia online escrita por leitores.

²⁴ Usuários de internet no Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/mais-de-50-dos-brasileiros-estao-conectados-internet-diz-pnad.html> Acesso em: 01 de out de 2014.

4.2 A evolução das redes sociais

Com a popularização da internet a partir dos anos 2000, outro tipo de serviço de comunicação e entretenimento começou a ganhar força: as redes sociais. Em 2002, surgiram o *Fotolog* e o *Friendster*: o primeiro consistia em publicações baseadas em fotografias acompanhadas de qualquer tipo de texto, geralmente em caráter de diário: frases, desabafos, etc. Além disso, era possível seguir as publicações de conhecidos e comentá-las. O *Fotolog* ainda existe, mas não é tão popular entre os adolescentes como naquela época. Por sua vez, o *Friendster* foi o primeiro serviço a receber o status de “rede social”. As funções permitiam que as amizades do mundo real fossem transportadas para o espaço virtual. Esse meio de comunicação e socialização atingiu 3 milhões de adeptos em apenas três meses — o que significava que 1 a cada 126 internautas da época possuía uma conta nele²⁵.

O ano de 2004 pode ser considerado fundamental para o estabelecimento das redes sociais, pois nesse período foram criados o *Flickr*, o *Orkut* e o *Facebook* — algumas das redes sociais mais populares, incluindo a maior de todas até hoje. Similar ao *Fotolog*, o *Flickr* é um site para quem adora fotografias, permitindo que as pessoas criem álbuns e compartilhem seus acervos de imagens. Atualmente, aproximadamente 51 milhões de pessoas usufruem de seus recursos. O *Orkut*, rede social da *Google*, foi durante anos a mais usada pelos internautas brasileiros, até perder seu título para o *Facebook*, em dezembro de 2011.

O *Instagram*²⁶ é o aplicativo mais popular para compartilhamento de fotos e vídeos do momento, criado por Kevin Systrom e Mike Krieger, lançado em outubro de 2010, ganhando rapidamente popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012. O serviço foi adquirido pelo *Facebook*²⁷ em abril do mesmo ano por cerca de 1 bilhão de dólares em dinheiro e ações. Como uma rede social, ele permite que o usuário acrescente filtros às suas produções e as publique *online*. A grande vantagem do programa é sua facilidade de uso. Com ferramentas simples, o usuário pode tirar uma foto ou fazer uma filmagem direto de seu dispositivo (com duração de 15 segundos). Uma característica distintiva é que ela limita as fotos para uma forma quadrada, semelhante ao Kodak *Instamatic* e de câmeras Polaroid, em contraste com a

²⁵ Ver: <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>.

²⁶ Disponível em: <http://instagram.com>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.

²⁷ Ver: <https://tecnoblog.net/97576/facebook-compra-instagram/>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

relação à proporção de tela de 16:9, agora tipicamente usado por câmeras de dispositivos móveis.

Interessante observar o quanto as redes sociais se estabeleceram como repositórios de memórias. No dia 30 de setembro de 2014 o *Orkut* deixou de funcionar como rede social, mas permaneceu com fotos, informações pessoais, *scraps*²⁸ e outros dados a disposição. Quem deseja apagar suas informações, pode acessar o arquivo a qualquer momento. Os usuários da rede social, que funcionou de janeiro de 2004 a setembro de 2014, podem acessar o Arquivo de Comunidades, com 51 milhões de comunidades, 120 milhões de tópicos e mais de 1 bilhão de interações. Para isto, basta acessar a própria página do *Orkut*. O histórico de conexões e conversas será preservado para que o usuário possa voltar e visitar as suas memórias. Segundo o *blog* oficial do *Orkut*²⁹, o arquivo serve como uma cápsula do tempo do início das redes sociais.

4.3 Facebook e o compartilhamento de memórias no coletivo digital

Podemos traçar uma linha do tempo³⁰ de uma década da rede social mais utilizada no mundo: o *Facebook* teve início com o lançamento em 2004 da rede social, que se chamava *Thefacebook* e era voltada a alunos da Universidade Harvard. Em 2005 é rebatizado de *Facebook* e se expande para universidades dentro e fora dos EUA. No ano de 2008 supera o *MySpace*³¹ e passa a ser a rede social mais popular do mundo. Já em 2010 chega a 500 milhões de usuários e vira tema do filme "A Rede Social" (David Fincher). Em 2011 torna-se o maior hospedeiro online de fotos do mundo, com mais de 100 bilhões de imagens.

Segundo dados³² divulgados pelo *Facebook* sobre a sua versão brasileira, são postados ao mês 460 milhões de fotografias nessa rede social. O número de usuários da internet passou de metade da população brasileira pela primeira vez³³. Em 2013, os internautas somaram exatos 51% dos cidadãos com mais de 10 anos de idade, ou 85,9

²⁸ O termo scrap se refere a recados que usuários deixam no perfil de um conhecido ou amigo. É uma das formas de comunicação em rede, servindo tanto para mensagens online como offline. Esta expressão começou a ser utilizada no *Orkut*, mas é usada no *Facebook* e em blogs.

²⁹ Disponível em: <http://blog.orkut.com> Acesso em: 10 de out de 2014.

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2014/02/78994-uma-decada-de-facebook.shtml>. Acesso em: 27/08/2014.

³¹ *MySpace* é uma rede social que utiliza a Internet para comunicação online através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos.

³² Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-facebook-no-brasil/> Acesso em: 02 de mar de 2014.

³³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120> Acesso em: 26 de set de 2014.

milhões de pessoas. Entre os principais fatores que contribuíram para o marco inédito estão o aumento exponencial no uso de celulares para conexão com a rede e a multiplicação de equipamentos portáteis, como *notebooks* e *tablets*. É o que indica a nona edição da pesquisa TIC Domicílios, divulgada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br).

Tido como um dos principais levantamentos sobre o uso e acesso de tecnologias de comunicação e informação (TICs) no país, o estudo foi realizado entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014, em mais de 16 mil residências espalhadas por 350 municípios brasileiros. Órgão responsável pela elaboração da pesquisa, o Cetic.br é ligado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), que implementa os projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). O índice inédito leva em conta os brasileiros que acessaram a internet ao menos uma vez por trimestre, frequência que é parâmetro internacional para classificar alguém como usuário da rede. O crescimento segue uma curva já observada em levantamentos anteriores: de 2011 a 2012, a parcela de internautas pulou de 45% para 49% da população.

Oito em cada dez brasileiros possui uma conta no *Facebook*³⁴, segundo dados atualizados em agosto de 2014 pela rede social, que indicam que 89 milhões de brasileiros se conectam ao site todos os meses. Segundo a consultoria, o país conta com mais de 107,7 milhões de internautas. Por dia, 62,8% do total de pessoas com perfil na rede se conectam a ela, ou seja, 829 milhões de usuários acessam o site por dia. No Brasil, esse índice é superior à média mundial. Diariamente, 59 milhões de brasileiros, ou 66,2% do total de usuários, entram no *Facebook*. De acordo com a empresa, os acessos móveis subiram 55% no país entre abril e julho. Isso quer dizer que 68 milhões de pessoas acessam suas contas no *Facebook* por meio de aplicativos e de dispositivos móveis.

Sobre o ‘deslizamento afetivo’³⁵ que ocorre no Facebook, contamos com a contribuição de Lucia Santaella na palestra “O DNA das redes sociais”, proferida no evento nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

³⁴Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html> Acesso em: 26 de set de 2014.

³⁵ Comparando ao tema central do Congresso de 2013, “Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades”, Lucia acrescentou que o “alimento que vai conectando as redes é o afeto”, que também deve ser considerado no sentido de afetar. Segundo ela, o “ser é afetado por contágio”, pela vontade de estar presente nas redes. “Qualquer invenção que incremente a possibilidade de comunicação do mundo se torna uma necessidade no mundo”, garantiu.

Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4598:lucia-santaella-lota-auditorio-e-garante-que-o-afeto-conecta-as-redes&catid=131&Itemid=135 Acesso em: 18 de out de 2014.

(Intercom) 2013, Manaus – Amazonas. A pesquisadora acredita que esta rede social promove a ampliação da memória na cooperação da web 2.0, gerando uma cultura participativa, assimilativa, da convivência.

Ao descolar a subjetividade do sujeito, torna-se necessário traçar uma cartografia que vá além dos limites do indivíduo, levando o território do subjetivo até as maquinarias impessoais reguladoras da socialidade. É só no domínio dos arranjos coletivos que a subjetividade pode inventar arranjos singulares (SANTAELLA, 2003, p.38).

Para a autora, a multiplicidade identitária do sujeito: “encontrou no ciberespaço os ambientes lúdicos nos quais se tornou possível brincar com as construções subjetivas e intersubjetivas” (SANTAELLA, 2003, p.40). No *Facebook* encontramos um coletivo de imagens que mesclam passado e presente e que favorecem uma ressignificação da memória da cidade pela visualização de imagens do passado.

4.4 A fotografia enquanto suporte de memória no *Facebook*

Sobre o coletivo digital na rede social, o pesquisador colombiano Armando Silva defende que o álbum tradicional feito com fotos de papel não morreu. “Persiste em formatos digitais alimentando a mais poderosa rede mundial de intercâmbios de cópias com as quais construímos a imagem de nós mesmos. Agora diante de nossa família-mundo” (SILVA, 2008, p. 13). As trocas afetivas, melancólicas vão revelando memórias subterrâneas ou até desconhecidas da cidade.

A função do álbum não seria mostrar nada novo, a não ser em casos excepcionais, mas conservar o que já foi visto, anunciado muitas vezes, até se tornar um rito de um ato reiterado. Sua interlocução visual é legítima porque cada foto me diz que o que se representa ali já passou, confirma-o pela foto seguinte e torna a me mostrar o mesmo rito em outras fotos, para confirmar que não há novidade possível. Assim, o tempo do álbum torna-se circular (SILVA, 2008, p.37).

E nesse rito, o autor classifica o álbum como memória, que deve ser relacionada ao esquecimento, já que o arquivo existe por medo da destruição. Sendo assim, acaba por tornar-se também ruína. Miriam Moreira Leite (2001) concorda com esta visão e defende que fotografia oferece ao homem a oportunidade de transformar-se em “objeto imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória” (LEITE, 2001, p.153). O álbum é um

arquivo fotográfico de suma importância para compreensão do momento histórico vivido pelo homem contemporâneo.

Roland Barthes esclarece: “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p.13). A fotografia não existe simplesmente com a função de imitar a realidade, mas sim de prolongar aquilo que existiu um dia. Assim, a fotografia funciona como uma memória social que é capaz de eternizar pessoas, locais, momentos que provavelmente não se repetirão.

Entendemos que “a Fotografia traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro, membro por membro [...]” (BARTHES, 1984, p.15). Sob outro aspecto complementar, os textos apresentados nas postagens são permeados por uma abordagem que leva em conta as atitudes, as trocas, as tradições, as alteridades e as práticas sociais das épocas pretéritas.

As fotografias postadas no ambiente digital trazem consigo histórias em suspensão que os membros buscam desvendar, preenchendo lacunas de uma narrativa histórica, com imagens que integram a base da formação e de sustentação do imaginário social. Segundo Paula Sibilia (2008), a fotografia serve como relato e registra certos acontecimentos da vida cotidiana, congelando as cenas para sempre em uma imagem fixa. “Com a facilidade técnica que este dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registra a própria vida e a experiência de se estar vivendo” (SIBILIA, 2008, p.33). Em contrapartida a esta instantaneidade de postagens, encontramos registros do passado nas redes sociais, através de grupos do *Facebook*, *blogs*, *sites* que desejam tratar do assunto e revelam uma condição de angústia pela preservação da memória como resposta à aceleração do tempo, a fugacidade do contemporâneo.

O *Facebook* abriga diversos tipos de memória presentes nos cotidianos de todas as partes do mundo e, mesmo que apagado, o conteúdo já terá sido visualizado por outros. Esta rede social proporciona que as pessoas possam olhar para o passado com generosidade através, por exemplo, de compartilhamentos de fotos entre amigos de infância, colegas do colégio, etc; fornecendo ferramentas que reforçam essa característica tão humana.

As narrativas de memória presentes na *fanpage* “Maria do Resguardo” apresentam mais do que narrativas e mais do que memórias, elas se expõem como

retalhos de uma cidade imaginada na memória de quem as partilha e compartilha. A *internet* é o espaço de conagração dessas memórias de uma cidade que habita apenas na mente de seus moradores.

[...] o que resta para além das ideias de ruínas e de ruptura é a ideia da continuidade. À ideia de decadência somos tentados a opor a ideia nova de continuidade. A moderna problemática da longa duração em história reduz, assim, a pertinência da ideia de decadência. Nesta perspectiva, o que se impõe como fenômeno fundamental da história é a continuidade, não uma continuidade imóvel, mas uma continuidade atravessada por transformações, mutações e crises (LE GOFF, 1990, p.360).

Essa continuidade pode ser uma das fortes características atribuídas ao trabalho desenvolvido pelo gestor e que é respaldado pela interação dos membros da página: mesmo nas fragmentações da sociedade atual, através de imagens, o passado rompe as camadas da memória e trazem ressignificações para a cidade.

5. FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”: O “LUGAR DA MEMÓRIA” DE JUIZ DE FORA

Estudamos neste capítulo a organização da *fanpage* e observamos como este local abriga as memórias individuais e coletivas dos membros que curtiram a página. Ao postar fotos antigas no *Facebook*, a *fanpage* “Maria do Resguardo”, criada em torno do tema “fotografias antigas de Juiz de Fora”, cria um laço comum: o da ressignificação espacial da memória da cidade, que é atizada pelas fotografias apresentadas, permitindo a manipulação e a reprodução de imagens.

5.1 O surgimento e as características do *blog* e da *fanpage* “Maria do Resguardo”

Ao “postar” fotos antigas, o *blog* e a *fanpage* criada em torno do tema “fotografias antigas de Juiz de Fora” criam um laço comum: o da ressignificação espacial da memória da cidade, suas ruas, suas instituições e seus lugares. Tal como a Juiz de Fora que persistiu na memória de Pedro Nava e de Rachel Jardim, também a cidade presente nas redes sociais é uma cidade imaginária e imaginada, que através de restos se ancora em um passado glorioso, talvez com receio do futuro. As imagens de antes trazem compreensão do agora, pois projetamos significados ao presente, trazendo novos sentidos para o espaço. A memória visual da cidade é atizada pelas fotografias apresentadas no ambiente virtual, permitindo a reprodução e o compartilhamento de imagens.

A utilização de um coletivo digital de imagens atende a uma finalidade: reescrever a história da cidade através de interações que revelam afetividades. Elas são fruto da lembrança e do esquecimento das pessoas em relação à urbe pretérita. Os membros buscam encontrar neste grande álbum virtual as figuras, tempos e espaços que constituem a pequena história pessoal de cada membro e que pertencem à memória coletiva da cidade.

Traçamos uma cartografia da *fanpage*, na qual buscamos identificar, classificar e ordenar os registros presentes no ciberespaço que nos auxiliem a compreender a nova relação com a memória na era digital. Nosso estudo será baseado no alcance da publicação, que é o número de visualizações dos membros. A publicação é

contabilizada como tendo alcançado alguém quando é exibida no *Feed* de Notícias³⁶. Os números se aplicam aos primeiros 28 dias após a criação da publicação e incluem usuários que visualizam a postagem em computador *desktop*³⁷ e no celular.



Figura 1: Fanpage “Maria do Resguardo”.
Disponível em: <https://www.facebook.com/MariadoResguardo>.

É necessário lembrar que a *fanpage* “Maria do Resguardo” derivou dos trabalhos do *blog* “Maria do Resguardo”, criado em 2009, na cidade de Juiz de Fora. O *blog* disponibiliza imagens com postagens diárias, tem 297 membros e possui mais de 900 mil acessos até os dias atuais. De acordo com o gestor, já foram postadas 15 mil imagens e o trabalho deve se perpetuar pelos próximos dez anos. A criação do *blog* “Maria do Resguardo” foi ideia de Marcelo Lemos, nascido em 1963 e criado na cidade. Ele é proprietário e trabalha no atendimento de uma loja de CDs há 20 anos no mesmo local, no Centro da cidade. Neste espaço que ele faz as postagens do *blog* e reúne os colaboradores e simpatizantes da página. Marcelo trabalhou como policial militar de 1982 até o final de 1990. Autodidata na utilização do computador, para criação do *blog* e da *fanpage* no *Facebook*, além de realizar as postagens e o tratamento das fotos sozinho. Lemos possui ensino médio completo e um curso de eletrotécnica. Em agosto de 2014, recebeu do prefeito de Juiz de Fora, Bruno Siqueira, o prêmio “Amigo do Patrimônio” como reconhecimento do trabalho em favor do patrimônio cultural da cidade.

³⁶ O *Feed* de Notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e páginas que você segue no *Facebook*. As histórias do *Feed* de Notícias incluem atualizações de status, fotos, vídeos, *links*, atividades de aplicativos e curtidas.

³⁷ *Desktop* é uma palavra da língua inglesa que designa o ambiente principal do computador. Literalmente, o termo tem o significado de “em cima da mesa”. Frequentemente utilizado para designar um computador de mesa por oposição ao *laptop* que é o computador portátil. *Laptop* tem o significado de “em cima do colo”.

Existe uma foto da lápide de uma mulher na apresentação da página. O nome do *blog* é de alguém que nunca existiu. A identidade da mulher da página inicial nunca foi revelada para os internautas, mas se trata da esposa de Lemos, que ainda é viva. A moldura da foto é apenas uma brincadeira... A Maria também não é real, o *blogger* gostou do nome e acha que a palavra resguardo remete a guardar coisas antigas.

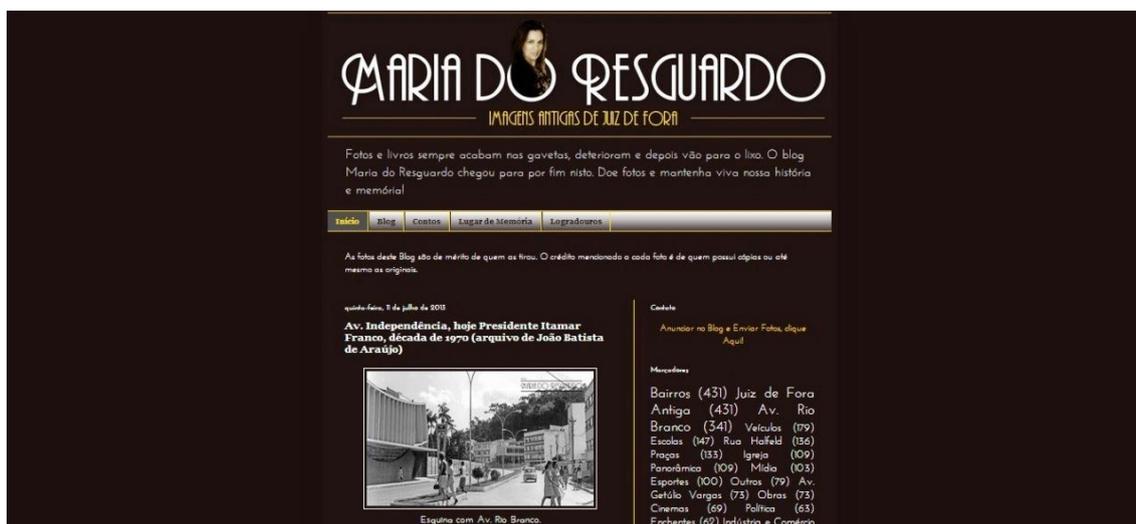


Figura 2: Blog “Maria do Resguardo”.

Disponível em: <http://www.mariadoresguardo.com.br/>.

Quando tratamos de questões subjetivas ao trabalharmos com esse objeto temos o alerta de que a memória apresentada nem sempre é fiel à verdade dos acontecimentos.

A minha memória... Eu não sei te dizer direito não. Depois que eu criei o *blog*, a minha cabeça já abriu tanto que até os locais mais simples eu esqueço. Por incrível que pareça, porque é muita informação, que eu estou tendo no momento... E locais que eu nunca tinha ido antes e isso me embaralha (LEMONS, 2012).

No relato de Lemos temos explicitada a consideração de Huysen sobre as consequências do excesso de rememoração: “no caso mais extremo, os limites entre fato e ficção, realidade e percepção se confundem a ponto de nos deixar apenas com a simulação, e o sujeito pós-moderno se dissolve no mundo imaginário da tela” (HUYSSSEN, 2000, p.75). Segundo o autor, em longo prazo, todas estas memórias ativas, vivas e incorporadas no social serão modeladas em grande medida pelas tecnologias digitais. Mesmo assim, elas não podem ser armazenadas para sempre, nem protegidas, devido ao excesso de memória.

Também devemos levar em conta que a cidade que habita na memória aparece no presente. Mesmo transformados, danificados ou extintos, os lugares e os

acontecimentos pretéritos são rememorados. A paisagem confronta as lembranças de antigos locais, de espaços modificados ou de novas construções completamente diferentes do tempo atual a cada esquina. Segue outro trecho da entrevista de Lemos, em que ele justamente comenta essas relações dos lugares com a sua memória

Tem locais que eu visito e nem sei onde eu estou mais... Às vezes eu olho para a foto e parece que eu estou no local. A gente vai incorporando esses locais. O Jardim da Infância, por exemplo, eu tento achar foto lá de dentro e não consigo. Mas eu sei que um dia eu vou achar. É o lugar em que eu estudava quando era criança, o primeiro local. Quando eu vejo aquele local, me emociono (LEMOS, 2012).

Até o final dos anos 1960, quem vivia em Juiz de Fora e passava pelo Largo do Riachuelo, Av. dos Andradas, se lembra do Jardim da Infância³⁸. Por muitos anos, sem uma sede própria e já com o nome de Grupo Escolar Mariano Procópio o colégio só não foi extinto devido ao esforço e dedicação de professoras e diretoras que lutaram por sua manutenção junto a vários governos estaduais. Hoje, em local próprio, na Rua Morais e Castro no bairro Alto dos Passos. E observamos através de outra fala do *blogger* que o esquecer também constitui a sua memória

Esse é um grande problema. De tanto ver as fotos, eu já não sei se fui naquele local ou é porque vi a foto várias vezes. Parece que eu estou vivendo no passado. Eu confundo o futuro com o passado. Olho para as coisas e quero saber como era antigamente. Na Rua Halfeld, por exemplo, quando estou descendo, eu a vejo sem Calçadão, só com paralelepípedos, eu volto no tempo (LEMOS, 2012).

O narrar, esquecer, lembrar e contar são procedimentos ambíguos constantes no interior do sujeito narrador e na exterioridade dos relatos-testemunho. A memória existe ao lado do esquecimento. Para quem conta, a narração combina os dois fatores. O estabelecimento de categorias pode servir para organizar essas memórias e facilitar o acesso aos conteúdos dos quais se lembrou e registrou. Alguns “marcadores”³⁹ são utilizados para organização do material no blog e para facilitar a busca do internauta, sendo os seguintes citados com maior conteúdo: “Juiz de Fora Antiga” (430), Bairros (453), Av. Rio Branco (371), Veículos (188), Escolas (168), Rua Halfeld (143), Praças (141), Panorâmica (115), Igreja (113), Esportes (109) e Mídia (104). Em cada nicho desses misturam-se imagens de diversas datas, não há uma divisão suficientemente clara e objetiva de fotografias, pois as postagens são aleatórias, de acordo com a subjetividade de Lemos.

³⁸ Ver: <http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/2606/>. Acesso em: 17 de nov. de 2014.

³⁹Disponível em: <http://mariadoresguardo.blogspot.com.br/> Acesso em: 17 de nov. de 2014.

No *blog* há uma facilidade de publicação, porque a linguagem da programação é acessível a usuários leigos, através de ferramentas baseadas na *web*. Estas possibilitam edição e atualização instantânea dos conteúdos, sem que haja necessidade do usuário dominar recursos de outros *softwares*. Para possuir um *blog* não é necessário ter conta num servidor, pois a maioria destes serviços disponibiliza gratuitamente espaços para hospedagem das páginas dos usuários. Após preencher um cadastro simples, o usuário define o modelo das postagens, indicando os dados (data, hora, autor, e-mail, etc.) que serão disponibilizados, a ordem com que aparecerão (começando da postagem mais recente a mais antiga, por exemplo), quantos *posts* serão exibidos por página, entre outras opções. O grau de complexidade dos conteúdos e a sofisticação técnica do *blog* dependem da finalidade e do conhecimento técnico do usuário.

Os *blogs* podem ser categorizados, de acordo com Recuero (2003), como: a) diários – tratam basicamente da vida pessoal do autor; b) publicações – comentários sobre diversas informações; c) literários – os *posts* trazem contos, crônicas ou poesias; d) *clippings* – agregam *links* ou recortes de outras publicações; e) mistos – misturam *posts* pessoais e informativos, comentados pelo autor. O *blog* “Maria do Resguardo” pode ser classificado como o de tipo “publicações”.

Apesar de existir um local próprio para a postagem de “comentários” sobre as fotos, ele não promove a interação entre blog-visitantes e visitantes-visitantes de maneira significativa. Dessa forma, a criação da *fanpage* foi fundamental para chegar até novos membros e interagir com aqueles já existentes. Sendo assim, as análises desta pesquisa ficaram restritas ao conteúdo disponibilizado no *Facebook*.

Sobre a migração ou existência paralela em diferentes mídias, destaca-se a reflexão de Henry Jenkins (2008) sobre a narrativa transmidiática, que refere-se a um novo modelo que surgiu em resposta à convergência de mídias, captando as exigências dos consumidores e dependendo da participação ativa das comunidades de conhecimento. Para este autor, a velocidade com que informações são compartilhadas na rede conduz seus usuários a interagirem entre si, visando atingir um nível de conhecimento compartilhado. Jenkins utiliza o conceito de “comunidades de conhecimento” de Pierre Levy sobre o advento da Internet: “novas formas do pensamento coletivo, novas formas de acesso ao conhecimento vão acelerar o processo geral de emancipação. Mas não devemos achar que as coisas vão acontecer de forma mágica e imediata” (LEVY, 2001, p.34). Deste modo, ao aumentar as possibilidades de interação com o conteúdo geral do “Maria do Resguardo”, o gestor adequou-se às

necessidades do seu público de interesse da mesma forma que possibilitou a visualização do conteúdo por um público que têm por preferência as ferramentas do *Facebook* e não tinha o costume de acessar *blogs*.

Sobre as novas interações promovidas pela rede social, André Lemos afirma que: “devemos então reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações” (LEMOS, 2010, p.156). Além disso, esta estratégia é uma forma de preservação. Entendemos aqui patrimônio digital como aquele nascido de uma digitalização de patrimônio que apresenta rastros físicos no real.

Nesse caso, o patrimônio digital, assim como os patrimônios mais consolidados, sofre de acasos e fatalidades na sua preservação. Ao mesmo tempo em que sabemos que alguns acasos acabam por preservar patrimônios de “pedra e cal”, em outros casos, algumas fatalidades nos fazem perder parte de determinado patrimônio. Dessa maneira, acreditamos que uma das formas de preservação do patrimônio digital seja a da disseminação das informações em servidores diferentes (HENRIQUES, 2014, p.49).

O gestor da *fanpage* permanece com o *blog* justamente para ter mais um suporte virtual de memória que tende a ser mais permanente do que uma rede social e por acreditar na abrangência de recursos da internet.

Eu não tenho a intenção de exposição das fotografias porque para mim hoje a internet é a maior divulgadora, uma ferramenta muito importante. A exposição iria mostrar uma fração bem pequena desses arquivos, acho que seria muito fraca. É difícil perder um blog do ar porque o mecanismo de segurança é grande. O arquivo fica salvo mesmo se ele sair do ar. E também tenho os arquivos salvos em vários HDs. Estou pensando em fazer um domínio do blog⁴⁰ para ter ainda mais segurança. (LEMOS, 2012).

Aproveitando a possibilidade de transitar entre *blog* e *Facebook*, Marcelo Lemos sempre disponibiliza links de um e de outro em suas postagens, o que incentiva o acesso ao *blog* pelos membros da *fanpage*, que são maioria. O *blog* é uma das ferramentas de comunicação mais populares da internet. Uma das características dos *blogs* é que, em geral, eles têm um aspecto muito parecido, isto é, o usuário é limitado no que diz respeito a alterações visuais. Quanto à frequência, alguns são atualizados diariamente, outros semanalmente, mensalmente e, em alguns casos, até várias vezes por dia. Cada atualização ou publicação no *blog* é chamada de *post* (postagem). Quando surgiram, os *blogs* tinham caráter puramente recreativo, eram usados como “diários virtuais” *online*, com predominância do público jovem, com objetivo de expor ideias, narrar acontecimentos da vida privada. Com o passar do tempo, os *blogs* foram se tornando

⁴⁰ Domínio é o endereço do site. Se não existisse, teríamos que digitar uma porção de códigos.

espaço de disseminação de informações mais consistentes, fazendo com que celebridades e empresas passassem a utilizá-los também.

Os *blogs* tornaram-se o "endereço virtual" de muitas pessoas e instituições, tornando-se, além de tudo, fonte de obtenção de conteúdos, ferramenta de trabalho e auxílio de diversos profissionais, especialmente jornalistas, repórteres e professores. Além de publicar conteúdo pessoal, profissional, informativo e educativo, os *blogs* viraram também ferramenta de divulgação artística, possibilitando a publicação de material desenvolvido por artistas independentes como poetas, desenhistas, escritores e fotógrafos, antes impossibilitados de expor seu trabalho.

O *Facebook* é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners, destaques (*links*) patrocinados no *Feed* de notícias. Usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para usuários de uma mesma rede ou amigos confirmados. As *fanpages* possuem o *Facebook Insights* que traz dados (gênero e idade) das pessoas (fãs) que curtiram a sua página. Além disso, a cada postagem é possível ver o número de interações (curtir, compartilhar e comentar). Não há restrição quanto ao número de pessoas que curtem a sua página.

O *blog* apresenta maior autonomia pela característica de um grande acervo, mas a *fanpage* promove interações que são mais esclarecedoras para a pesquisa. Analisamos somente as postagens do *Feed* de Notícias e observamos um grande volume de “curtidas”, “compartilhamentos” e “comentários” nas fotos. Mais de cinco mil e novecentos integrantes participam ativamente da página, fugindo a uma tendência atual de se “curtir” páginas apenas com o objetivo de participar de sorteios e promoções.

Destacamos uma característica positiva desta *fanpage*: a maior parte das fotos possui uma descrição detalhada: isso não é comum devido ao imediatismo das informações normalmente compartilhadas nas redes sociais. Ocasionalmente, alguma foto é publicada sem descrição completa e o gestor solicita auxílio aos membros da página para localizar o endereço, data e situação que descrevem aquela imagem. Em entrevista concedida para a autora, o gestor da *fanpage*, Marcelo Lemos, destacou que o levantamento das fotos que são postadas na página demanda tempo e investigação. A participação dos membros é essencial para o exercício da condensação de lembranças através dos comentários, já que a escolha de imagens é feita pelo gestor. A união destes elementos faz da *fanpage* um “lugar da memória” de Juiz de Fora.

5.2 O estudo da *fanpage* “Maria do Resguardo”

Marcelo Lemos, gestor do *blog* e da *fanpage*, sempre gostou de fotos antigas. E também de móveis, carros e outros objetos. Mas achava muito difícil conseguir imagens porque considerava os colecionadores de Juiz de Fora muito fechados: “Eles acham que a história pertence a eles. No momento em que divulgam a foto, os colecionadores sentem que ela perde aquele encanto da raridade, da preciosidade. Eu não vejo dessa forma. Foi assim que eu tive a ideia de criar o *blog* com as fotos que eu já tinha em mãos” (LEMOS, 2012).

Ao contrário do trabalho feito em grupos⁴¹ da cidade, algumas fotografias possuem a marca d’água com a logo “Maria do Resguardo”⁴². De acordo com Marcelo Lemos, essa medida busca evitar a reprodução sem créditos das imagens – este é um problema que acontece com frequência e faz com que o acervo primário não seja conhecido, o que é extremamente relevante quando comparado com outros trabalhos desenvolvidos⁴³. O gestor possui um arquivo com quinze mil fotografias antigas de Juiz de Fora, postadas no *blog* e reproduzidas na *fanpage*.

O acervo começou a partir do *blog* porque antes de ter esse suporte sempre comprei fotos na feira livre e de outras pessoas. Nem sei quanto eu já gastei, cheguei a ir e outros municípios à procura de fotos. Isso se tornou também um *hobby*. Depois da criação do *blog* as pessoas começaram a achar interessante o trabalho e perceberam que era importante doar para a gente

⁴¹ Existem outros trabalhos com fotografias antigas na cidade. É o caso do grupo no *Facebook* “Antiga Juiz de Fora”, que, de acordo com matéria do jornal “Tribuna de Minas”, surgiu a partir das antigas reuniões de amigos do bar Balcão Drinks, que funcionava no bairro São Mateus, em meados de 1980. Eles decidiram criar a comunidade, 30 anos depois. Os amigos - hoje médicos, advogados, professores, artistas plásticos - continuam a se encontrar e fazer novas amizades no *Facebook*. Amantes assumidos do saudosismo eles elegem como principal tópico a postagem de fotos da cidade. De uma sobremesa não mais encontrada na cidade a um monumento destruído pelo tempo, os comentários percorrem décadas e transitam pelos costumes e pela história da cidade. O fundador do grupo, João Carlos Figueiredo, o “Coruja”, comenta que o grupo é uma importante ferramenta de debate e mobilização: “São diversos temas levantados diariamente, como a preservação dos casarões históricos, da conscientização em relação à arborização e da necessidade de ciclovias na cidade”. Este grupo compartilha imagens semanalmente da *fanpage* “Maria do Resguardo”, além de imagens de acervos pessoais dos cinco mil membros. Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/nostalgia-virtual-1.1066886>. Acesso em: 22 ago. de 2014.

⁴² Em consultoria jurídica realizada pela autora, verificamos que, com base nas alegações de Marcelo Lemos, pode-se compreender que existe uma diferenciação entre posse e propriedade com referência no código civil, artigo 1198, parágrafo único e também no artigo 1.231 do referido diploma legal. Temos que, a posse é o poder de fato exercido por uma pessoa sobre uma coisa, relação essa que também é tutelada por lei, em que se revela a intenção de exercer um direito por quem não é titular dele. Já na propriedade, o direito é mais amplo sobre a coisa, pois o proprietário pode usar, usufruir, consumir, e até mesmo destruir, o que não ocorre na posse. Sendo assim, ao divulgar em um *site* de *internet*, Marcelo dá publicidade da sua posse sobre bens móveis (fotografia), tornando-se assim, mero detentor das mesmas. Caso não ocorra o questionamento da sua posse, com o decorrer do tempo, o mesmo poderá se tornar proprietário através do instituto da usucapião.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm Acesso em 28 de dez. de 2014.

⁴³ Na busca por um parâmetro, procuramos alguma *fanpage* com fotos antigas de Belo Horizonte, capital mineira com população contada em 2,475 milhões de pessoas (IBGE, 2010). Encontramos a *fanpage* “Fotos antigas de BH” com mais de trinta mil curtidas até o momento, mas apenas mil fotos postadas na *timeline*, sendo a maioria retirada da *internet*. Ver: <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeBeloHorizonte?ref=ts&fref=ts>. Acesso em: 17 de nov. de 2014.

construir a história da nossa cidade. Se procurarmos o acervo do município, não tem esse tipo de material. Para mim todas as fotos são raras porque são inéditas. O *blog* me toma a maior parte do tempo, porque eu tenho que procurar e trabalhar as fotos. Eu tento postar fotos todos os dias porque se eu postar uma por dia, eu vou ficar a vida inteira e não darei conta de colocar tudo. Busco colocar a foto com a melhor qualidade possível, usando o *Photoshop*, que é o melhor programa de edição (LEMOS, 2012).

Marcelo Lemos afirma que aprimora a resolução das fotografias, mas não faz interferência de cor, modificação de elementos, entre outros recursos que descaracterizariam o registro original. Não cabe à nossa pesquisa e nem possuímos ferramentas para avaliar a autenticidade dos registros.

A utilização das imagens na *fanpage* “Maria do Resguardo” é responsável predominantemente pelo sucesso das publicações. Segue o gráfico que explicita a quantidade bem maior de alcance, cliques, curtidas, comentários e compartilhamentos quando a publicação contém foto.

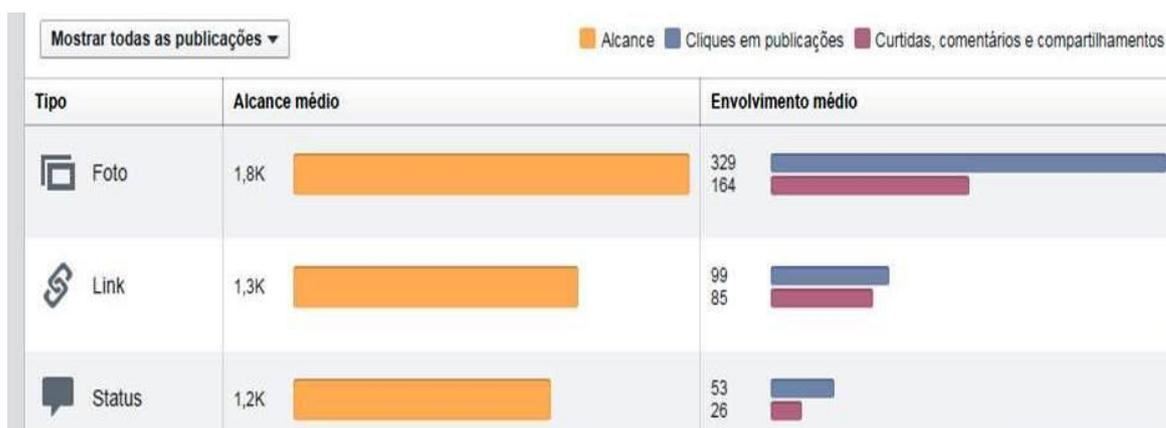


Gráfico I - Sucesso das publicações

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

Conseguimos gráficos disponibilizados para administradores para apresentarmos uma visão geral da utilização da página nos meses da amostra: maio, julho e setembro. Os picos de cada mês revelam que a presença de fotos eleva mais o número de visualizações o que uma postagem de texto na linha do tempo da página.

Visitas à Página e guias

O número de vezes que cada guia da sua página foi visualizada.



Gráfico II – Visualizações maio

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

Visitas à Página e guias

O número de vezes que cada guia da sua página foi visualizada.



Gráfico III – Visualizações julho

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”



Gráfico IV – Visualizações setembro

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

O guia da linha do tempo é muito acessado porque é neste local que o *link* do *blog* com as imagens é postado. O guia fotos também tem grande número de visualizações porque existem alguns álbuns com imagens agrupadas por marcadores, dentre os principais: Av. Rio Branco (94 imagens), Indústria e Comércio (54 imagens), Obras (31 imagens), Bairros (94 imagens), Rua Halfeld (30 imagens), Igrejas (24 imagens), Escolas (48 imagens), Panorâmicas (26 imagens), Praças (49 imagens), Museu Mariano Procópio (20 imagens).

Quando questionado, em entrevista concedida para a autora, o gestor explica que não estabelece um critério nas postagens, mas às vezes coloca fotos do mesmo mês ou datas festivas: “Ruas, Avenidas, panorâmicas e patrimônios são a estrutura do blog. O restante fica como enriquecimento, que também considero muito importante” (LEMOS, 2013). Ele observa, por exemplo, que imagens de estabelecimentos comerciais fazem sucesso por serem lugares comuns para a maioria dos internautas que curtiram a *fanpage*. Lembramos que a seleção das publicações depende da subjetividade de Marcelo, que prioriza imagens monumentais àquelas com personagens ou relacionadas à vida privada. Para tentarmos entender a motivação por certas temáticas, segue um gráfico que contabiliza os tipos de fãs da página.

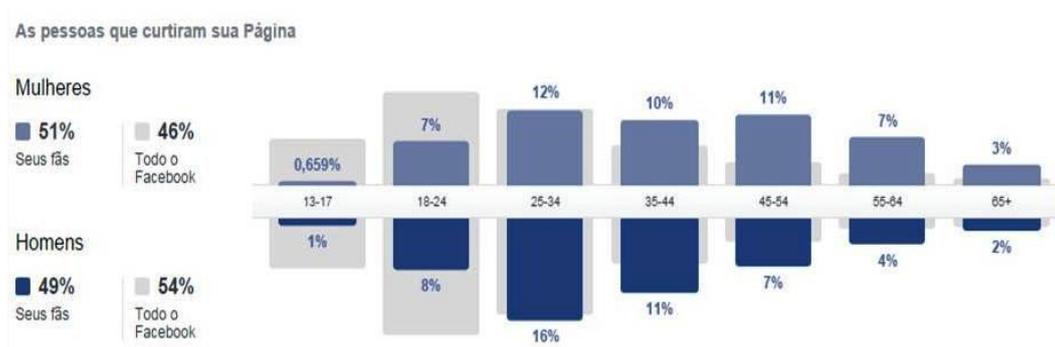


Gráfico V – Tipos de fãs

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

As faixas etárias com os maiores percentuais são de membros entre 25 a 34 anos de idade. Com as ferramentas da *fanpage* não possuímos recursos para avaliação deste interesse e nem é o cerne da investigação entender porque isto ocorre. Uma pista que justifica este acesso é o dado de que 66% dos internautas brasileiros estão nesta faixa etária⁴⁴. A predominância de fãs na região sudeste deve-se provavelmente ao fato da página tratar de localidades com conteúdos que só fazem sentido para quem conhece, admira ou deseja prestigiar a cidade. Além disso, diversas pessoas nascidas em Juiz de Fora e que se estabeleceram em outras regiões ou aquelas que moraram um período na cidade, podem manifestar interesse pela temática do passado de lugares em que vivenciaram algo. Mesmo assim, são pessoas, que, em sua maioria, não faziam parte da geração das fotos. Talvez, seja pela sedução de um passado que não conhecem.

País	Seus fãs	Cidade	Seus fãs	Idioma	Seus fãs
Brasil	5.072	Juiz de Fora, Minas Gerais	4.109	Português (Brasil)	4.946
Estados Unidos da América	20	Rio de Janeiro	155	Inglês (EUA)	117
Alemanha	13	São Paulo	78	Inglês (Reino Unido)	26
Portugal	11	Belo Horizonte, Minas Ger...	70	Português (Portugal)	25
Reino Unido	6	Brasília, Distrito Federal	34	Italiano	11
Itália	5	Vitória	18	Espanhol	10
Austrália	4	Volta Redonda, Rio de Ja...	17	Francês (França)	10
Canadá	3	Niterói, Rio de Janeiro	16	Espanhol (Espanha)	6

Gráfico VI – Localização dos fãs

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

⁴⁴ Ver: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120> . Acesso em: 17 de nov. de 2014.

Deixamos claro que as avaliações e medições da *fanpage* disponíveis para os administradores estavam liberadas para consulta. Durante o processo de pesquisa fizemos uma análise do conteúdo “postado”, com o objetivo de identificar as “cidades imaginadas” pelos membros que curtiram a *fanpage*. Começamos a coleta de dados em maio, mês de aniversário da cidade. Optamos por uma análise não sequencial para termos uma visão mais abrangente do material. Sendo assim, os meses de julho e setembro também foram selecionados. O número de meses pretendia contemplar postagens do primeiro e segundo semestre com um corpus que permitisse uma avaliação mais criteriosa, que não fosse determinada por uma categoria específica de fotos que poderiam estar privilegiadas em determinado período, tendo em vista que as postagens são aleatórias, dependem das escolhas do administrador.

O primeiro critério de seleção se deu na identificação das dez postagens de cada mês com maior alcance, que é o número de pessoas que visualizaram a publicação. A publicação é contabilizada como tendo alcançado alguém quando é exibida no *feed* de notícias⁴⁵. Os números se aplicam aos primeiros 28 dias após a criação da publicação e incluem pessoas que visualizam a publicação em computador *desktop* e no celular. O *Facebook* disponibiliza gráficos e em cada um deles os picos mais altos são referentes às fotos mais famosas de cada mês, que possuem o maior alcance e serão analisadas no último capítulo da dissertação.



Gráfico VII – Alcance total maio

Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

⁴⁵ O *feed* de notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e páginas seguidas no Facebook e incluem atualizações de status, fotos, vídeos, links, atividades de aplicativos e curtidas.

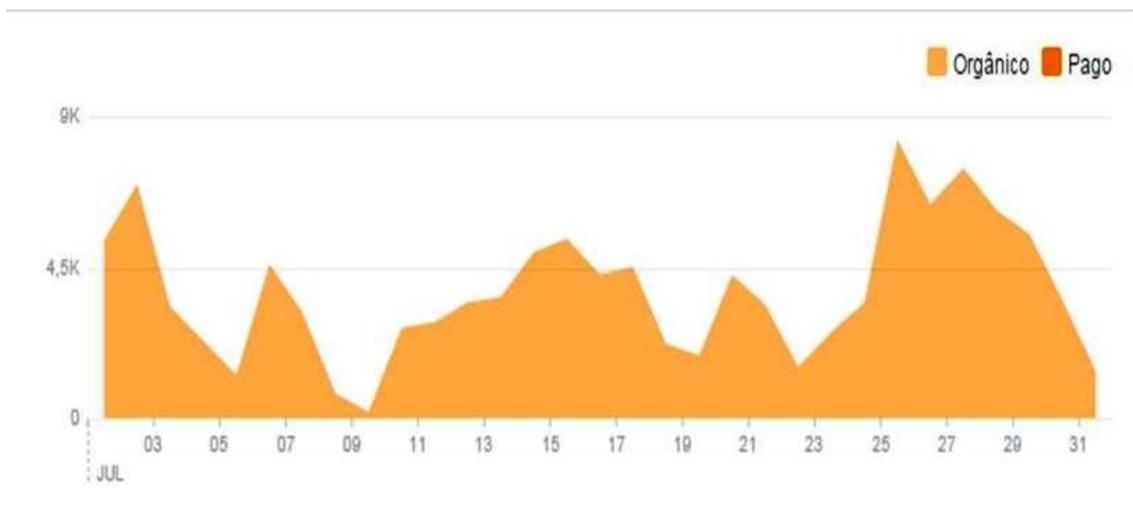


Gráfico VIII – Alcance total maio
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

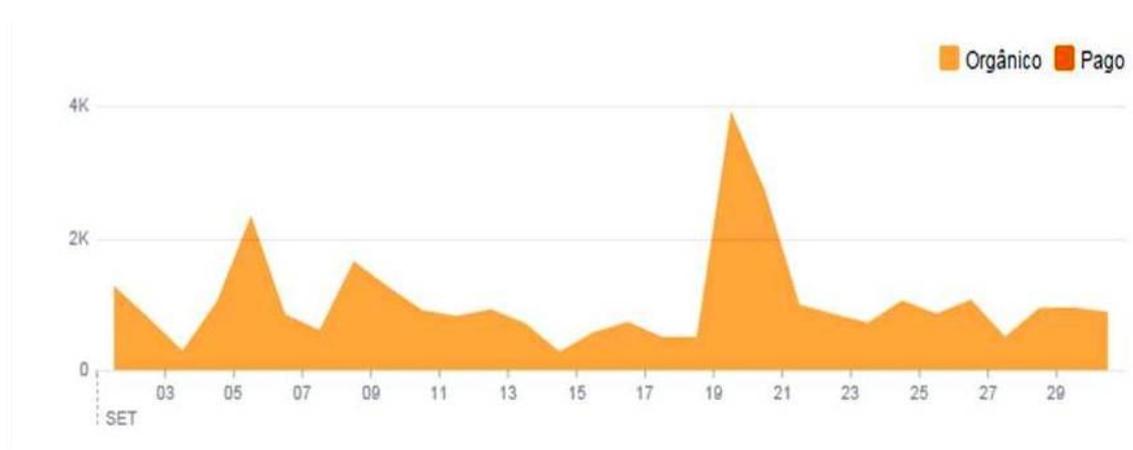


Gráfico IX – Alcance total setembro
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”

Também produzimos um gráfico que mostra o alcance total em números de cada mês analisado.

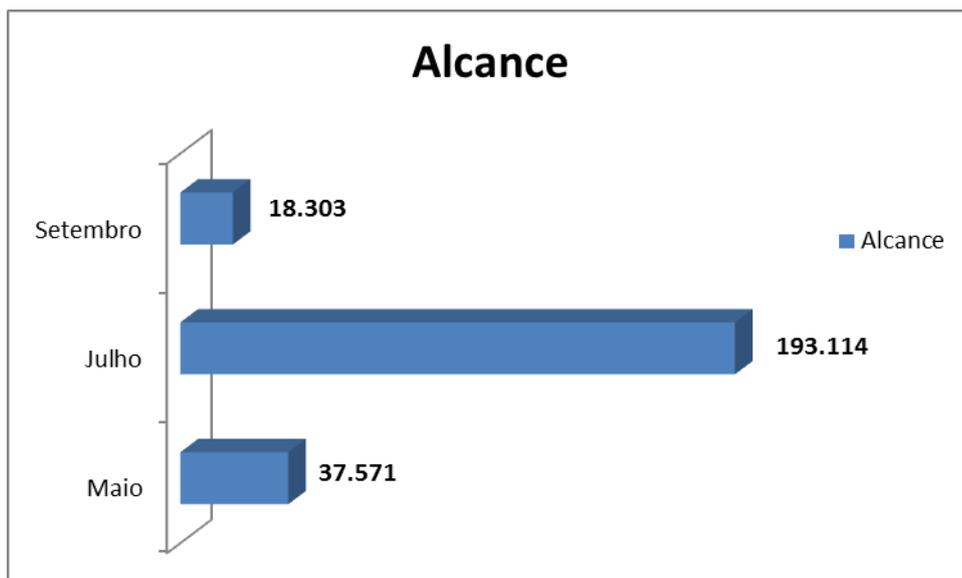


Gráfico X – Alcance total de pessoas nos meses analisados

As alterações significativas do alcance podem se justificar pelo número de postagens. Em maio o gestor postou 12 vezes. Em julho foram 111 publicações e em setembro foram 27. Não foi possível identificar a causa da diminuição de alcance no período. Acreditamos que as interações em redes sociais são inconstantes devido à agilidade da *internet*. Os membros têm acesso a diversos conteúdos e podem deixar de acessar a *fanpage* com frequência. Outro fator é que, se uma foto que possui grande alcance está em determinado mês, ela compensa o valor de alcance de outras que não fizeram tanto sucesso na contagem total. Os compartilhamentos são outras variantes que oscilaram bastante nos meses.

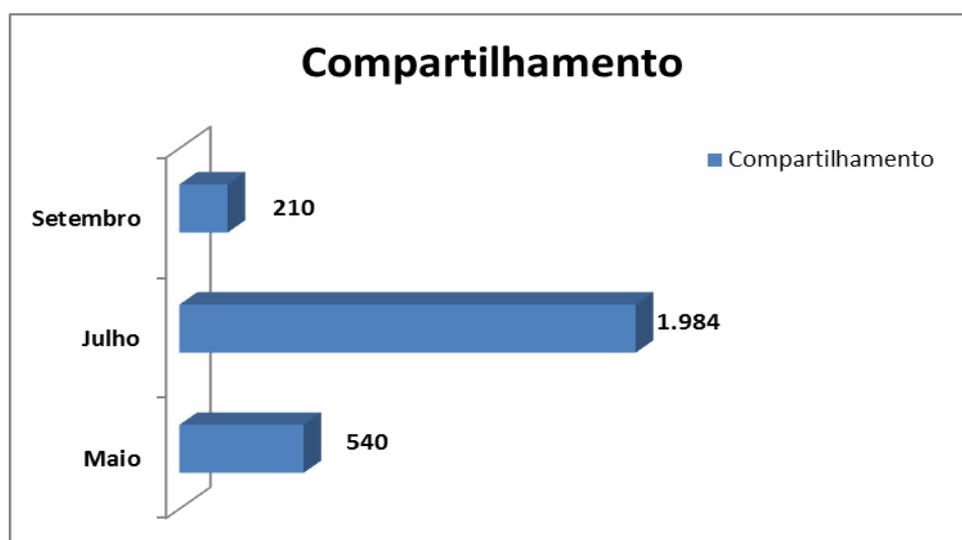


Gráfico XI – Compartilhamento total nos meses analisados

Levando em conta que a população de Juiz de Fora está acima de 600 mil habitantes e que a *fanpage* têm 5.433 membros, consideramos que a interação pode ser mais intensa.

5.3 Análise de conteúdo: metodologia de pesquisa das postagens

Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo (AC), que, para Laurence Bardin (2011), possui técnicas que implicam um trabalho exaustivo, com divisões, cálculos e aperfeiçoamentos incessantes da matéria prima a ser pesquisada. A mensagem é o ponto de partida da AC, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

Teve a consolidação voltada para procedimentos analíticos na área de Comunicação nos Estados Unidos, ligados ao desenvolvimento do jornalismo sensacionalista (*muckraking journalism*) nas últimas décadas do século XIX. Neste momento, as primeiras escolas de jornalismo dos EUA fizeram a análise quantitativa de periódicos como norma para o alcance da objetividade científica. A análise de conteúdo foi impulsionada como técnica investigativa durante a Segunda Guerra Mundial. Neste período, 25% das pesquisas com esse método eram usadas pelo serviço do governo americano, tanto para descobrir periódicos e agências de notícias suspeitas de propagandas subversivas, quanto para o monitoramento das transmissões de rádio entre nazistas e seus aliados (FONSECA JÚNIOR in BARROS; DUARTE, 2010, p. 283).

A inclusão regular deste método só ocorre no início do século XX, quando foi utilizado em vários campos do conhecimento, como nas ciências políticas, na psicologia, na sociologia, etc. Na América Latina, a difusão da AC é atribuída ao Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal)⁴⁶, através da introdução de estudos de jornalismo comparado iniciados por Jacques Kayser. No Brasil, Luiz Beltrão é um dos primeiros a adotar a proposta do Ciespal, quando criou, em 1961, o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e, dois anos após, o Instituto de Ciências da Informação (Icinform), ligado à mesma instituição (MARQUES DE MELO apud FONSECA JÚNIOR in BARROS; DUARTE, 2010, p. 284-285).

⁴⁶ O Ciespal foi fundado pela Unesco em 1958, no contexto da Guerra Fria. Este centro de estudos estimulou o ensino técnico-profissional em oposição à formação clássico-humanista que dominava o ensino de jornalismo.

O método “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p.44), possibilitando assim, a utilização de várias ferramentas metodológicas. A autora compara o analista a um arqueólogo - porque trabalha com vestígios de documentos – e, por isso, o pesquisador deve fazer *inferência* de conhecimentos (quantitativos ou não) no tratamento do material coletado para encontrar “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, história, entre outros. Também faremos nesta pesquisa a *categorização* temática, que é uma operação de agrupamento de elementos sob títulos genéricos, que farão parte de uma tabela.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), pode ser estruturada nas etapas: de organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. Em relação à primeira etapa, organização da análise, esclarecemos que ela ocorre em três momentos: na pré-análise, quando há o planejamento do trabalho a ser realizado, através da sistematização das ideias iniciais e do desenvolvimento de operações sucessivas; exploração do material, que refere-se à análise propriamente dita, envolvendo processos de codificação de acordo com regras previamente formuladas; e no tratamento dos resultados obtidos e interpretação, quando os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos.

Esclarecemos que, na nossa pesquisa, a organização da análise ocorreu durante todo o desenvolvimento do pré-projeto, nos contatos com nosso objeto e com os temas afins a nosso campo de estudo. O trabalho de codificação, cuja “principal função é servir de elo entre o material escolhido para a análise e a teoria do pesquisador” (FONSECA JÚNIOR in BARROS; DUARTE, 2010, p.294), foi evidenciado nos três capítulos iniciais, quando tratamos de memória, cidade e redes sociais.

A categorização, que é o “trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR in BARROS; DUARTE, 2010, p.298), pode ser de diversos tipos. Fonseca Júnior, citando Bardin, esclarece que os critérios de categorização podem ser: semântico (categorias temáticas), sintático (verbos, adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo seu sentido) e expressivo (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem, por exemplo).

Estabelecemos dois grupos de análises semânticas: um referente às imagens e outro referente ao texto. Para interpretar as fotografias, separamos as postagens por assuntos, que foram definidos a partir do elemento em destaque nas fotos, por exemplo:

a presença da suástica dentro de uma igreja e foi classificada como nazismo; outra imagem se referia a um bairro; algumas mostravam personagens; registros da Avenida Rio Branco; as obras em algumas regiões; a ampliação da represa João Penido e o funcionamento dos bondes no Centro de Juiz de Fora. Por questões metodológicas, iremos nos restringir a analisar as imagens fotográficas da cidade, desprezando quaisquer outros conteúdos que não se encaixem no perfil delimitado, tais como vídeos. Ao tratarmos dos comentários, encontramos mensagens nas categorias: *saudosista*, no qual os membros da *fanpage* exaltam um passado glorioso da cidade ligado ao afeto pelo monumental; *informativa*, em que são objetivos e oferecem dados como localização, data nomes de personagens, etc.; *crítico*, que revela o desprezo dos membros pela não preservação do patrimônio arquitetônico.

Criamos categorias para o enquadramento de cada imagem. O plano fotográfico⁴⁷ é a organização dos elementos no enquadramento. Os planos basicamente podem ser divididos em planos gerais, planos médios e primeiros planos. Esta divisão é baseada no distanciamento entre a câmera e o objeto fotografado. Em uma mesma fotografia, podemos ter elementos em diferentes planos, porém ela será classificada no plano em que está o seu assunto principal. Na pesquisa das imagens postadas na *fanpage* “Maria do Resguardo”, encontramos os seguintes planos:

- Grande plano geral: utilizado para evidenciar o ambiente como elemento principal. Nele a área enquadrada é preenchida em sua maior parte pelo ambiente e o sujeito ou objeto ocupa um pequeno espaço na foto.
- Plano geral: o sujeito ou objeto ocupa a maior parte da imagem, e o ambiente a menor.
- Plano médio: geralmente utilizado para fotografar pessoas. Este enquadramento engloba desde os pés até a cabeça do sujeito, podendo variar até o enquadramento cuja linha inferior da fotografia faz um corte na cintura do sujeito. Neste caso, o sujeito ou objeto ocupa a maior parte da área enquadrada, e os demais elementos são informações adicionais que ajudam no equilíbrio.

Não foi observada nenhuma foto em primeiro plano (do ombro para cima), *close* ou plano detalhe (por exemplo, o rosto, a mão) ou *super close* (olho, nariz, dedo). Outras

⁴⁷ Disponível em: <http://www.infoescola.com/fotografia/planos-fotograficos> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

categorias que julgamos necessárias na pesquisa levaram em conta a presença ou ausência de personagens (que poderiam se anônimos ou personalidades da cidade), se a fotografia possuía localização e a data na legenda ou nos comentários e referência a autoria: profissional, amador e não informado.

A respeito da última fase da análise de conteúdo, o tratamento informático, supomos ser esta etapa a análise em si do material selecionado, sendo esta a parte mais importante da pesquisa, em que faremos o trabalho qualitativo responsável por esclarecer o tipo de memória que ficou guardada sobre o passado distante ou próximo e que constrói uma identidade de Juiz de Fora na *fanpage* “Maria do Resguardo”. Sendo assim, o tratamento informático será realizado em um tópico à parte.

5.4 Memórias de Juiz de Fora nas imagens postadas na *fanpage* “Maria do Resguardo”

“Nós, fotógrafos, lidamos com o que está continuamente desaparecendo, e quando desaparece nada no mundo as fará voltar. Não podemos revelar e copiar uma lembrança” Cartier-Bresson.

Reunimos as dez postagens de maior alcance, em sequência do maior para o menor, por mês analisado (maio, julho e setembro de 2014). Ao todo obtivemos 40 imagens. Ampliamos o tamanho de algumas fotografias para permitir uma visualização com qualidade. Os comentários foram reproduzidos literalmente, respeitando a linguagem com erros de digitação, que podem ocorrer em conversas mediadas nas redes. Cada “*post*” com fotografias antigas foi “clipado” e agrupamos os comentários mais significativos da amostragem. A partir do material coletado, fizemos um estudo da memória que habita nos membros da *fanpage*, para que pudéssemos desenhar uma cartografia sentimental da cidade.

5.4.1 - Postagens de maio/2014

Postagem 1

Na primeira postagem analisada, temos a fotografia que obteve maior alcance nos meses de pesquisa: quase 10 mil visualizações. A imagem é da Igreja Luterana, que segundo informações da legenda, era situada na Rua Bernardo Mascarenhas, Centro da cidade, e foi demolida. Atualmente, ali existe um supermercado de uma grande rede. O gestor da *fanpage* informa que: “o pai do Jorge Borboleta, comerciante e colecionador de móveis antigos, comprou os pertences desta igreja antes da mesma ser demolida. Quando fazia a limpeza de uma escrivaninha, localizou esta foto colada escondida num canto interno deste móvel. A Igreja era uma forma de divulgar o nazismo no mundo. Quem aparece na foto é o Pastor Viktor Schwaner”⁴⁸.

⁴⁸ Viktor Schwaner (1935-1945) era um líder religioso nascido na Alemanha na cidade de Kunzendorf em 21 de janeiro de 1906. No ano de 1932, Viktor chega em Juiz de Fora para exercer o seu pastorado na Comunidade Evangélica Alemã. A Igreja Evangélica Alemã, hoje, Igreja Luterana, em Juiz de Fora, teve origem na imigração germânica que ocorreu na cidade durante o ano de 1858. Um percentual significativo dos imigrantes vindos para Juiz de Fora, professava o credo Luterano, cerca de 45,36 % contra 54,64% católicos, trazendo para a província de Minas Gerais um problema que até então era desconhecido: o religioso. Em Juiz de Fora o Partido Nazista funcionou na antiga cervejaria Americana, tendo como líderes Hermann Zahan, Herman Luipold e Viktor Schwaner. Quando o Brasil forçado a declarar guerra contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) devido a um afundamento de navios brasileiros por supostos ataques alemães em 1942, as situações dos imigrantes ficaram tensas. As mobilizações populares brasileiras criaram um clima hostil com os estrangeiros do Eixo e com seus descendentes. E na cidade de Juiz de Fora também aconteceram manifestações. Diversas ruas tiveram seus nomes trocados, clubes fechados e prisões efetuadas. A Igreja Evangélica Alemã teve de alterar o nome para Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Seu pastor Viktor Schwaner foi preso e identificado como propagador do ideário nazista. Disponível em: <http://www.culturaleramajf.com.br/?acrba=conteudo/exibir&conteudo=6> Acesso em: 01 de dez. 2014.



Imagem I – 21 de maio
 Autoria: não mencionada
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 9.328 pessoas

Marcelo Lemos também disponibiliza um *link*⁴⁹ com a reportagem intitulada “Nazismo em Juiz de Fora (1937-1942): Lenda ou realidade”. Essa promoção de debate pode funcionar como uma isca para a ressignificação de memórias, que poderiam ter sido esquecidas ou pouco conhecidas para a população em geral.

“A informação que eu tenho, é que a primeira Igreja Luterana localizava-se na Rua General Gomes Carneiro (Bairro Fabrica). - Fonte: “Comunidade Evangélica de Confissão Luterana. 140 anos de História”. M. A. (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Além disso, cada cidadão apreende fragmentos que podem não conter traços de reconhecimento do local:

“Nasci neste bairro em 1960, e nunca me lembro de ter uma igreja neste local, minha lembrança mais antiga era um parque. Será que foi demolida antes dos anos 60? Não quis dizer nazismo, mas me referia ao imóvel (igreja), sei que o nazismo foi nos anos 30”. L.X. (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

⁴⁹ Disponível em: <http://www.culturalemajf.com.br/?acriba=conteudo/exibir&conteudo=6> Acesso em: 01 de dez. 2014.

Nesta fotografia panorâmica visualizamos um pastor no centro do altar e dos lados direito e esquerdo símbolos nazistas, que chamam atenção soberanamente em relação a outros objetos. A suástica foi adotada como logotipo do Partido Nazista de Adolf Hitler e passou a ser associada ao fascismo, ao racismo, à supremacia branca, à II Guerra Mundial e ao Holocausto na maior parte do Ocidente, sendo extremamente midiática e facilmente identificada pelos membros da página.

“A Igreja Luterana, dissidente da Católica, após a reforma promovida por Martinho Lutero, hoje evangélica, nessa época ainda continha o layout da Igreja Católica, com um crucifixo no altar. No mínimo curioso o destaque que se dava às bandeiras da Alemanha e da SS, mesmo no Brasil... Falei bobagem?”. F.D. (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Este comentário esclarece a mistura de objetos da igreja católica com a luterana na imagem. Um fator que pode suscitar a participação são as fotografias que registraram algum acontecimento inusitado ou polêmico, tal como a presença de símbolos nazistas na igreja. A fotografia foi curtida por 105 pessoas e teve 118 compartilhamentos.

Postagem 2

A próxima imagem mostra uma residência com localização privilegiada na Rua Santo Antônio, nº 416, Centro. O projeto da casa assinado por Mário Rapazo Bandeira, e construída pelo engenheiro José Abramo, em 1937, para o empresário Henrique Surerus Sobrinho, imigrante germânico, que se mudou para Juiz de Fora em meados do século XIX com sua família, porque o pai trabalhava como gerente da Companhia União e Indústria. A imagem registra a casa ainda em obras.



Imagem II – 31 de maio
 Autoria: arquivo de Humberto Ferreira⁵⁰
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 5.442 pessoas

Percebemos que o registro é de uma Juiz de Fora burguesa: a casa é organizada no modelo modernista, que visa ordenar a cidade, disciplinando os locais de modo que nem parecem reais. Os lugares de fácil reconhecimento se popularizam entre os membros, talvez não só por laços de afeto, mas também por curiosidade de conhecer os vestígios que ainda restam do passado, lembrar as origens da cidade.

“Hoje é aquele amontoado de prédios e puxadinhos metidos a besta. Urbanização caótica e irresponsável”. M.D.

J.C. posta um link do Google Maps para mostrar o prédio atual que está no local citado.

“Me lembro dessa casa . Era linda! Uma pena ter sido demolida”. C.P.S.

“JF era mais bonita”! L.S. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

⁵⁰ De acordo com Humberto Ferreira, em conversa com a autora, ele coleciona poucas imagens da cidade apenas por curiosidade. As autorias das imagens do seu acervo não foram citadas nas postagens da *fanpage*.

Nesta imagem a visão do passado é de uma cidade mais “bela” do que a atual. A fotografia foi curtida por 273 pessoas e teve 78 compartilhamentos.

Postagem 3

A fotografia é da Rua Bernardo Mascarenhas, bairro Fábrica, zona Norte, em dezembro de 1955. As casas do lado direito e esquerdo permitem referências de localização e talvez por isso os membros tenham tido interesse pelo local.

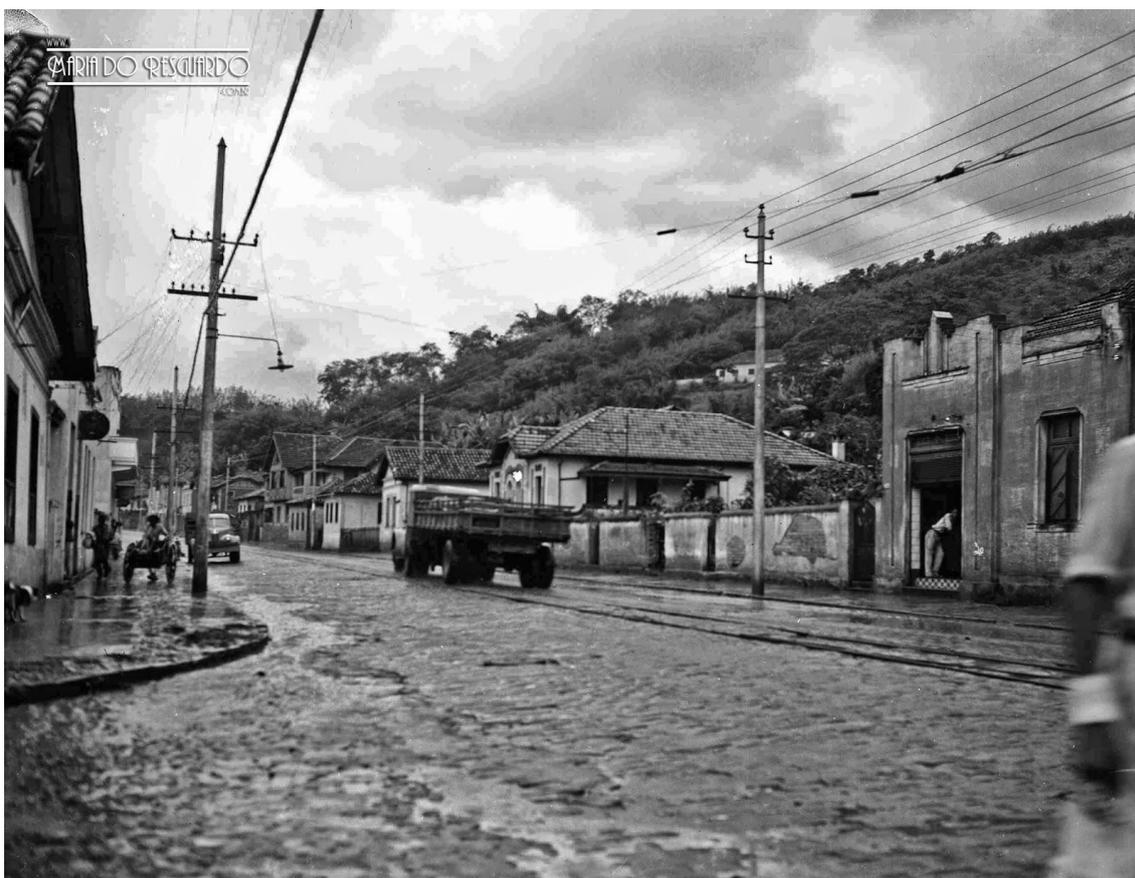


Imagem III – 20 de maio
 Autoria: Bastos Barreto⁵¹
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.116 pessoas

Os membros possuem lembranças nítidas do local, como observamos nos comentários:

⁵¹ Não conseguimos informações oficiais sobre Bastos Barreto. Segundo o gestor Marcelo Lemos, ele fazia as fotografias como *freelancer* e o jornalista Renato Dias assinava o recebimento das fotos no “Diário Mercantil” (1912-1983), jornal impresso hegemônico junto às lideranças políticas e econômicas da cidade. O jornalista Wilson Cid e o fotógrafo Roberto Fulgêncio, que trabalharam no jornal durante um longo período, também não se recordam deste nome.

“Um ano antes de eu nascer. Morei lá durante alguns anos, em fases diferentes de minha vida. Estudei na Escola Estadual Professor Quesnel. Que saudade!” C.L.S.

“Meus avós foram zeladores no Quesnel. Meu irmão estudou lá e depois de muito tempo eu deu aulas na escola. É a vida!!!”G.L.A.

“A casa amarela em frente ao Vasquinho pertencia à família Kneipp. Também estudei no Quesnel. Saudades da rua e de pessoas muito queridas.” C.P.S

“Esta foto foi tirada da esquina da Rua Eng.Otto Salzer com a Rua Bernardo Mascarenhas. A Primeira casa da direita é a casa dos meus avós José Julião e Carolina Brugger Julião, número 621.” J.

“De todas as construções mostradas nessa fotografia, a única que está de pé até hoje é aquela em forma de chalé (com o telhado mais alto) lá no cantinho direito da foto. Passo em frente a ela todos os dias (parece ter sido sede de uma fazenda).” A.

“Que foto triste, fantasmagórica... Juiz de Fora na década de 50 era bem atrasada.” A.

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Os membros interagem com dados familiares, comentando alguma construção e manifestando saudades. As pessoas têm necessidade de “nomear” e criar narrativas para o espaço em busca de identificação e vínculo. A fotografia foi curtida por 158 pessoas e teve 70 compartilhamentos.

Postagem 4

A imagem de homens em semicírculo posando para a foto mostra casas ao fundo, automóveis, pessoas circulando e um bonde na Avenida dos Andradas, próximo ao Centro da cidade, em maio de 1965.

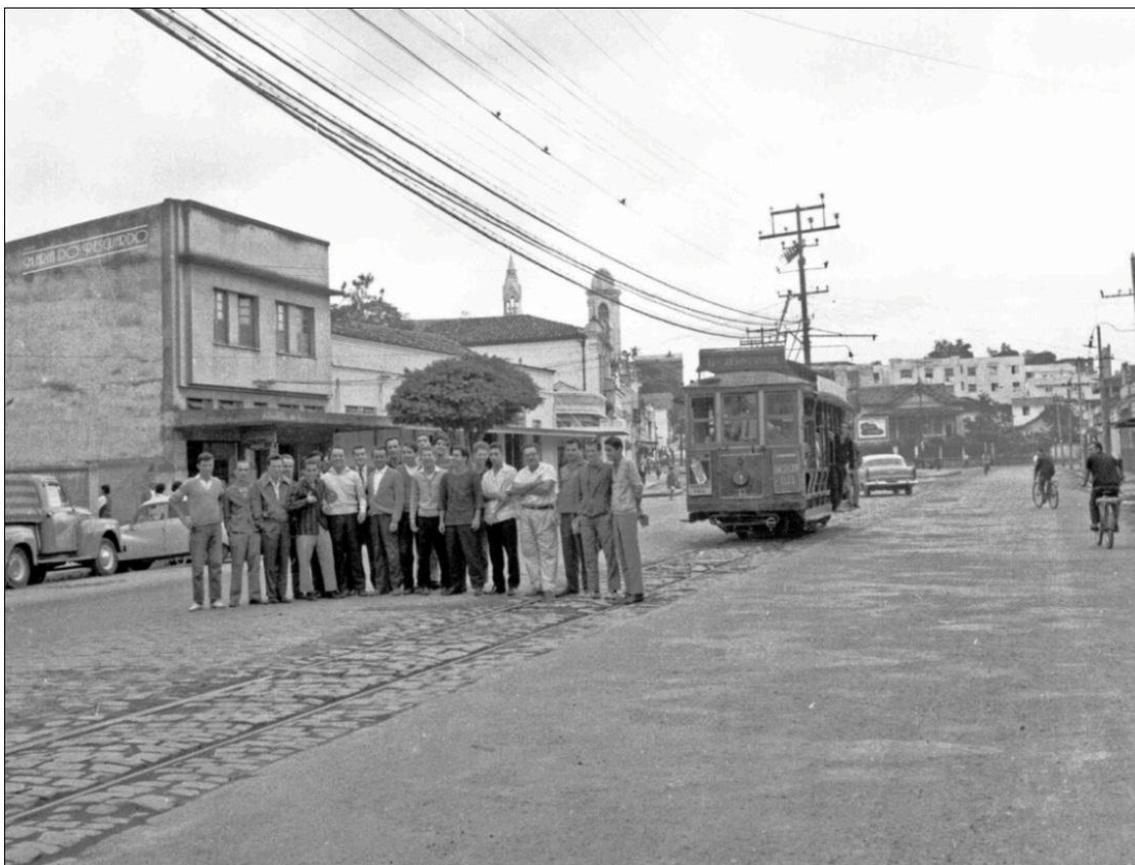


Imagem IV – 07 de maio
 Autoria: Jorge Couri⁵²
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 2.998 pessoas

Na legenda da postagem existe um texto com informações atribuídas ao jornalista Ivanir Yazbeck sobre os personagens da fotografia.

Da esquerda p/ a direita: Mauro Montal, Felício Pifano (pai - farmacêutico, dono da Farmácia Vera Cruz, na esquina de Andradas com Barão de Cataguases), Didico, Geraldo Magela, Felício Pifano Filho, Rômulo Farah (Rominho), Rômulo Bala, Amilcar Campos Padovani (o único de terno e gravata), Milton Silveira (Silveirinha, gerente do armazém no SAPS e juiz de futebol), Evander Dore (jogou basquete profissional no Flamengo), Walmir

⁵² Flagrar a história de Juiz de Fora e ajudar a construí-la diariamente durante 41 anos. O fotógrafo Jorge Couri viu de perto muitos fatos políticos, sociais e esportivos importantes, além de registrar comemorações em datas marcantes para Juiz de Fora, como as ocorridas no centenário da cidade, em 1950. Acompanhou comícios de Getúlio Vargas, Brigadeiro Eduardo Gomes e Jânio Quadros. Esteve com sua inseparável câmera fotográfica nas visitas de governadores e de vários presidentes, desde João Goulart até Itamar Franco. Quando Albert Sabin, uma das maiores personalidades mundiais esteve em Juiz de Fora, nos primeiros anos da década de 90, Couri estava lá para marcar o acontecimento. Assim foi também em 1969, quando acompanhou a última viagem de bonde em São Mateus. Jorge Couri trabalhou durante 41 anos na imprensa local, dedicando 35 anos de sua profissão ao poderoso grupo dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, através dos saudosos Diário Mercantil e Diário da Tarde. Também esteve por dois anos na Jornal Tribuna de Minas e, durante quatro anos, no Jornal Hoje em Dia, até se afastar do envolvente mundo dos corre-corre das redações. Nos anos dedicados ao jornalismo, foram inevitáveis os registros das tragédias. Em 1950, acompanhou o incêndio do Clube Juiz de Fora no segundo dia de Carnaval. Fez registros do fato que ficou conhecido como Crime do Bené e da Chacina de Guarará. Também foram muitos os momentos felizes. Um dos mais emocionantes foi a recepção da Seleção Brasileira campeã da Copa do Mundo na Suécia pelo presidente Juscelino Kubitschek. Disponível em: <http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/0708/> Acesso em: 03 de dez. de 2014.

Pifano, Samir Yazbeck, Elpídio Pifano (Pidinho), Luiz Antônio (Piu-Piu), Luiz Carlos Novaes Rosa (Kapeta), Munir Yazbeck, Aroldo Cherem, Orlando Granato, (dono do Bar Quitandinha, ponto de reunião da Turma do São Roque), ????????, Celsinho Bronté, e José Roberto Bastos Tavares (Betinho). (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Entre os comentários, mencionamos primeiramente o de uma mulher que demonstra ter lembranças do grupo e do espaço:

“Reconheço muitas pessoas nesta foto...Waltinho, Amilcar Padovani, Walmir, Samir, Munir, Pidinho, Pifano, Luiz Carlos, Sr. Orlando, Betinho, etc...A famosa turma do São Roque...Flertei muito com estes moços...Rsrrsrsrs. O tamanho da Avenida dos Andradas ainda é o mesmo...Foi a distância da câmera que deu esta amplitude. O prédio baixo, onde morava Amilcar Padovani, ainda existe... Eu nasci do outro lado, no 390, onde era a casa dos meus avós maternos.”. L.R.S. (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Ela relaciona as proporções da fotografia com a realidade e comenta sobre os lugares do passado que ainda existem na cidade. As outras pessoas que deixaram mensagens relacionam a imagem às memórias positivas daquele local, seja através de sentimentos, paladares, assim como percebemos nestas mensagens:

“Verinha que saudades lembro da Quitandinha.” E.R.
 “Olha o bonde Santa Teresinha, ia muito assistir os jogos no campo de Tupi⁵³ e esse bonde era uma "festa" nesses dias. Coisa boa!”. P.C.T.
 “No térreo do predinho ao lado tinha a sorveteria Quitandinha. Uma delícia!” C.C.S.
 (Trecho extraído da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Quando um ambiente é eleito em comentários, como, no exemplo, a sorveteria Quitandinha, outras pessoas fazem questão de reforçar que conheceram o lugar, mencionam amigos, deixam outras referências de lembranças. As fotos com personagens acabam por despertar o interesse nos membros. A fotografia foi curtida por 112 pessoas e teve 67 compartilhamentos.

Postagem 5

A temática do nazismo volta a fazer sucesso entre os membros. A fotografia é feita em plano geral e mostra duas jovens passando em frente a um imóvel com símbolo nazista grande e outros pequenos espalhados na entrada.

⁵³ Tupi Futebol Clube é uma agremiação esportiva da cidade de Juiz de Fora fundada em 26 de maio de 1912.



Imagem V – 22 de maio
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 2.981 pessoas

Segundo as informações da legenda, a casa está situada na Rua Santana, bairro Santa Terezinha, região nordeste da cidade, chamada de: “Casa Nazista de Juiz de Fora⁵⁴” e datada de junho de 1973. O gestor informa que o dono do imóvel, conhecido como “Filhinho” morreu em 2005 e, logo após, a casa foi vendida e demolida pelo novo proprietário para construção de um prédio. Essa postagem obteve trinta comentários, entre eles, destacamos:

⁵⁴ Existem relatos históricos de que em Juiz de Fora funcionou o que podemos chamar de reuniões de cunho nazista e o partido com essa ideologia funcionou na cidade até o ano de 1937. Disponível em: <http://www.culturalemajf.com.br/?acrba=conteudo/exibir&conteudo=6> Acesso em: 22 de ago. de 2014.

Era a casa de uma pessoa muito conhecida em Santa Terezinha, o "Filhinho". Certa vez os vizinhos chamaram o Demlurb [Departamento Municipal de Limpeza Urbana], que tirou uma grande quantidade de lixo da casa. Ele tinha uma velha Kombi que estava praticamente soterrada pelo entulho que ele acumulava. Me parece que ele lutou na guerra e ficou meio louco depois disso. Moradores antigos do bairro podem contar melhor a história dele". G.K.L.

"Eu me lembro dele. Na época eu trabalhava com vendas avulsas na Coca Cola, e ele sempre comprava comigo, tinha um sotaque forte e esquisito. Buscava os refrigerantes em uma bicicleta que também tinha a suástica grande no bagageiro. Isso foi em 1975. Ele tinha até aquele bigodinho safado... porém, já meio grisalho". A.I.C.

"Lembro dessa casa. Estudava no Estadual Sebastião Patrus de Souza. Meus pais e avó falava para ter cuidado com o morador da mesma. Muito legal lembrar disso". R.G.

"Quem nos dera que os fantasmas que hoje nos assustam com uma violência sem precedentes, fosse a casa do filinho com simbolos nazistas! Nunca tive medo dele. Ele não lutou em guerra nenhuma, só se for guerra interior, ele na década de 1970, tinha trinta e poucos anos. Eu passava enfrente todos os dias, já assisti filme ali dentro, ele era uma lenda". G.O.

"Lembro bem dessa casa... eu era adolescente, e quando passava aí com minhas amigas, morríamos de medo! Rs". S.R.

(Trechos extraídos da *fanpage* "Maria do Resguardo").

Os membros procuram reforçar estereótipos ou desmistificar pessoas, demonstrando quais eram os sentimentos e preocupações que elas relacionavam àquele lugar e ao personagem citado. É interessante observar que os membros da página comentam sobre pessoas comuns, que só eram conhecidas numa região específica, e também se mostram saudosistas quando famílias abastadas são citadas como antigas possuidoras de patrimônios destruídos. A fotografia foi curtida por 82 pessoas e teve 41 compartilhamentos.

Postagem 6

A imagem é de obras na Rua Padre Café, bairro São Mateus, em novembro de 1955. Os membros apenas confirmaram a localização.



Imagem VI – 20 de maio
Autoria: não informado
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 2.695 pessoas

A fotografia foi curtida por 117 pessoas e teve 30 compartilhamentos.

Postagem 7

Nesta fotografia temos personagens em frente à residência da Rua Santo Antônio, nº 432, Centro, em maio de 1955.



Imagem VII – 29 de maio
 Autoria: Bastos Barreto
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 2.657 pessoas

Os membros cogitam a hipótese de ser outra rua:

“Tenho certeza a Rua Padre Café, depois da Candido Tostes. A casa de arco atrás das pessoas ainda existe é da família Prata.” D.O.

“Então meu chute esta certo. No começo dos anos 60 eu passava sempre neste trecho vindo da escola. Por isto a imagem puxou a memoria.” C.C.S.
 (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Esta confusão demonstra o quanto a memória pode ser falha ou as suposições para um momento vivido, um local conhecido, pessoas de convívio. Visando sanar a dúvida, o gestor insere um comentário com informações retiradas do *blog* na *fanpage* esclarecendo as dúvidas.

“Infelizmente, a casa não existe mais, ficava na Rua Santo Antônio, 432, e pertencia ao Dr. Waldir Rezende de Almeida, advogado. Nessa casa funcionou, na década de 80, o escritório da então Siderúrgica Mendes Júnior. A casa anterior (nº 444), na época da foto, sediava um Centro de Saúde, daí certamente a razão do número de pessoas à frente dela. As casas seguintes pertenciam às famílias Surerus (416, também demolida) e Fraga (382, onde está instalado atualmente o Colégio Apogeu)”. S.N.

“Eu me lembro dessa casa, moro por ali desde 1971, ainda que a foto seja de um período anterior. Como a Rua Santo Antônio era legal em 1955!” A.
 (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Outro recurso foi a postagem de um link do *Google Maps* para mostrar o local atualmente. A fotografia foi curtida por 107 pessoas e teve 15 compartilhamentos.

Postagem 8

O trem de passageiros “Xangai”⁵⁵ foi registrado nesta fotografia em março de 1977. Puxado por locomotivas diesel, uma espécie de trem metropolitano que ligava as estações de Mathias Barbosa e de Benfica, trafegando por quase toda a extensão do município de Juiz de Fora. Encontram-se referências a ele desde 1951, passando por uma reforma em 1994, tendo sido extinto em 1996, devido à privatização da linha em meados desse ano.

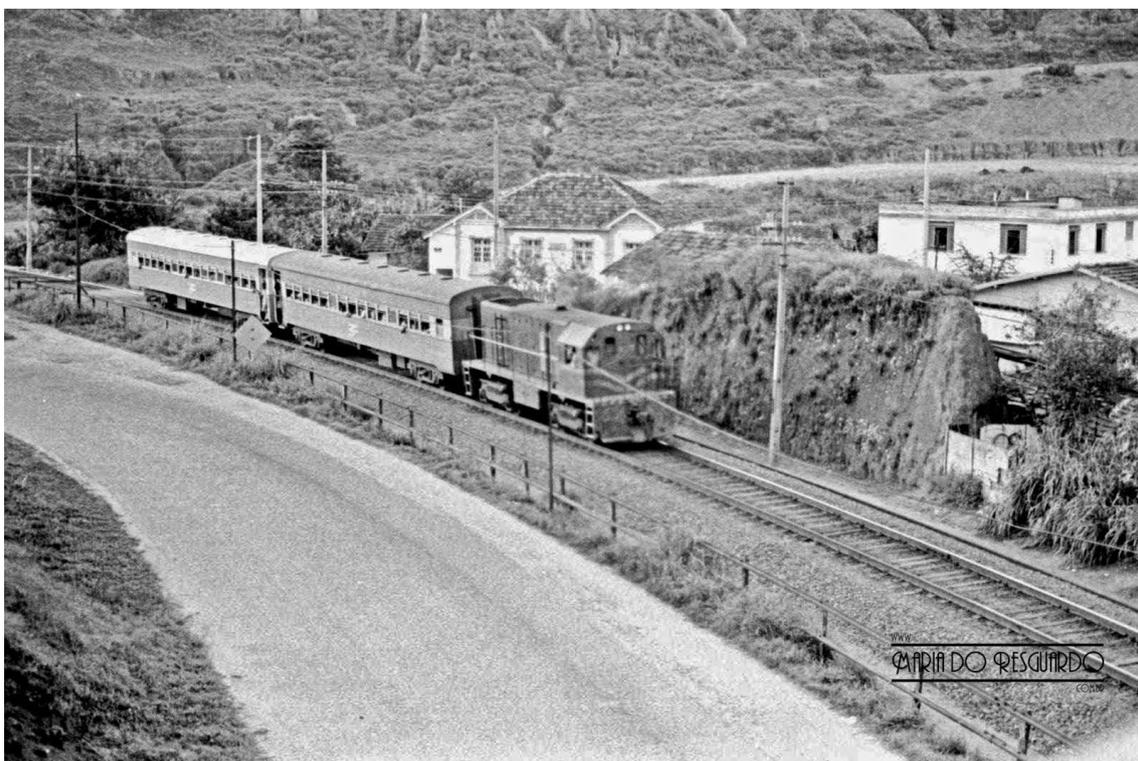


Imagem VIII – 07 de maio
Autoria: não informado
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 2.272 pessoas

Os membros possuem memória dos passeios de trem:

⁵⁵ Ver: http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_mg/xangai.htm.

“Foram muitos os passeios até Matias nos domingos de manhã na minha infância!!
 Tô doida para que o projeto de Cabangu⁵⁶ saia do papel para que eu possa levar o meu filho também!” V.G.
 “que saudades, tantas vezes estive passeando neste trem...” C.M.A.N.
 (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Diversas pessoas utilizavam o trem por passeio, principalmente nos finais de semana. A fotografia foi curtida por 89 pessoas e teve 60 compartilhamentos.

Postagem 9

Na fotografia temos um senhor entrevistado no programa radiofônico chamado “Voz do Bairro”. A imagem é feita no bairro São Mateus (à direita aparece parte da fachada da Igreja), zona sul de Juiz de Fora, em novembro de 1955. De acordo com os comentários, os personagens são o jornalista José Carlos de Lery Guimarães e um comerciante. Outra mensagem especifica a localização e menciona o reconhecimento de outra pessoa: “Este Bar esquina de São Mateus com Moraes de Castro. Este senhor atrás do radialista é o Sr. Pedro.” S.P.C. As fotos com personagens acabam por despertar o interesse nos membros. Esta imagem feita em plano médio mostra à direita parte da fachada da igreja São Mateus.

⁵⁶ Expresso Pai da Aviação é um projeto elaborado em 2006 pelo Movimento Nacional Amigos do Trem, com o objetivo de reativar o trem de passageiros na região da Zona da Mata Mineira e Campos das Vertentes, para finalidade turística. O projeto faz parte de um programa do Governo Federal, chamado plano de revitalização das Ferrovias, que busca resgatar o transporte ferroviário de passageiros. O trem partirá de Matias Barbosa, com destino a Barbacena, passando por Juiz de Fora, Ewbank da Câmara e Santos Dumont. A distância aproximada que o trem percorrerá de Matias Barbosa a Barbacena é de aproximadamente 125 quilômetros. Ver: <http://portal.cabangu.com.br/>.



Imagem IX – 20 de maio
Autoria: não informado
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 1.932 pessoas

As histórias dos locais são recriadas e compartilhadas a partir de fragmentos das memórias dos membros. A fotografia foi curtida por 65 pessoas e teve 21 compartilhamentos.

Postagem 10

A cidade de Juiz de Fora completou 164 anos no dia 31 de maio. Dias antes, o gestor fez uma postagem lembrando a comemoração em tom de crítica pela falta de valorização de personagens que fizeram algo de relevante pela cidade e acabaram esquecidas na história pelo descaso do poder público.

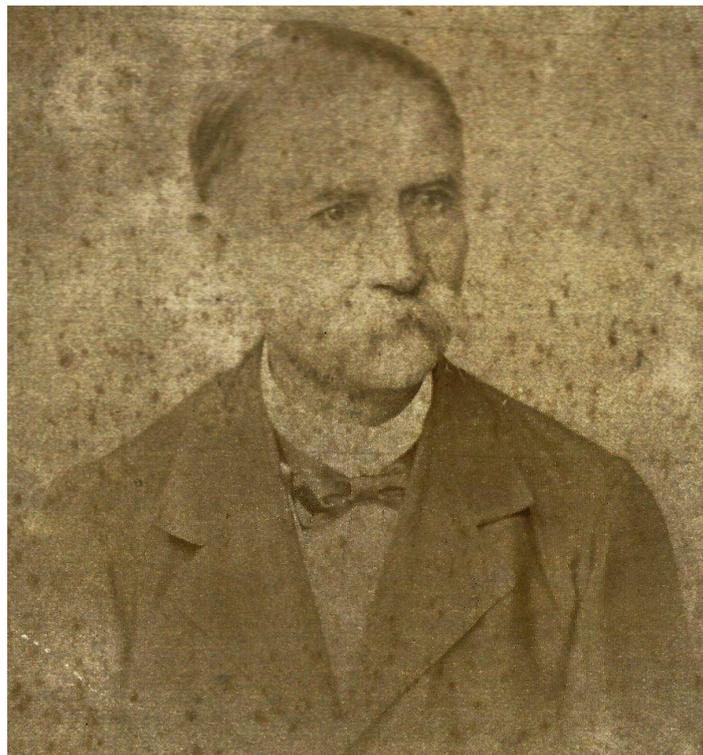


Imagem X – 22 de maio
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 1.244 pessoas

Na legenda da postagem foi reproduzido um texto que narra a história do farmacêutico Adolpho Fassheber.

**164 ANOS DE PURA INDIGNAÇÃO,
 COMEMORANDO ANIVERSÁRIO DE JUIZ DE FORA!
 FLORES PARA OS MORTOS.**

São 164 anos de pura indignação, a Família Fassheber não tem muito a comemorar. Em respeito aqueles por vários motivos fizeram engrandecer a nossa cidade, sempre serão lembrados. São poucas as atitudes tomadas ou quase nenhuma das administrações passadas, foram muitas as tentativas, mas todas resultaram em promessas vazias ou simplesmente descaso.

Em 1944/45, com o torpedeamento de navios brasileiros e, o conseqüente estado de beligerância Brasil X Alemanha, segundo testemunhas e narração de parentes (alguns ainda vivos), elementos "estranhos", chamados "oradores de sacada", efetuaram a retirada das PLACAS, “Rua FARMACÊUTICO ADOLPHO FASSHEBER”, substituindo-as por “Rua Baependí”.

Não é demais lembrar que BAEPENDI, era o nome de um dos navios torpedeados pelos alemães (fato até hoje discutível).

Apesar de gestões, não mais foram recolocadas as PLACAS no trecho referente a Rua FARMACÊUTICO ADOLPHO FASSHEBER

Nascido na cidade de SONDERHOUSEN, Alemanha, em 1821. Formou-se em Farmácia e Pequenas Cirurgias pela Universidade de HEIDELBERG.

Chegado ao Brasil, a convite de fundador da cidade a ser o farmacêutico dos colonos alemães que seriam contratados para a construção da Estrada União-Indústria.

FALECIMENTO : Em Juiz de Fora / MG, em 27 de julho de 1901. Sepultado no jazigo da Família n 7.909, Quadra nº 31 do Cemitério Municipal de Juiz de Fora –MG

Não estou apenas falando por falar, tenho documentos que provam, cópias de mapas, cópias de documentos do governo municipal, cópias de audiência pública na câmara municipal, mas diante disto, a Família Fassheber mostra toda sua indignação.

Então Flores para os mortos.

União e Força,

Ubiratan Fassheber

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Percebemos que o gestor apresenta uma necessidade de esclarecer momentos do passado, de fazer conhecer pessoas relevantes para a cidade e de reafirmar o compromisso de um trabalho sério, respaldado por arquivos. Os membros não trouxeram nenhum dado sobre o farmacêutico em si. Apenas manifestaram opiniões sobre a falta de uma revisão histórica.

“Em se falando de nome de rua. É valido lembrar que os mesmos que não recolocaram os nomes sequer valorizam os nossos eternos pracinhas que não tiveram o prestígio de compor nomes de rua em JF. Meu avô foi p guerra, morreu em outubro de 2011 e não falaram em rua expedicionário fulano de tal. Esses políticos esquecem de tudo menos de roubar.” B.F.N.

“Em todos os governos existem pessoas que realmente proliferam o fascismo e a ignorância. Não sei o motivo de não consertar esse equívoco histórico.” M.A.N.

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Apesar de ter grande alcance, esse tema não é predominante nos assuntos da *fanpage*. Os membros parecem se dedicar mais aos “lugares de memória”. Tanto que a fotografia foi curtida por 39 pessoas e teve apenas 07 compartilhamentos.

5.4.2 - Postagens de julho/2014

Postagem 1

A imagem com maior alcance do mês de julho reforça as discussões que fizemos ao longo da pesquisa de que o juiz-forano tem um “sentimento de perda” e que a demolição do colégio e da capela do Stella Matutina⁵⁷ foi um marco nas discussões sobre patrimônio na cidade. A história do Colégio "Stella Matutina" começou em oito de setembro de 1902: as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo fundaram em Juiz de Fora a primeira casa da Congregação no país. A instituição funcionou primeiro em um antigo sobrado branco, em frente à Santa Casa de Misericórdia. As primeiras aulas tiveram início em janeiro de 1903 e incluíam trabalhos manuais, estudos de música e pintura ministrados pelas irmãs. O Colégio funcionava em regime de internato e externato feminino.

Em 1905, o Colégio, com mais de 100 alunas, passou a funcionar numa outra construção antiga, perto da Catedral Metropolitana. Em 1916, começou a atuar na formação de professores e foi equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. No ano seguinte, no dia 8 de setembro de 1917, foi inaugurado um novo prédio na Avenida Itamar Franco (antiga Independência). O prédio tinha detalhes arquitetônicos de requinte, como os portais de madeira entalhada. A capela foi construída em 1926, também em gótico, estilo medieval que predominou na Europa do século XII ao XVI.

O colégio enfrentou problemas⁵⁸, especialmente a partir da década de 1960, quando teve parte de seu terreno desapropriado para a abertura da atual Avenida Itamar Franco. A medida fez com que a Avenida “cortasse” o Colégio, passando no meio do pátio. Sem condições financeiras para reformar o prédio, as freiras encerraram o internato e resolveram vender o colégio e a capela para construir um novo espaço na parte do terreno que havia sobrado na avenida. O antigo prédio do colégio foi vendido em 1972 ao empresário de uma rede de lojas de calçados, para fins imobiliários, sua demolição aconteceu em 1978, em meio à discussão sobre a autenticidade do valor arquitetônico de uma imitação do gótico e da importância histórica do prédio para a cidade.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.stellamatutina.com.br/> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.jfminas.com.br/portal/historia/colegios/historia-do-colegio-stella-matutina> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

Em seu lugar foi erguido o edifício “Stella Central” com salas e escritórios. A capela, que ainda não tinha sido demolida, foi vendida em 1976 a um empresário do ramo de vidraçaria, que a transformou em galeria de arte, onde eram promovidas exposições e cursos. No subsolo, onde antes funcionou o salão paroquial, instalou uma vidraçaria e uma fábrica de molduras. O local funcionou assim por 10 anos, até que foi vendido e a capela demolida no início de 1986, sob o protesto de vários militantes que defendiam o patrimônio histórico do município.



Imagem XI – 25 de julho
 Autoria: João Batista de Araújo⁵⁹
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 6.916 pessoas

⁵⁹ João Batista de Araújo nasceu em 21 de abril de 1946 em Pequeri, Minas Gerais. Em 1954 mudou-se para Juiz de Fora. Possui ensino fundamental completo, aposentado pela Companhia Energética de Minas Gerais S.A (CEMIG) como eletricitário. Em entrevista concedida para a autora, ele revela que: “Sempre gostei de fotojornalismo, era meu sonho, mas não consegui fazer um curso. A minha intenção era preservar fotograficamente a memória da cidade”. Os registros fotográficos começaram em 1964 com imagens pessoais (de família, amigos), e, posteriormente, passou a fazer fotos de casas: “estas fotos documentários foram feitas por escolha intuitiva, eu não tinha um estilo fotográfico. Tentava registrar a casa em plano geral e colocava a data e o local no verso das fotos” (ARAÚJO, 2014). Entre fotos pessoais e da cidade, são quatro mil negativos organizados sistematicamente em acervo. As imagens são reveladas aos poucos, porque o custo de fotografias em preto e branco é alto. Apesar de não ter acesso ao *Facebook*, João descobriu o trabalho de divulgação de imagens antigas feitas por Marcelo Lemos através de uma matéria na mídia juiz-forana e, ao conhecer o gestor, tornou-se um colaborador do “Maria do Resguardo”: “tenho uma noção histórica para avaliar fotos, além do prazer de descobrir a localização e as datas, por isso o Marcelo sempre me pede auxílio nas pesquisas” (ARAÚJO, 2014).

Na legenda o gestor afirma: “Colégio Stella Matutina, sem data, Avenida Rio Branco. Obra esplendorosa e pode se dizer inspirada por Deus. Uma das coisas mais belas que eu já vi em minha vida. Este local me causava muita emoção. Foi crime brutal na cultura de nossa cidade”. E em seguida um grande número de comentários de membros que jamais se conformaram com a demolição do local e que guardam recordações, imagens e a saudade de momentos vividos na capela, seja na época de colégio, como galeria de arte ou espaço de show.

“foram vários crimes com o aval dos governantes, o que torna o fato pior.”
M.M.C.S.

“Era uma das mais lindas construções da cidade, o que o ser humano não faz em nome do progresso. Deus me livre e guarde dessa turma de cupins.”
M.L.K.

“Boa tarde Maria do Resguardo!!! Continue a publicar mais fotos do seu acervo, por favor!!! É um verdadeiro orgulho na história do município de Juiz de Fora. O nosso sentimento de apego à cidade cresce de forma assustadora. Essas fotos mostram que Juiz de Fora sempre teve espírito de progresso vanguardista. Tem de tudo para ser uma das melhores e mais desenvolvidas cidades do Brasil!!!” D.L.V.

“Estudei lá, não guardo boas lembranças, mas fiquei triste demais quando demoliram. Tenho fotos dentro da Capela.” M.A.G.

“A ganancia derrubou. Era maravilhoso! É uma pena não estar de pé como [os colégios]: Academia, o Santa Catarina, o Grambery e Santos Anjos”. L.D.

“Concordo com Maria do Resguardo, até hoje quando vou em Juiz de Fora fico pesarosa e não me conformo . Realmente um crime.” T.C.

“Como pode uma obra desta grandeza ser derrubada para estar em seu lugar um caixote? Pobre progresso!” J.A

“Minha colação de grau foi na capela e foi em 1983. Acho que na época parte da construção já não existia. Uma vergonha a cidade não ter preservado sua história. E depois dizem que aqui não é uma cidade turística. Tem 50 km da Estrada Real, mas não valorizam isto.” J.A.

“Foi uma perda para a cultura da cidade.” M.H.S.

“Eu estudei ai, o lugar era lindo, enorme, bons tempos!!!” A.M.

“Tinha vitrais lindos...” C.F.

“Uma tristeza ver hoje dois grandes prédios que substituem estas maravilhas de construções... O progresso?!” S.R.

“Estudei aqui por nove anos seguidos e fiquei muito triste com essa demolição... Quantas recordações me trazem essa foto!” I.O.

“Um absurdo! Total falta de amor à cidade em nome do progresso.” L.F.D.

“Ia à missa nesta capela todos os dias”. L.L.C.

“E o que está no lugar é horrendo.” R.A.

“Esse era um dos pouco exemplares de estilo Gótico de nossa cidade.” C.A.
(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Nos comentários fica clara a incompreensão das pessoas frente à falta de valorização cultural do bem demolido. A fotografia foi curtida por 186 pessoas e teve 132 compartilhamentos, o que comprova que a demolição do colégio e da capela é tema comum e que é reavivado por diversos membros.

Postagem 2

Outra imagem que fez grande sucesso no mês de julho foi a fotografia da Garganta do Dilermando. Existe na postagem um *link* para o “*Google Maps*”⁶⁰ facilitando um comparativo entre passado e presente para os interessados ou esclarecendo melhor a localização para quem não tem tanta familiaridade com o local. O traçado da Av. Rio Branco determinou o direcionamento norte-sul prenunciando o acesso às áreas que hoje compõem os bairros ao norte, Gramma, Bandeirantes, Bom Clima, entre outros, mediante a abertura da chamada Garganta do Dilermando, em 1970, proporcionando a ligação da MG-353 com a Área Central, constituindo-se num vetor de expansão da cidade. Sendo assim, essa área é bastante popularizada não só para os moradores que vez ou outra passam por ela, mas também pelos visitantes, já que é uma das formas de chegada à cidade com uma bela visão da Av. Rio Branco, principal via de circulação de Juiz de Fora, projetada em 1836 como alternativa ao Caminho Novo e considerada a terceira maior avenida em linha reta do Brasil⁶¹.



Imagem XII – 01 de julho
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 6.400 pessoas

⁶⁰ Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra, gratuito na web, fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. O serviço disponibiliza mapas e rotas para qualquer ponto do Brasil e também imagens de satélite com possibilidade de um zoom nas grandes cidades.

⁶¹Ver:

http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=210&cod_atrativo=4053
 Acesso em: 03 de out de 2014.

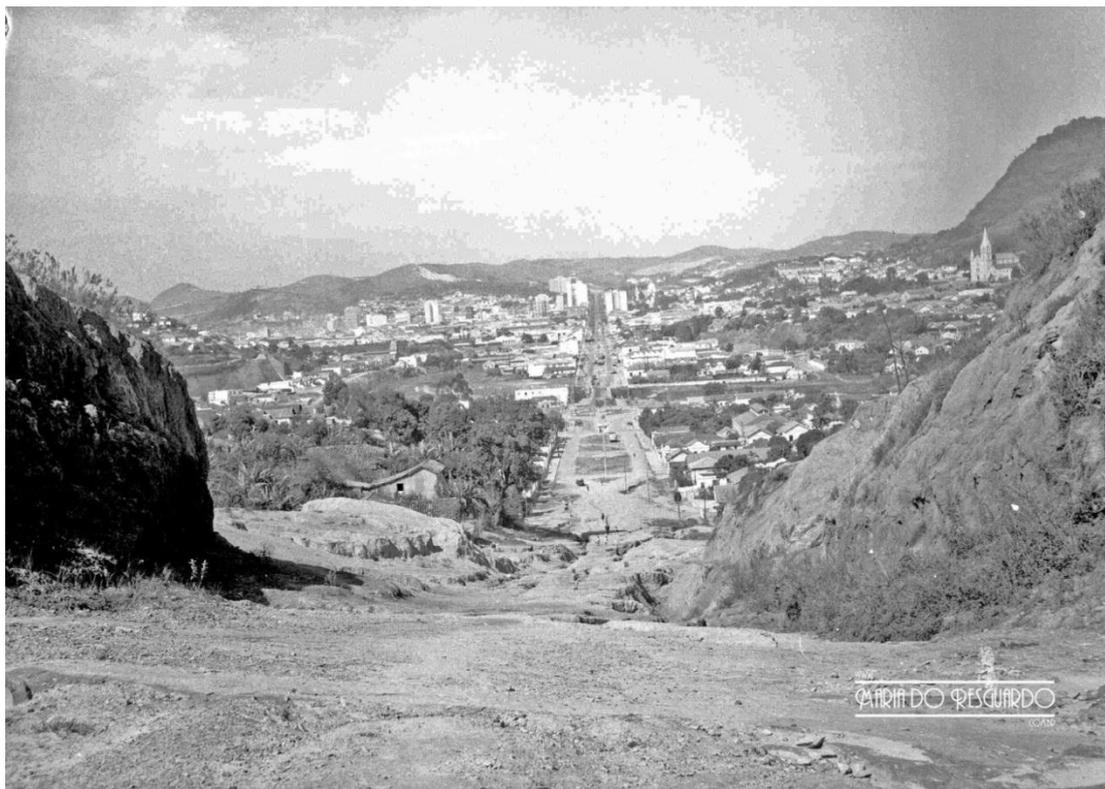


Imagem XIII – 01 de julho
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 6.400 pessoas

A primeira imagem mostra as casas com visão para a Garganta no sentido dos bairros Manoel Honório – Quintas, zona Leste.

“Vc se lembra Ana Maria du Vinage a gente brincou muito nesse desaterro, q saudade!!!!” A.G.

“A panorâmica deste lugar e belissima!” H.C.

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Percebemos que os lugares despertam lembranças de diferentes épocas e situações. Talvez pelo fato de ser um local de passagem de milhares de juiz-foranos cotidianamente a fotografia contabilizou 151 curtidas e 91 compartilhamentos.

Postagem 3

Na terceira imagem com maior alcance do mês, aparece uma casa com arquitetura modernista, que foi demolida na década de 1980. A residência da família Salgado era situada na Av. Itamar Franco (antiga Independência) esquina com a Av. Rio Branco, Centro.



Imagem XIV – 25 de julho
 Autoria: arquivo Marcelo Lemos
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.856 pessoas

Assim como as múltiplas cidades existentes para cada um, os membros deixam registradas as diferentes impressões do imóvel, que era apelidado de “barco”, “sanfona”, etc.

“Essa casa era linda! Era louca pra entrar aí. Quando era pequena, ficava imaginando como os móveis paravam no lugar. Hehehehe” C.A.

“Modernismo de primeira grandeza. Demolida pra fazer algum pombal sem identidade estética. Lamentável.” M.D.

“Era essa casa que eu chamava de barco quando era criança. Meus pais saíam comigo pra “passear” de carro e sempre pedia pra passar em frente. Obrigado pelo post, muito legal!” S.R.

“a gente chamava da casa da sanfona rss eu morava em frente, por isto ia frequentemente na Capela do Stella.” L.L.C.

“Hoje tem um “lindo” prédio cinza e azul no lugar dela. Aliás, como são maravilhosos os prédios construídos no centro e proximidades...” G.R.

“Eu lembro da casa barca, mas não lembro do carro !!” A.S.T.

“Essa construção nunca deveria ser demolida. Não sei como nossos “representantes” deixaram isso acontecer. Isso eh história, arquitetura, modernismo que se foi pra sempre. Lastimável.” M.L.

“Moro do lado... Vi quando desmancharam era um formato de um grande navio... Conheci a casa e seus moradores.” L.M.F

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

A fotografia contabilizou 179 curtidas e 46 compartilhamentos.

Postagem 4

As imagens que seguem mostram uma casa localizada na Av. Rio Branco, esquina com a Rua Delfim Moreira, Centro, em 1985, que posteriormente foi demolida.



Imagem XV – 25 de julho
 Autoria: Ramón Brandão⁶²
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.452 pessoas

Segundo Brandão: “não é o apego ao lugar, mas a ideia de que ele seria transformado” que o levou a fazer registros como este. Temos dois aspectos interessantes nas fotografias dos amadores: algumas serviram para fixar o que é mutável e outras tinham o efêmero como objetivo.

⁶² Realizamos uma entrevista com o artista plástico para entender a motivação dos registros. Ramón de Lima Brandão nasceu em Juiz de Fora no dia 01 de fevereiro de 1964. Possui Licenciatura em Artes Visuais pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista e Mestre em História pela UFJF. O artista plástico morou no Rio de Janeiro e ficou inspirado pelo trabalho de dois fotógrafos cariocas: Augusto Malta, que retratava modificações urbanas e Marc Ferrez, que publicou o *Álbum da Avenida Central*, focalizando a construção da atual Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906. Além de acompanhar publicações da revista “*Manchete*”, com a série “A cidade em dois tempos”, sobre as décadas de 1970 e 1980. Ao voltar para Juiz de Fora, Ramón começa a fotografar com 16 anos de idade, usando uma câmera analógica “Kodac Instamatic”, cartucho 126, que produzia imagens quadradas. Ficou de 1980 a 1995 percorrendo ruas da cidade para fazer registros: “acho que já tinha a intenção de divulgar esse material” (BRANDÃO, 2014). Ramón fazia uma expedição com roteiro por casas que reconhecia como antiga pelo ecletismo da arquitetura. Procurava fazer todos os enquadramentos em plano geral para registrar toda a construção. “Eu tinha uma urgência, uma necessidade de completude de imagens de casas que poderiam ser demolidas. Não me importava com detalhes” (BRANDÃO, 2014). O artista chegou a fazer fotos escondidas e diversos registros quando as residências estavam em processo ou com data próxima da destruição.

Os membros da página se revoltam ao lembrar a demolição do imóvel.

“Amava a arquitetura dessa lindeza. Aos poucos JF vai apagando um lindo passado para construir um futuro de concreto para moradia em grande escala, comércio e estacionamentos!” R.E.S.

“A culpa maior da perda desses imóveis antigos é a ganância dos herdeiros em vendê-la assim que seus entes morrem. E aí sobra para os cofres públicos intervirem e comprar o imóvel com dinheiro público.” A.M.

“Demolida da noite para o dia. Sabiam que o que estavam fazendo geraria revolta!!” G.H.

“Estamos perdendo quase todo nosso patrimônio histórico! Triste de se ver!!!!” R.C.C

“Pena que as belas construções do passado, se foram.” G.S.

“O mais "legal" é que depois que foi demolida, o Ministério Público conseguiu a ordem para não demolir... Vai entender...”G.B.

“Primeiro doam as máquinas do Parque da Lajinha, depois isso. PJF acabando com a cidade.” T.E.

“Tem que demolir mesmo. Ninguém e eterno porque casa tem que ser.” F.L.C.

“alguém sabe o que o ministério público decidiu? parece que o advogado que comprou a casa vai ser obrigado a reconstruir a casa, acho que vai ficar bem mais que os 200 mil que ele pagou... Alguém tem alguma informação?” F.R. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).



Imagem XVI – 25 de julho
 Autoria: Ramón Brandão
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.452 pessoas

A fotografia contabilizou 178 curtidas e 41 compartilhamentos.

Postagem 5

A fotografia seguinte é do bairro São Bernardo (ruas: São Bernardo, Santa Catarina, Piauí e Maranhão), zona leste da cidade. Também existe referência ao programa “A voz do bairro”, evento promovido pela Rádio PRB3 (logomarca na porta do carro), em julho de 1956.



Imagem XVII – 25 de julho
 Autoria: arquivo *blog* “Maria do Resguardo”
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.302 pessoas

Os membros reconhecem detalhes do local pela necessidade de torna-lo familiar, de certa forma, domesticando o espaço público.

“sim, largo do são bernardo, estas duas portas abertas era o bar do Sr. Luizinho, Rua Santa Catarina, essa escada era a casa de um amigo meu de jogar bola ,a segunda casa era do Tamirim e se a imagem tivesse melhor, diria que é a vó atravessando o largo...” L.C.A.

“morei nesta rua em frente: Rua Santa Catarina em 1949.” G.P.L.

“No muro da casa no lado esquerdo da foto passei grande parte de minha infância nos anos 70. A casa era da família FABRI, do querido cunhado

Jesus, ali nossa turma se encontrava para curtir a noite, nesse local foi fundado a nossa equipe de futebol varzeano "SANTA CATARINA" uma época que não existia essa violência dos dias atuais. Que felicidades ver essa foto!" A.S.

“como eu ouvia esta radio quando criança zé de barros e cia.” M.H.F.

“Que isso. Essa casa da esquina é a do Elvis.” R.C.N.B
(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

A fotografia contabilizou 78 curtidas e 64 compartilhamentos

Postagem 6

Na postagem desta data temos a imagem do local em que funcionava o Cine Excelsior, na Avenida Rio Branco, Centro de Juiz de Fora. Foi inaugurado em 1954, com capacidade de público para mais de mil pessoas, mas foi fechado pelo grupo então proprietário em 1994⁶³. No início de 2012, a obra de reforma no local para se tornar um estacionamento foi embargada pela Secretaria de Atividades Urbanas (SAU) da Prefeitura, que cobrava a apresentação de laudo que atestasse a capacidade de sustentação da laje para receber veículos, preservar o projeto arquitetônico com algumas adaptações, que incluía o tráfego na entrada do prédio. Em junho de 2012, a nona tentativa de tombamento ou declaração de bem de interesse cultural para o Cine Excelsior foi recusada, durante reunião mensal do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Comppac). O pedido havia sido encaminhado pelo movimento “Salvem o Cine Excelsior”⁶⁴, iniciado logo após a retirada e a venda das cadeiras do espaço no final do ano anterior. Com dez votos contra dois e uma abstenção, o

⁶³ Os primeiros rumores sobre o fechamento do Cinema Excelsior foram divulgados pela imprensa no dia 02 de novembro dia 1994. A notícia era sobre uma reunião entre Robert Valanci, representante da Cia. Franco-Brasileira, proprietária do espaço, e Cláudio Bonato, representante da Sercla, o último empresa arrendatária do cinema. Essa reunião seria decisiva, pois ali se optaria pela renovação ou não do contrato de manutenção da locação, vencido já havia um mês. Cláudio Bonato já havia demonstrado interesse pela renovação, mas aguardava o pronunciamento da Companhia Franco-Brasileira. No dia 04 de novembro, aconteceu que a sociedade mais temia: a proposta de renovação contratual da Sercla não foi aceita pela Cia. Franco-Brasileira e o Cinema Excelsior teve suas atividades interrompidas. O letreiro de O cliente, do diretor Joel Schumacher, estrelado por Susan Sarandon e Tommy Lee Jones, foi substituído pelo de Fechado para reformas e assim permanece a quase em dezoito anos. A última sessão foi no domingo, dia 30 de outubro de 1994, às 21h. O fechamento desta tradicional sala de exibições gerou protestos e indignação dos moradores do edifício e de toda sociedade juizforana, que já sofria com fechamento de outros cinemas, como o Paraíso e o Palace. O conselho de moradores do condomínio, representado por Carlos Henrique Teixeira e Maurício Halfeld, prometeu lutar para que o lugar não perdesse sua função cultural, já que começavam a surgir especulações de que a intenção dos proprietários da sala era transformar o edifício em uma casa de culto ou de bingo. A tentação do jogo de bingo, do dinheiro fácil, e a multiplicação das igrejas evangélicas se tornavam grave ameaça à arte e à cultura de todo o país. A cada cinema que se fechava para dar lugar a alguma atividade lucrativa, os setores culturais mostravam sua indignação. A tranquilidade do condomínio foi apresentada como ponto fundamental para barrar atividades que gerassem barulho, tumulto ou consumo de bebidas alcoólicas (no caso do bingo) no térreo do edifício. Demais membros da sociedade civil e representantes políticos também protestaram contra o fechamento do cinema. Disponível em: <http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/cinema-excelsior/> Acesso em: 22 de ago. de 2014.

⁶⁴ Ver: <http://www.cinemaexcelsior.com.br/sobre-o-movimento/>.

Comppac não encontrou justificativas para preservar o imóvel ou limitar a utilização pelos proprietários. Até os dias atuais permanecem tentativas de mudança para a volta da utilização do espaço para fins culturais e artísticos. A legenda da foto reivindica ao prefeito soluções: “Prefeito Bruno Siqueira⁶⁵: queremos o Cine Excelsior de volta! Tome providências!”. Os comentários são na maioria em favor do retorno do cinema, devido aos significados atribuídos ao espaço.

“Infelizmente nesta "administração", com certeza, não conseguiremos incorporar o Cine Excelsior ao patrimônio cultural e histórico da cidade. Afinal a gestão é tão incompetente que nem o básico como SAÚDE com dignidade é fornecido aos cidadãos de Juiz de Fora.” F.M.L.T.

“Alguns falam que é história, que história? Aquilo não tem nada de especial, é só uma sala de cinema, muito sem graça por sinal. As pessoas confundem suas memórias pessoais, como levar a primeira namorada no cinema, com história da cidade. Tb vi muitos filmes naquele cinema, levei namoradas, e só. Acabou, passou. Não acho correto o poder publico se meter nesse tipo de negocio.” W.C.

“#nãoouseesteestacionamento” J.F.

“O interior do imóvel é só do proprietário, a parte externa faz parte da cidade, quem vai pagar pela manutenção do cinema? Vai pegar dinheiro do IPTU? É uma situação bastante complicada.” M.V.

“Sonhar não custa nada, numa cidade que destruíram quase tudo, vão lá se importar com cinema??? Esta gente política só quer saber de voto!!! São uma cambada!!” M.G.Z.R.

“Concordo, mas porque não protestamos durante os longos anos que ele permaneceu fechado?” A.M.

“O cinema acabou há anos e ninguém se preocupou. Agora fazem um ‘mimimi’ danado. O Sport Club está acabado há anos e a sociedade nunca fez nada, foi só pintar uma proposta de modernização para o mimimi começar. Depois reclamam que Juiz de Fora é uma cidade atrasada e não evolui. A culpa tá, toda de vocês, que não deixam a cidade crescer e se modernizar!” H.M.

- Duas respostas neste comentário: “Como se o povo tivesse voz pra isso. E a cidade pode se modernizar sem destruir sua história e seus patrimônios, só pra constar.” A.S.C.

“Isso ai H.M.! Concordo com você!” B.A.

“Lindo prédio... cheio de histórias... Uma pena mesmo.” I.S.G.

“Juiz de Fora é uma roça grande!!! não tem pontos turísticos que prestem e cada vez mais vão acabando com a história da cidade!! um absurdo a falta de competência do prefeito e tb dos vereadores que tem a função de fiscalizar a administração!!!!” L.E.C.

“Nossa cidade e seus governantes não têm memória.” A.D.

“Absurdo o que fazem c a nossa historia.....” M.V.

“mostre-se juiz-forano prefeito.” L.F.D.

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

⁶⁵ Bruno Siqueira tem 38 anos, é casado e tem um filho. Foi eleito prefeito de Juiz de Fora com 163.686 votos. Nascido e criado na cidade, começou na política cedo. Foi presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia da UFJF, onde se formou. Possui Pós-Graduação em Engenharia Econômica pela Fundação Dom Cabral. Ver: http://pjf.mg.gov.br/equipe_de_governo/prefeito.php



Imagem XVIII – 23 de julho
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.224 pessoas

A fotografia contabilizou 251 curtidas e 78 compartilhamentos.

Postagem 7

A Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora foi fundada em 6 de agosto de 1854 pelo Barão da Bertioga, José Antônio da Silva Pinto, e por sua esposa, a Baronesa Maria José Miquelina da Silva. Sendo a terceira instituição mais antiga de Juiz de Fora, só ficando atrás da fundação da Vila de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850, e da instalação da Câmara Municipal, em 1853. As obras do segundo prédio da Santa Casa foram concluídas em 2 de junho de 1898.



Imagem XIX – 27 de julho
 Autoria: arquivo Ramón Brandão (autoria desconhecida)
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.200 pessoas

Os membros citam as transformações no local com saudade, mas compreendem que a demolição era necessária para melhoria nos atendimentos médicos. Além disso, apesar de ser um lugar bastante conhecido, a memória de um hospital é marcada por acontecimentos tristes, por momentos de dependência, ajuda e cuidado. Provavelmente, os membros, apesar de admirarem a beleza de antigamente, não teriam um afeto tão fortemente ligado ao monumento.

“Poderiam ter preservado a construção e terem construído o prédio atual atrás. Juiz de Fora era linda com suas construções.” J.A.
 “essa ainda foi por uma causa bem nobre.” L.D.
 (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

A fotografia contabilizou 121 curtidas e 74 compartilhamentos.

Postagem 8

A próxima postagem contém quatro imagens no mesmo *link*, da Av. Getúlio Vargas, Centro, foto tirada em 1986. Segundo Ramón Brandão, em entrevista concedida

para a autora, a casa estava em processo de demolição quando as fotos foram feitas para a construção do Mister Shopping.



Imagem XX – 27 de julho
Autoria: Ramón Brandão
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 4.094 pessoas



Imagem XXI – 27 de julho
Autoria: Ramón Brandão
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 4.094 pessoas



Imagem XXII – 27 de julho
Autoria: Ramón Brandão
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 4.094 pessoas



Imagem XXIII – 27 de julho
 Autoria: Ramón Brandão
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 4.094 pessoas

A última imagem foi produzida por uma colagem manual de duas fotografias feita por Ramón Brandão. De acordo com informações do gestor, a última foto é dos fundos da casa onde funcionava uma pensão. A própria legenda sinaliza o caráter reivindicatório em relação aos imóveis demolidos da cidade, pois utiliza a expressão “e que infelizmente não resistiu à especulação imobiliária”. Esse comportamento é reforçado nos comentários.

“Isso sim foi um crime” L.G.A.
 “Rua Getúlio Vargas tinha tanta chances de ser uma das mais belas ruas da cidade, tanto pelo pouco que ainda se mantém mesmo em más condições... e virou aquela zona de bagunça e bandidinhos... uma pena.” O.M.
 “Galeria com garagem e espelho no teto. Nem cinema tem mais.” M.D.
 “Me lembro muito bem desta casa. Que pena.” A.C.E.T
 “Estão destruindo td por aí. Q pena!” V.L.P.
 “essa eu não sabia! que dó!!!” R.R
 (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

O sentimento de perda foi mais evidente nos comentários de fotografias que mostram imóveis que foram derrubados e deram espaço para um edifício comercial, como foi o caso do Mister Shopping, situado na Rua Mister Moore, onde existe como um dos Calçadões do Centro da cidade. Os calçadões tornaram-se corredores de

comércio e serviço, comportando o intenso fluxo de pedestres no tradicional passeio realizado frequentemente pelos cidadãos de Juiz de Fora e visitantes. A fotografia contabilizou 154 curtidas e 34 compartilhamentos.

Postagem 9

O *link* da próxima postagem continha duas imagens de uma casa que chama atenção pela arquitetura, na Av. Rio Branco, nº 2340, Centro, em dezembro de 1978, lugar em que morou José Batista de Oliveira, formado em engenharia e industrial de profissão e prefeito de Juiz de Fora de 1945 a 1946. A legenda informa até o antigo telefone do proprietário com o número 1943. A construção foi demolida e neste local hoje funciona uma instituição financeira.

“O palacete do lado tem influencias do art nouveau, foi realmente uma pena termos perdido.” L.G.A.

“Lembro perfeitamente dessa casa, juiz de Fora se tornou uma cidade feia e sem história!” A.B.

“Juiz de fora era linda com essas casas lindas... Todas deviam ser tombadas por lei.” S.L.

“essa eu lamento menos, pois ha outros exemplares de arquitetura normanda na rio branco, salvo se a casa tivesse outros motivos para preservação que além do pedra e cal.” L.G.A.

“Tanto se perdeu nesta cidade... Que triste” M.M.

“O 'progresso' enfeiou Juiz de Fora sobremaneira.” M.A.C.
(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).



Imagem XXIV – 27 de julho
Autoria: Roberto Dornellas⁶⁶ ou Jorge Couri
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 3.970 pessoas

⁶⁶ A fotografia surgiu na vida dele ao acaso, sem muita pretensão, mas acabou tornando-o uma das grandes figuras do meio jornalístico. Nascido na Fazenda Paraíso, em Mercês (MG), Roberto Dornelas veio Juiz de Fora com pouco mais de um ano. A fotografia se apresentaria a ele anos mais tarde, quando jovem, época em que trabalhava em uma oficina mecânica. Trabalhou durante pouco mais de nove anos nos Diários Associados, até que foi demitido em 1965. Para ele, a melhor coisa que lhe aconteceu na época. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou para a revista “Manchete”. Também foi *freelancer* para “O Globo” e o “Jornal do Brasil”. Voltou para Juiz de Fora, onde foi contratado em 1966 para trabalhar na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2009/10/29/%E2%80%9Cprofissao-fotografo%E2%80%9D-roberto-dornelas-revela-alguns-de-seus-muitos-retratos-em-50-anos-de-carreira/> Acesso em: 03 de dez. de 2014.



Imagem XXV – 27 de julho
Autoria: Roberto Dornellas ou Jorge Couri
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 3.970 pessoas

As fotografias contabilizaram 168 curtidas e 30 compartilhamentos.

Postagem 10

A última postagem analisada no mês de julho também mostra uma casa na Av. Rio Branco, residência da família Ekmam, demolida em 1985 para a construção do Shopping Rio Branco. Nesta casa, residia a primeira Miss Juiz de Fora, a Srta. Maria Luiza Paletta Ekmam. Segundo Ramón Brandão, esta fotografia foi feita próxima da data de demolição do imóvel.



Imagem XXVI – 14 de julho
 Autoria de: Ramon Brandão
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 3.886 pessoas

“Lembro dela, linda !! Não me conformo em não preservarem essas belezas.”
 K.L.

“Muito linda, Juiz de Fora tinha uma história muito rica de arquitetura. Seriam considerados verdadeiros patrimônios. Uma pena.” O.M.

“Nem como galeria o pessoal usa direito.” E.T.

“Destroem todo o patrimônio arquitetônico da cidade e quase nunca pensam numa maneira de ter uma opção comercial, mas aproveitando o charme de uma construção histórica, o que só iria facilitar do ponto de vista turístico vide vários exemplos como no Rio de Janeiro e outras cidades.” L.D.

“Memória saudosista!!!” M.M.

“um neocolonial espanhol... para construir aquela lindeza de shopping...”
 L.G.A. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Nestes comentários fica registrado que os moradores sentem falta de uma cidade com atrativos turísticos que remetem às antigas paisagens, com construções diferentes da imensa quantidade de edifícios observados atualmente. A cidade vem sofrendo um rápido e violento processo de especulação e reformulações de certas áreas urbanas. Juiz de fora apresenta um *boom* imobiliário com regiões que apresentam um alto índice de construções de apartamentos em geral. A fotografia contabilizou 122 curtidas e 23 compartilhamentos.

De acordo com o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural⁶⁷, existem 173 bens imóveis tombados na cidade, desde 1983 até o ano de 2011, 5 acervos documentais relativos às atividades da Câmara Municipal, do Fórum, do Cartório Maninho Farias e do Acervo Cinematográfico de João Gonçalves Carriço, além de sete registros de bens imateriais. A preservação do patrimônio cultural é um referencial da memória coletiva. Como parte do corpo social, o Poder Público Municipal adotou uma política legal, incorporando a preservação como campo de ação. Entre os instrumentos utilizados estão o tombamento e o registro dos bens culturais e bens imateriais, respectivamente.

O tombamento é uma das ações para preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados. O tombamento municipal⁶⁸ é regido pela Lei 10.777, de 15 de julho de 2004, que tem alterações pela Lei 11.000.

A cidade tem três bens tombados em nível federal – Cine Theatro Central, Marco Comemorativo do Centenário de Juiz de Fora e o acervo do Museu Mariano Procópio. A cidade possui, ainda, bens tombados em nível estadual – o Museu do Crédito Real e seu acervo e os três conjuntos paisagísticos: parque, edificações e acervo do Museu Mariano Procópio; conjunto arquitetônico, paisagístico e acervo da Usina de Marmelos Zero e das Estações Ferroviárias (antigas estações da Central do Brasil e da Leopoldina, plataforma entre as estações, passarela sobre a linha férrea e o acervo do atual Museu Ferroviário de Juiz de Fora).

⁶⁷ Disponível em: http://pjf.mg.gov.br/conselhos/patrimonio_cultural/lista_imoveis.php Acesso em: 02 de dez. de 2014.

⁶⁸ Disponível em: http://pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/patrimonio Acesso em: 02 de dez. de 2014.

5.4.3 - Postagens de setembro/2014

Postagem 1

Nesta postagem o gestor disponibiliza uma imagem com grande alcance do Centro da cidade, Avenida Rio Branco.



Imagem XXII – 04 de setembro
Autoria: provável Roberto Dornellas ou Jorge Couri
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 2.356 pessoas

Ninguém comentou e foi colocado o *link* do *Google Maps* para esclarecer a localização precisa e facilitar o entendimento dos membros com elementos do presente. A fotografia contabilizou 77 curtidas e 46 compartilhamentos.

Postagem 2

Esta imagem mostra o Centro de Juiz de Fora, trecho da Av. Rio Branco, em setembro de 1969. A foto foi retirada do alto de um prédio em frente ao Parque Halfeld⁶⁹. Na imagem aparece um longo trecho da Avenida, no qual podemos notar o serviço de bondes⁷⁰, que teve início na cidade em 6 de Junho de 1906, graças a Companhia Mineira de Eletricidade (CME), colocando em circulação os dois primeiros bondes elétricos de Juiz de Fora, que foram adquiridos no exterior, e recebidos sob grande entusiasmo da população local. A partir de então, passa a expandir as linhas por vários pontos da cidade, popularizando o transporte.

No ano de 1920 são estabelecidos pontos de parada para os bondes da CME, que até então podiam parar em qualquer lugar, para o embarque e desembarque de passageiros. Em 1926 por resolução municipal, foram unificados os serviços de Força e Luz, Bondes e telefones, em novo contrato com validade de 25 anos. Após o término da validade o serviço de bondes seria revertido para a prefeitura. Em 1951 com o término do contrato a prefeitura se recusou a assumir os funcionários do DVE - Departamento de Viação Elétrica da CME, pois o contrato só fazia referência ao material fixo e rodante que seria revertido gratuitamente, o que fez o sindicato dos trabalhadores levar a decisão para a justiça. Depois de três anos de batalha judicial, no dia 21 de fevereiro de 1954, a concessão do serviço foi revertida ao município, e os funcionários do DVE, passaram a ser funcionários da prefeitura. Naquele mesmo ano, foi criado o Departamento Autônomo de Bondes (DAB).

Dois anos após o município assumir o serviço de bondes eles começaram a ser extintos, até o dia 9 de Abril de 1969, quando foi realizada a última viagem de bonde em Juiz de Fora, com o bonde nº 30 da linha de São Mateus, que levou o conjunto de Ministrinho, e foi estacionado em definitivo após a última viagem no antigo abrigo em São Mateus. Os antigos bondes, com a desativação do serviço, foram doados a escolas e clubes da cidade para serem instalados em suas áreas de recreação, não se sabe o destino que estes bondes tiveram após a doação. Em 1983 foi criado o Museu do Bonde, que abrigaria o acervo remanescente do antigo DAB. No mesmo ano o Museu foi desativado e os dois bondes levados para o Parque da Lajinha. Os dois bondes, que

⁶⁹ Situado em ponto nobre, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Halfeld, é o primeiro logradouro público da cidade. Rua Halfeld é tida como a principal rua da cidade de Juiz de Fora, com cafés, cinemas, galerias e lojas. Nela se localizam o painel "Cavalinhos", de Portinari, no Edifício Clube Juiz de Fora, o Parque Halfeld, com coreto, parque infantil e árvores centenárias, o antigo prédio do Paço Municipal, a Câmara Municipal e o Cine-Theatro Central. É dividida em parte alta e baixa, sendo o trecho entre as avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas, exclusivo para pedestres, conhecido como Calçadão.

⁷⁰ Ver: <http://www.jfminas.com.br/portal/historia/historia-dos-bondes-em-juiz-de-fora>

permanecessem até hoje no Parque, foram tombados em 3 de junho de 1988 pelo decreto 3.966/88 como patrimônio municipal.



Imagem 22 – 08 de setembro
Autoria: provável Roberto Dornellas ou Jorge Couri
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 1.545 pessoas

A fotografia contabilizou 66 curtidas e 35 compartilhamentos.

Postagem 3

A imagem mostra um trecho da Av. Rio Branco, Centro, em setembro de 1969. No imóvel à direita do edifício em construção funcionava o Colégio Santos Anjos, que agora está localizado no bairro Vitorino Braga.



Imagem XXIX – 04 de setembro
 Autoria: provável Roberto Dornellas ou Jorge Couri
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 1.541 pessoas

O atual Centro da cidade permanece no local de seu centro histórico original, é importante abordar e ressaltar os elementos formadores deste contexto urbano, especialmente ao tratar dos espaços públicos localizados em tal área.

“Ao lado da edificação o Colégio Santos Anjos..... Minha infância se passou exatamente neste ponto... Meu pai tinha um Restaurante nesta localização e acompanhei este momento. Acabaram de demolir o abrigo de bondes e asfaltaram a Avenida rio Branco. Andei de carrinho de rolimã nas rampas deste prédio que demorou muito para ser erguido.... Estudei nesta escola também....”. J.F.M. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

A fotografia contabilizou 47 curtidas e 17 compartilhamentos.

Postagem 4

Algumas fotografias possuem personagens identificáveis e o alcance também se eleva. Na primeira postagem de setembro foi registrada a construção da represa e provavelmente autoridades estavam presentes. A represa Dr. João Penido foi construída em 1934 com a finalidade exclusiva de servir de reservatório para acumulação de águas

para o abastecimento de Juiz de Fora. Atualmente, abastece cerca 50% da cidade de Juiz de Fora⁷¹. Este ecossistema artificial fica localizado ao norte do município, 10 km de distância da malha urbana, no bairro Barreira do Triunfo. Existem moradias próximas e diversas pessoas se deslocam nos finais de semana para esta região em busca de descanso e lazer.

As imagens com a legenda “visita das obras” são de outubro de 1956. Verificamos no site de leis municipais que nesta data a lei de nº893 autorizava a construção da segunda adutora da represa João Penido⁷².



Imagem XXX – 01 de setembro
Autoria: Bastos Barreto
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 1.081 pessoas

⁷¹ Ver: <http://www.cesama.com.br/?pagina=joaopenido>.

⁷² Disponível em: <http://www.leismunicipais.com.br/a/mg/j/juiz-de-fora/lei-ordinaria/1956/90/893/lei-ordinaria-n-893-1956-autoriza-a-prefeitura-a-contrair-um-emprestimo-de-duzentos-milhoes-de-cruzeiros>. Acesso em: 02 de dez. de 2014.



Imagem XXXI – 01 de setembro
Autoria: Bastos Barreto
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 1.081 pessoas

A fotografia contabilizou 47 curtidas e 16 compartilhamentos.

Postagem 5

Outras duas imagens do Centro de Juiz de Fora foram postadas, com *link* para o *Google Maps*, da Praça Antônio Carlos, ônibus Viação Util, em setembro de 1969. Os poucos comentários são superficiais e referentes a aspectos estéticos do prédio da Escola Normal, inaugurada em 14 de agosto de 1930, representando avanços no sistema educacional e no estilo arquitetônico. No final da década de 1960, parte do prédio foi demolido, para dar passagem à Avenida Independência, hoje Itamar Franco, por determinação da Lei 5.306, de 16 de outubro de 1969, quando passou a ser denominado Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora⁷³.

⁷³ Disponível em: <http://www.ricardoarcuri.com.br/jfora/colegfaculd/escolanormal/index.html> Acesso em: 07 de out de 2014.



Imagem 20 – 04 de setembro
 Autoria: provável Roberto Dornellas ou Jorge Couri
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 943 pessoas



Imagem XXXII – 04 de setembro
 Autoria: provável Roberto Dornellas ou Jorge Couri
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 943 pessoas

A fotografia contabilizou 53 curtidas e 15 compartilhamentos.

Postagem 6

Nesta data a postagem apresentava quatro fotografias do “Mercado e Frigorífico Juiz de Fora”, que era localizado na Rua Batista de Oliveira, nº 317, esquina com Rua Fonseca Hermes, Centro. O gestor também disponibilizou um link com o Google Maps, provavelmente porque os membros ficaram em dúvida com relação ao endereço e escreveram comentários:

“Não seria Batista de Oliveira com Fonseca Hermes?” G.H.

“Que rua é essa?”. J.C.M.

“No calçamento tem uma linhas curvas que parecem marcas de trilhos de bondes, como havia na esquina de Rio Branco com a Rua Marechal Deodoro. Mas não me lembro de mercados por lá”. S.M.

(Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).



Imagem XXXIII – 10 de setembro
Autoria: não informado
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 831 pessoas



Imagem XXXIV – 10 de setembro
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 831 pessoas



Imagem XXXV – 10 de setembro
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 831 pessoas



Imagem XXXVI – 10 de setembro
 Autoria: não informado
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 831 pessoas

As fotografias contabilizaram 31 curtidas e 3 compartilhamentos.

Postagem 7

A foto mostra um trecho do Rio Paraibuna⁷⁴, na Av. Brasil, Bairro de Lourdes, zona sudeste, em janeiro de 1956. De acordo com um dos membros: “Essas casas a vista ainda existem (sic)”. E.P. Hoje é predominantemente um bairro residencial, dando acesso a um condomínio fechado conhecido com Tiguera e ao bairro Santo Antônio. A principal rua do bairro nomeada de Nossa Senhora de Lourdes, possui diversos marcos da Estrada Real, sendo caminho para a BR-267.

⁷⁴ A cidade de Juiz de Fora possui uma rica rede de drenagem com várias artérias de pequena extensão. A bacia do Paraibuna é formada por três rios principais: o Paraibuna, o kágado e o Peixe. O Paraibuna nasce na serra da Mantiqueira a 1.200 m de altitude e depois de percorrer 166 Km lança-se à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul a 250 m de altitude. O Rio Paraibuna segue no sentido noroeste – sul sudoeste, recebendo pequenos afluentes. Ver: <http://www.cesama.com.br/?pagina=paraibuna>.



Imagem XXXVII – 12 de setembro
Autoria: Bastos Barreto
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 782 pessoas

A fotografia contabilizou 43 curtidas e 14 compartilhamentos.

Postagem 8

O gestor questiona aos membros o local e os personagens na legenda da imagem e informa que a fotografia é datada de novembro de 1952. Não há comentários que esclareçam as questões. Os três homens de terno estão na frente do carro com alto falantes, que provavelmente era usado para publicidade nas ruas.



Imagem XXXVIII – 08 de setembro
 Autoria: Bastos Barreto
 Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
 Alcance: 674 pessoas

A fotografia contabilizou 28 curtidas e 5 compartilhamentos.

Postagem 9

No mesmo dia da postagem analisada anteriormente o gestor publica outra imagem com questionamentos e desta vez um dos membros encontra a localização: “Largo de São Sebastião - Esquina da Avenida Rio Branco com Getúlio Vargas, Centro”. J.C.C. A fotografia é de outubro de 1952. O carro em destaque é o Hudson Hornet, que foi um automóvel fabricado pela *Hudson Motor Car Company* na década de 1950. Um modelo em 3D do Hornet aparece no filme “Carros” da Disney. O Hornet⁷⁵ era considerado o Rei da *Nascar* (associação automobilística norte-americana) porque ganhou quase tudo em 2 anos de atuação nas provas de *stock car*, a partir de 1950 - alguns pilotos famosos como Marshall Teague, Herb Thomas, Dick Rathman e

⁷⁵ Ver: <http://luiscezar.blogspot.com.br/2012/02/fabulous-hudson-hornet.html>

Lou Figaro, foram tidos como pilotos oficiais da Hudson - juntos eles ganharam 13 vezes em 1951; 49 vezes em 1952; 46 vezes em 1953.



Imagem XXXIX – 08 de setembro
Autoria: Bastos Barreto
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 650 pessoas

A fotografia contabilizou 48 curtidas e 13 compartilhamentos.

Postagem 10

A última postagem analisada neste mês mostra o “Bar Restaurante e Charutaria Colombo”, localizado na Rua Halfeld, nº 283, Centro, em junho de 1956. Os membros mencionam que não sabiam da existência de um estabelecimento da marca “Colombo” na cidade, mas não interagem no sentido de comentar a imagem ou sobre os personagens. Este estabelecimento não existe mais e nem conseguimos informações complementares sobre o local.



Imagem XXXX – 17 de setembro
Autoria: Bastos Barreto
Fonte: *fanpage* “Maria do Resguardo”
Alcance: 646 pessoas

A fotografia contabilizou 36 curtidas e 2 compartilhamentos.

5.5 Classificação e interpretação das imagens por categorias

Em maio foram feitas 12 postagens com o alcance total de 37.571 visualizações e 540 compartilhamentos. No mês de julho o número de postagens foi de 111, sendo o maior da amostra, com alcance total de 193.114 visualizações e 1.984 compartilhamentos. Já no mês de setembro temos 27 postagens, mesmo sendo maior do que a amostra do primeiro mês, o alcance total foi de 18.303 visualizações e 210 compartilhamentos.

Tabela 1 – Categorias de análises das imagens

Postagem	Assunto	Enquadramento	Personagens	Local (Região)	Autoria	Data
Foto 1 Maio	Nazismo	Geral	Sim	Centro	Não informado	Não
Foto 2 Maio	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 3 Maio	Bairro	Geral	Não	Norte	Não informado	Sim
Foto 4 Maio	Bonde	Geral	Sim	Centro	Profissional	Não
Foto 5 Maio	Nazismo	Geral	Sim	Nordeste	Não informado	Sim
Foto 6 Maio	Obras	Geral	Sim	Sul	Não informado	Sim
Foto 7 Maio	Residência	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 8 Maio	Trem	Grande plano geral	Não	não identificado	Não informado	Sim
Foto 9 Maio	Personagem	Médio	Sim	Sul	Não informado	Sim
Foto 10 Maio	Personagem	Médio	Sim	Não	Não informado	Não
Foto 1 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Não
Foto 2 Julho	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Leste	Não informado	Não
Foto 2 Julho	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Leste	Não informado	Não
Foto de 3 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Não
Foto 4 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 4 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 5 Julho	Bairro	Geral	Não	Leste	Não informado	Sim
Foto 6 Julho	Cinema	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 7 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Não
Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Não
Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Não
Foto 8 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Não
Foto 9 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 9 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 10 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 1 Setembro	Avenida Rio Branco	Geral	Sim	Centro	Profissional	Não
Foto 2 Setembro	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 3 Setembro	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 4 Setembro	Represa	Geral	Sim	Norte	Não informado	Sim
Foto 4 Setembro	Represa	Geral	Sim	Norte	Não informado	Sim
Foto 5 Setembro	Escola Normal	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 5 Setembro	Escola Normal	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim

Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 7 Setembro	Rio Paraibuna	Grande plano Geral	Não	Sudeste	Não informado	Sim
Foto 8 Setembro	Personagem	Geral	Sim	não identificado	Não informado	Sim
Foto 9 Setembro	Carro	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 10 Setembro	Personagem	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim

O interesse por temas variados como nazismo, bonde, cinema ou represa é uma característica das postagens. Isto ocorre porque as publicações dependem da subjetividade do gestor Marcelo Lemos, que não segue nenhum critério de seleção específico.

A categoria “residências” é o tema de 14 fotografias, sendo o assunto mais recorrente da amostra de postagens. Podemos atribuir o sucesso da temática ao fato de que Juiz de Fora possuía uma arquitetura eclética e também porque a maioria dos imóveis pertencia a famílias abastadas, bastante conhecidas na cidade.

A maioria das imagens está em plano geral, provavelmente para registrar as residências na totalidade. Os equipamentos utilizados pelos autores desconhecidos ou amadores poderiam dificultar a produção de fotos mais elaboradas. Na amostra de 40 fotografias, apenas seis imagens são internas e a maioria é diurna. Elas quase não possuem personagens, salvo em fotos institucionais ou fotografias que reúnem um grupo de pessoas.

Os registros são dedicados a monumentos ou lugares lembrados pela coletividade, sendo vários destes no Centro da cidade, tais como: a escola Normal, o antigo prédio da prefeitura na Avenida Rio Branco, o Parque Halfeld. É válido ressaltar que o Centro de Juiz de Fora possui grande circulação diária de pessoas devido aos pontos comerciais concentrados nesta região.

As fotografias são feitas predominantemente por autores não identificados, que tiveram a iniciativa de guardar um documento do que existiu, através de imagens. Entre as identificadas, parece existir um equilíbrio de fotos profissionais e amadoras. As datas estão na maioria das postagens e demonstram que esta amostra do acervo privilegia um

período histórico entre 1950 e 1980, possivelmente pela popularização de máquinas fotográficas, a partir da segunda metade do século XX.

5.6 Classificação e interpretação dos comentários por categorias

Gostaríamos de enfatizar que o comentário *saudosista*, no qual os membros da *fanpage* exaltam um passado glorioso da cidade ligado ao afeto pelo monumental; *informacional*, em que são objetivos e oferecem dados como localização, data nomes de personagens, etc.; *crítico*, que revela o desprezo dos membros pela não preservação do patrimônio arquitetônico.

O gráfico abaixo mostra os números totais de comentários por categoria. Mas, deixamos claro que alguns deles possuem elementos em duas categorias.

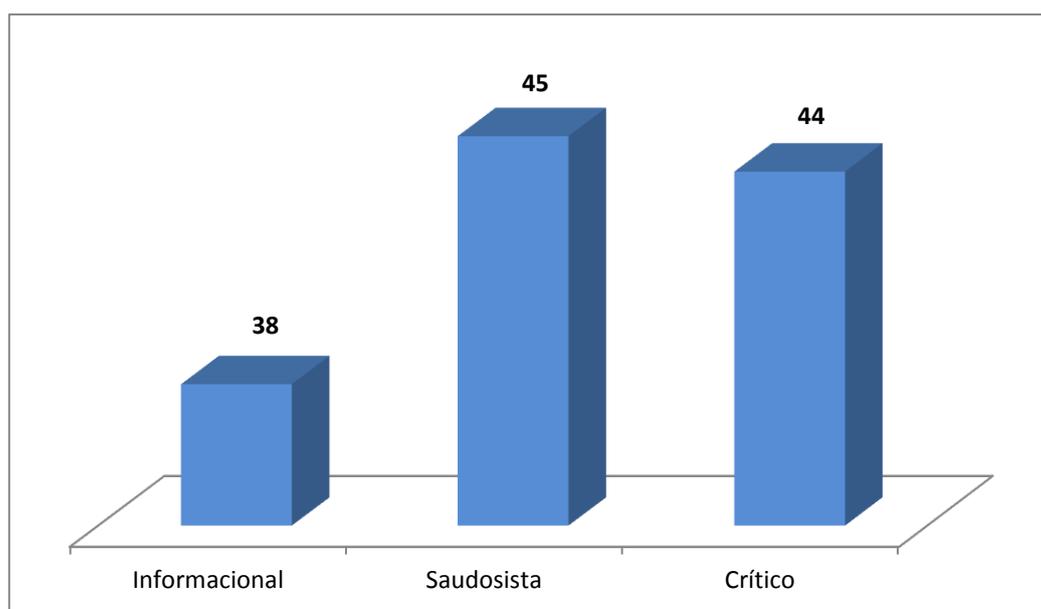


Gráfico VIII – Comentários totais nos meses de maio, julho e setembro de 2014

O número de comentários *saudosistas* é o maior, o que comprova a forte tendência dos juiz-foranos de olhar para o passado da cidade de modo idealizado. Para chegarmos a esta categoria de análise dos comentários, optamos por verificar as palavras com maior número de repetições. Encontramos expressões que fazem parte do mesmo campo semântico: lembrança, recordação e memória com 11 menções; linda,

bela com 05 menções; demolida, derrubada, perda, acabada, destruída com 09 menções; patrimônio, preservada com 07 menções; triste, lamento, saudade com 13 menções.

Os membros sentem falta de “lugares de memória” com os quais se identificam ou têm sensação de pertencimento. Isso pode ser percebido através de comentários que fazem referência a locais que frequentaram em etapas da vida como a infância: “Morei lá durante alguns anos, em fases diferentes da minha vida.” C.S.L.; “Nasci neste bairro em 1960...” L.X.; “Foram muitos passeios até Matias nos domingos de manhã na minha infância!” V.G.

Os *críticos* são relativos aos membros que deixam mensagens favoráveis ou contra as demolições do patrimônio. Nos comentários as pessoas deixam claro a aversão ao fato de que existiam lugares com estilos arquitetônicos diferenciados e foram demolidos por conta de especulação imobiliária da cidade, por exemplo: “A culpa da perda desses imóveis antigos é a ganância dos herdeiros em vendê-los assim que seus entes morrem. E aí sobra para os cofres públicos intervirem e comprar o imóvel com dinheiro público”. A.M. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Em contrapartida, alguns membros não creem que a memória pessoal deva interferir para que as pessoas tenham apego aos locais e/ou monumentos, como no trecho: “Depois reclamam que Juiz de Fora é uma cidade atrasada e não evolui. A culpa táí, toda de vocês, que não deixam a cidade crescer e se modernizar!” H.M. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”). As demonstrações da admiração pela cidade do passado se sobressaem quando comparados com os comentários que defendem o progresso através da modernização.

Os *informativos* aparecem de modo equilibrado pela necessidade de referências que os membros possuem para ativar as memórias, tais como: “Esta foto foi tirada da esquina da Rua Eng. Otto Salzer com a Rua Bernardo Mascarenhas. A primeira casa da direita é a casa dos meus avós José Julião e Carolina Brugger Julião, número 621.” J. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”). São lembradas datas, rotinas dos moradores de algum bairro citado, nomes de personagens, curiosidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória possui uma característica fantasmagórica porque as ruínas criam a presença da ausência. A *fanpage* “Maria do Resguardo” funciona como um espaço destas ruínas, daquilo que não existe mais no plano concreto, mas sobrevive no imaginário dos membros que curtiram a página. Possivelmente, as fotografias postadas no ambiente virtual, ativam a memória dos internautas, visto que são paisagens urbanas públicas, embora de uma cidade “ideal”, com tamanha ordenação que parece de brinquedo. Outra classificação que podemos atribuir a *fanpage* é de um “lugar de memória”, que através de postagens de fotografias, promove ressignificações dos sentidos da cidade. Na nossa cartografia, tratamos das relações simbólicas com Juiz de Fora e de que forma a memória deste local fica registrada no imaginário dos membros da página. A cidade é marcada com características históricas de um passado com imprensa ativa, detinha o título de província cafeeira, recebeu a primeira hidrelétrica de grande porte da América Latina, e forte desenvolvimento industrial, sendo conhecida como Manchester Mineira, traços determinantes da formação da memória.

As lembranças são compartilhadas promovendo um enquadramento da memória da cidade. O gestor da *fanpage* “Maria do Resguardo”, Marcelo Lemos, seleciona o que será postado e os membros negociam as memórias coletivas e individuais para o que deve ser lembrado, legitimando e reelaborando o passado. Ele procura reavivar momentos e fazer conhecer pessoas relevantes para a história da cidade, reafirmando o compromisso de um trabalho sério da página, respaldado por arquivos. Tudo isto, por receio do esquecimento e pela angústia na preservação da memória como resposta à aceleração do tempo, à fugacidade do contemporâneo. Além disso, a cidade perdeu vestígios materiais do passado com a derrubada de lugares significativos para a memória social, como no caso emblemático das demolições da Casa do Bispo e da capela do antigo colégio Stella Matutina, que marcou Juiz de Fora com movimentos que despertaram a população para o assunto “patrimônio”, mudando a forma de reflexão sobre a história.

No *Facebook*, rede com grande popularidade entre os brasileiros, ocorre uma cultura de compartilhamento de histórias de pessoas e locais, ampliando a memória. Encontramos neste ambiente um coletivo de imagens nostálgicas que fazem parte de um acervo de 15 mil fotografias, que revelam memórias subterrâneas ou desconhecidas da cidade. As fotografias publicadas despertam nos membros curiosidade para tentar

desvendar, entender e preencher lacunas de uma narrativa, com registros que fazem parte da formação e da sustentação do imaginário social. Pela continuidade das postagens da *fanpage*, as frações e os restos do passado nos ajudam a projetar significados no presente. Juiz de Fora se encontra embebida em narrativas memorialísticas que talvez possam ser compreendidas pela busca de traços identitários, já que é uma cidade cujos sentidos de fronteira e de cruzamento levam ao território do não pertencimento.

Na pesquisa baseada no alcance, fizemos uma avaliação quantitativa da amostra: analisamos 40 imagens no universo das 30 postagens com maior número de visualizações nos 3 meses. Para a criação de categorias na análise qualitativa utilizamos as fotografias e comentários. Verificamos as temáticas das imagens e percebemos que não há um padrão de assuntos que seja predominante, mas destacamos que a maior parte das fotos tratava de residências que foram demolidas. Nos comentários, os *saudosistas* prevalecem em relação aos *críticos* e *informativos*.

A fotografia reporta a atmosfera de um espaço e exprime sentimentos de um tempo, mas não permite a completude na transmissão de significados. Daí a importância da página, que consegue o nome, a data e o local do conteúdo nas fotos que fixam o mutável e documentam o efêmero, no caso o patrimônio arquitetônico. O espaço público se sobressai em relação à vida privada, pois as fotos na maioria se dedicam a registros monumentais. As fotografias profissionais de obras, por exemplo, provavelmente eram feitas para serem expostas como prestação de contas da prefeitura da cidade. Nestas imagens os membros não demonstram afeto, já que não tiveram contato com o local.

As faixas etárias com os maiores percentuais de acesso são de membros entre 25 e 34 anos. Podem ser fãs que nasceram ou moraram na cidade, que admiram e desejam prestigiar localidades. Talvez, sejam pessoas que tenham uma sedução pelo passado que não conheceram, no caso dos mais jovens. De acordo com o gestor, as fotos são aprimoradas no *Photoshop*, mas não sofrem interferência de cor, modificação de elementos, entre outros recursos que descaracterizariam o registro original. A seleção de publicações feita por Marcelo Lemos privilegia alguns aspectos que evidenciam uma cidade de passado glorioso e ingênuo: diurna, organizada, repleta de construções burguesas, com intenso privilégio de registros do Centro, diversas obras públicas demonstrando desenvolvimento e progresso, sem mendigos, boêmios ou cenas explícitas do caos da vida urbana. Há uma ideia de equilíbrio nos ambientes registrados.

A cidade construída na página é de um passado confortável, que nos leva a um lugar de encontro e identificação ao remontar às origens e a opulência de Juiz de Fora com as residências de industriais, que desperta a saudade dos membros. Os locais nas fotografias da *fanpage* não têm sujeira, muros enormes, cercas elétricas e câmeras de vigilância, cenários muito diversos da cidade atual com inúmeros homicídios semanais, a sensação de violência a todo instante, casas luxuosas que se dispersam nos condomínios de luxo nas regiões afastadas do Centro e prédios que transformaram bastante a estrutura arquitetônica. E são as junções destes vários pedaços das narrativas e fotografias expostas no universo da *Web 2.0*, através da *fanpage* “Maria do Resguardo”, que nos possibilitaram um estudo da memória social para o desenho da cartografia sentimental de Juiz de Fora, que permanece de forma idealizada, bem diferente daquela que é descrita nos jornais diários de hoje.

REFERÊNCIAS

ACESSA. **Juiz de Fora 150 anos.** Disponível em: <http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/2606/>. Acesso em: 18 de out de 2014.

_____. **Biografia Jorge Cury.** Disponível em: <http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/0708/>. Acesso em: 18 de out de 2014.

ALMEIDA, Fabiana. **Narrativas preservacionistas na cidade: a trajetória da defesa do patrimônio histórico de Juiz de Fora através de manifestações populares na década de 1980.** Dissertação. UFJF, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2012/04/Fabiana-Aparecida-de-Almeida.pdf>. Acesso em 13 de out de 2014.

AMORIM, Felipe. **Memorial da Argentina.** Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/34512/ha+dez+anos+argentina+transformava+em+memorial+maior+centro+clandestino+de+tortura+da+ditadura.shtml>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

ARAÚJO, João Batista de. Entrevista concedida para autora em novembro de 2014.

ARAÚJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu.** Rio de Janeiro: Novamente, 2011. 248p.

ARCURI, Ricardo. **Escola Normal.** Disponível em: <http://www.ricardocuri.com.br/jfora/colegfaculd/escolanormal/index.html> Acesso em: 07 de out de 2014.

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento.** Almada : Íman Edições, 2001. 106p.

_____. **Não-lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBERO, Jesús Martín. **Tecnicidades, identidades, alteridades:** mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185p.

BERGSON, Henri. A memória ou os graus coexistentes da duração. In: **Memória e Vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 47-93

BH, Fanpage. **Fotos Antigas de Belo Horizonte.** <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeBeloHorizonte?ref=ts&fref=ts>. Acesso em: 22 ago. de 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 7 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Ramón. Entrevista concedida a autora em novembro de 2014.

BRASILEIRO, História do cinema. **Histórico Cine Excelsior**. Disponível em: <http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/cinema-excelsior/>. Acesso em: 22 de ago. de 2014.

CABANGU, Portal. **Projeto Cabangu**. Disponível em: <http://portal.cabangu.com.br/>. Acesso em: 18 de out de 2014.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.

CESAMA. **Represa João Penido**. Disponível em: <http://www.cesama.com.br/?pagina=joaopenido>. Acesso em: 02 de dez. de 2014.

CNV. **Comissão Nacional da Verdade**. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras, Celta, 1993.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

DUMAS, Véronique. **Nascimento da internet**. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html Acesso em: 01 de out de 2014.

EBC, Portal. **Usuários da internet no mundo**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2014/05/mundo-tera-23-bilhoes-de-usuarios-de-banda-larga-movel-ate-o-fim-de-2014>. Acesso em: 01 de out de 2014.

ESTADAO. **Números do Facebook no Brasil**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-facebook-no-brasil/>. Acesso em: 02 de mar de 2014.

EXCELSIOR, Cine. **Movimento Salve o Cine Excelsior**. Disponível em: <http://www.cinemaexcelsior.com.br/sobre-o-movimento/>. Acesso em: 22 de ago. de 2014.

FOLHA, Site. **Infográficos de uma década do Facebook**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2014/02/78994-uma-decada-de-facebook.shtml>. Acesso em: 27/08/2014.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet**. Suely Fragoso, Raquel Recuero, Adriana Amaral (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2013. 239p. (Coleção Cibercultura).

FUNALFA. **Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage**. Disponível em: http://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta_funalfa/index.php. Acesso em: 13 de out de 2014.

GIROLETTI, Domingos. O processo de industrialização de Juiz de Fora (1850-1930). **Fundação João Pinheiro**: análise e conjuntura: 10 (3): 144-202, mar. 1980.

GLOBO, G1. **Internautas brasileiros no Facebook**. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html> Acesso em: 26 de set de 2014.

GLOBO, G1. **Usuários de internet no Brasil**. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/mais-de-50-dos-brasileiros-estao-conectados-internet-diz-pnad.html> Acesso em: 01 de out de 2014.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. 207p.

_____ ; MARGATO, Izabel (orgs.). **Espécies de espaço**: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: **Memória e Espaço**. Icléia Thiesen Magalhães e Jô Gondar (org.) – Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HENRIQUES, Rosali. **Memória e virtualidade**: as relações entre memória e internet. Projeto de Doutorado em Memória Social. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670> Acesso em: 29 de set de 2014.

INFOESCOLA. **Planos fotográficos**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/fotografia/planos-fotograficos> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

INSTAGRAM. **Rede social de fotografias**. Disponível em: <http://instagram.com>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.

IPEA. **Programa Nacional de Cidades de Porte Médio**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1339&Itemid=68. Acesso em: 13 de out de 2014.

JAMESON, Fredric. **Espaço e Imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Fredric Jameson. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 292p.

JARDIM, Raquel. **Cheiros e ruídos**: estórias [por] Rachel Jardim. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília: INL, 1975. 78p.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo; Aleph, 2008.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

_____. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KNOWLEDGE, Data Center. **Server Farm.** Disponível em: <http://www.datacenterknowledge.com/the-facebook-data-center-faq/> Acesso em: 09 de dez. de 2014.

LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia.** FGV Editora, 2009, p. 79-87.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família.** Leitura da Fotografia Histórica- 2 ed.rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LEMOS, André. **Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade.** Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 2, n. 2,. 2010. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/index.php/URBE?dd1=4469&ddd99=pdf. Acesso em: 08 mai 2014.

LEMOS, Marcelo. Entrevistas concedidas a autora em 2012 e 2014.

LEVY, Pierre. **Entrevista Roda Vida.** Memória Roda Viva. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/entrevistados/pierre_levy_2001.htm. Acesso em 20 abr 2014.

LONDON, Jack. **Adeus, Facebook:** o mundo pós-digital. Rio de Janeiro: Valentina, 2013.

MARCONDES F., Ciro (org). **Pensar - pulsar.** Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.

MATUTINA, Stella. **Site do colégio Stella Matutina.** Disponível em: <http://www.stellamatutina.com.br/> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **A crise da memória, história e documento:** reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia. Arquivos, patrimônio e Memória. São Paulo, UNESP, 1999. p.11-29.

METALICA, Portal. **Museu da memória e dos Direitos Humanos do Chile.** Disponível em: <http://www.metalica.com.br/museu-da-memoria-e-dos-direitos-humanos-do-chile>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

MINAS, Descubra. **Dados Avenida Rio Branco.** Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=210&cod_atrativo=4053 Acesso em: 03 de out de 2014.

MINAS, JF Portal. **História dos bondes em Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.jfminas.com.br/portal/historia/historia-dos-bondes-em-juiz-de-fora>. Acesso em: 02 de dez. de 2014.

_____. **Histórico do colégio Stella Matutina.** Disponível em: <http://www.jfminas.com.br/portal/historia/colegios/historia-do-colegio-stella-matutina> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

MINAS, Tribuna de. **Nostalgia virtual em grupo do Facebook.** Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/nostalgia-virtual-1.1066886>. Acesso em: 22 ago. de 2014.

MIRANDA, Sônia Regina de. **Cidade, capital e poder:** políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira. Dissertação de Mestrado em História - UFF. Niterói, 1990.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MURRAY. Janet H. **Hamlet no holodeck:** o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003. 282p.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano:** exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008. 344p.

NASCIMENTO, Sabrina Munck do. **Nazismo em Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.culturalemajf.com.br/?acrba=conteudo/exibir&conteudo=6>. Acesso em: 01 de dez. 2014.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 506p.

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito:** substratos da identidade. Revista da Associação Brasileira de História Oral. Número 3, junho de 2000. p.109-116.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História** n.17. São Paulo: PUC, novembro de 1998. p.7-15.

OGLOBO. **Número de internautas no Brasil.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120> Acesso em: 26 de set de 2014.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora.** 2 ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

ORKUT. **Rede social.** Disponível em: <http://blog.orkut.com> Acesso em: 10 de out de 2014.

PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. **A preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1982.

PJF. **A cidade de Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

PJF, Patrimônio. **Conselho Municipal de Patrimônio Cultural.** Disponível em: http://pjf.mg.gov.br/conselhos/patrimonio_cultural/lista_imoveis.php Acesso em: 02 de dez. de 2014.

PJF, Tombamento. **Tombamento municipal.** Disponível em: http://pjf.mg.gov.br/administracao_indireta_funalfa_patrimonio Acesso em: 02 de dez. de 2014.

PLANALTO. **Código civil.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 12 dez de 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3-15.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. **A internet em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 279p.

RAINHO, Luiz Flávio. Urbanização e industrialização de Juiz de Fora: pontos preliminares para a elaboração de um projeto de estudo. In: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira (org.). **Juiz de Fora: história e pesquisa**. Juiz de Fora: UFJF, 1990. p. 85, 86.

RECUERO, Raquel. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>. Acesso em 13 de out de 2014.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

RESGUARDO, Maria do. **Blog**. Disponível em: <http://www.mariadoresguardo.com.br/>. Acesso em: 18 de out de 2014.

_____. **Fanpage**. Disponível em: <https://www.facebook.com/MariadoResguardo>. Acesso em: 18 de out de 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 94-95.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 357p.

_____. **Afeto e redes sociais**. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4598:lucia-santaella-lota-auditorio-e-garante-que-o-afeto-conecta-as-redes&catid=131&Itemid=135. Acesso em: 18 de out de 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIGNIFICADOS. **Definição de afeto na Psicologia**. Disponível em: <http://www.significados.com.br/afetividade/>. Acesso em: 23 de fev de 2014.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

TECMUNDO. **A história das redes sociais.** Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>. Acesso em: 01 de out de 2014.

TECNOBLOG. **Facebook compra Instagram.** Disponível em: <https://tecnoblog.net/97576/facebook-compra-instagram>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.

UFJF. **História de Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/portal/universidade/acidade/historia-de-juiz-de-fora>. Acesso em: 24 de mar de 2014.

UFJF, Secom. **Biografia Roberto Dornelas.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2009/10/29/%E2%80%9Cprofissao-fotografo%E2%80%9D-roberto-dornelas-revela-alguns-de-seus-muitos-retratos-em-50-anos-de-carreira/> Acesso em: 03 de dez. de 2014.

UFPA. **Bolha da internet.** Disponível em: <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-h200.htm>. Acesso em: 09 de dez de 2014.

XANGAI. **Funcionamento do trem Xangai.** Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_mg/xangai.htm. Acesso em: 18 de out de 2014.